

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**REPRESENTAÇÕES SOBRE PRÁTICAS ENVOLVENDO DINHEIRO EM
PARÓQUIAS CATÓLICAS, TERREIROS AFRO-BRASILEIROS E
COMUNIDADES NEOPENTECOSTAIS**

ELIZABETE ALVES DE BRITO

Campina Grande
2023

**REPRESENTAÇÕES SOBRE PRÁTICAS ENVOLVENDO DINHEIRO EM
PARÓQUIAS CATÓLICAS, TERREIROS AFRO-BRASILEIROS E
COMUNIDADES NEOPENTECOSTAIS**

Elizabete Alves de Brito

Texto de dissertação, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a aquisição do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Lemuel Dourado Guerra

Campina Grande
2023

B862r Brito, Elizabete Alves de.
Representações sobre práticas envolvendo dinheiro em paróquias católicas, terreiros afro-brasileiros e comunidades neopentecostais / Elizabete Alves de Brito. – Campina Grande, 2023.
97 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra".
Referências.

1. Sociologia da Religião. 2. Dádiva. 3. Dinheiro. 4. Religião.
I. Guerra, Lemuel Dourado. II. Título.

CDU 316.74:2(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

ELIZABETE ALVES DE BRITO

REPRESENTAÇÕES ELABORADAS POR
FIÉIS E LÍDERES RELIGIOSOS SOBRE
PRÁTICAS ENVOLVENDO DINHEIRO
EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ,
PARÓQUIAS CATÓLICAS E
COMUNIDADES NEOPENTECOSTAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais como pré-
requisito para obtenção do título de Mestre
em Ciências Sociais.

Aprovada em: 08/03/2023

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho - PPGCS/UFCC
Orientador

Prof. Dr. Gonzalo Ádrian Rojas - PPGCS/UFCC
Examinador Interno

Profa. Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout - PPGCS/UFCC
Examinadora Externa



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/03/2023, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GONZALO ADRIAN ROJAS, COORDENADOR(A)**, em 08/03/2023, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DA CONCEICAO MARIANO CARDOSO VAN OOSTERHOUT, PROFESSOR 3 GRAU**, em 08/03/2023, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador 3165875 e o código CRC FB4B312F.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM
08 DE MARÇO DE 2023

CANDIDATA: **Elizabete Alves de Brito**. COMISSÃO EXAMINADORA: Lemuel Dourado Guerra Sobrinho, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Gonzalo Ádrian Rojas, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout, Doutora, UACS/UFCG, Examinadora Externa. TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *"Representações Elaboradas por Fiéis e Líderes Religiosos sobre Práticas Envolvendo Dinheiro em Terreiros de Candomblé, Paróquias Católicas e Comunidades Neopentecostais"*. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 09:00h – LOCAL: Sala Virtual (Google Meet). Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua dissertação, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Mestre em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim.

RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 08 de março de 2023.

Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário Acadêmico

LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, Doutor, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientador

GONZALO ÁDRIAN ROJAS, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

MARIA DA CONCEIÇÃO MARIANO CARDOSO VAN OOSTERHOUT, Doutora, UACS/UFCG

Examinadora Externa

ELIZABETE ALVES DE BRITO

Candidata

2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata **ELIZABETE ALVES DE BRITO**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da dissertação e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/03/2023, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GONZALO ADRIAN ROJAS, COORDENADOR(A)**, em 08/03/2023, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 08/03/2023, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DA CONCEICAO MARIANO CARDOSO VAN OOSTERHOUT, PROFESSOR 3 GRAU**, em 08/03/2023, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elizabete Alves de Brito, Usuário Externo**, em 08/03/2023, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3165734** e o código CRC **0BF0AA92**.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, professor Lemuel Dourado Guerra, por ter me acolhido tão bem, sido empático, ter apresentado disposição e ânimo no início da minha jornada de pesquisadora e contribuído tanto para o meu aprendizado no sentido acadêmico e também humano.

Meus agradecimentos se estendem também aos meus familiares: ao meu pai, Edilmo Aprígio de Brito e a minha mãe, Rosa Moisinho Alves, que, dentro das suas possibilidades, criaram dez filhos e lhes mostram que a educação pode ser transformadora. Eles, agricultores que não tiveram a oportunidade de estudar, desde cedo me apresentaram a importância dos estudos; aos meus irmãos mais velhos, Evandilmo Alves de Brito e a Rosinalva Alves de Brito, que também fizeram os papéis de pai e mãe auxiliares, prestando-me assistência material e afetiva; aos meus irmãos Paulo Roberto Alves de Brito e Elma Alves de Brito, que, na infância, me proporcionaram cuidados e afetos que nunca esquecerei.

Agradeço ainda a todos os meus professores por terem acreditado em mim e terem me incentivado a estudar.

Um agradecimento especial aos meus informantes, por terem se disposto a contribuir com a dissertação que ora apresentamos.

Dedico esta dissertação aos meus pais, Edilmo Aprigio de Brito e Rosa
Moisinho Alves, bem como a todos os meus professores.

REPRESENTAÇÕES SOBRE PRÁTICAS ENVOLVENDO DINHEIRO EM PARÓQUIAS CATÓLICAS, TERREIROS AFRO-BRASILEIROS E COMUNIDADES NEOPENTECOSTAIS

Elizabete Alves de Brito

Resumo

Nesta dissertação focalizamos as representações de práticas envolvendo dinheiro em comunidades religiosas, construídas por participantes de três segmentos religiosos selecionados: terreiros de candomblé e umbanda; paróquias católicas tradicionais e carismáticas; e comunidades neopentecostais, especificamente da igreja Verbo da Vida, todas localizadas no município de Campina Grande, Paraíba. A perspectiva teórica combinou as contribuições da teoria da dádiva, de Marcel Mauss e as reflexões de Simmel sobre o papel mediador exercido pelo dinheiro nas interações sociais. Em termos de metodologia, selecionamos para este estudo participantes de cada subcampo de religiosidade, dentre membros comuns e líderes, com os quais realizamos entrevistas semi-estruturadas. Ainda como estratégia metodológica, fizemos observação direta através da frequência sistemática das comunidades selecionadas. Dentre as principais conclusões da pesquisa, destacamos: (1) é recorrente nos três sistemas culturais religiosos estudados, uma representação funcional da circulação, captação e estímulo para que os fiéis entreguem o dízimo e façam ofertas. As práticas de doação de valores monetários são justificadas pela sua função de prover as necessidades operacionais das comunidades religiosas; (2) o dinheiro aparece representado como um meio para mediar as relações entre fiéis e fiéis e entre estes e as divindades de cada modelo de religiosidade. Assim, o dinheiro é visto como dádiva a ser recebida tanto pela comunidade, quanto pela(s) divindade(s), que retribui em termos de 'bênçãos', 'graças' alcançadas; (3) nas entrevistas encontramos uma fricção entre as representações do dinheiro como sendo necessário para as comunidades e não necessário para as divindades, o que aponta para o caráter eufemístico que cerca o dinheiro e o interesse que ele representa nas comunidades religiosas, bem como em outras atividades, como, por exemplo, a produção do saber/da ciência e da arte.

Palavras-chave: Dádiva; Dinheiro; Mediação; Religião

REPRESENTATIONS ON PRACTICES INVOLVING DINHEIRO EM CATHOLIC PARISHES, TERREIROS AFRO-BRASILEIROS AND NEOPENTECOSTAL COMMUNITIES

Elizabeth Alves de Brito

Abstract

In this dissertation we focus on the representations of practices involving money in religious communities, constructed by participants from three selected religious segments: Candomblé and Umbanda terreiros; traditional and charismatic Catholic parishes; and neo-Pentecostal communities, specifically from the Verbo da Vida church, all located in the municipality of Campina Grande, Paraíba. The theoretical perspective combined contributions from Marcel Mauss's gift theory and Simmel's reflections on the mediating role played by money in social interactions. In terms of methodology, we selected for this study participants from each religiosity subfield, among ordinary members and leaders, with whom we conducted semi-structured interviews. Still as a methodological strategy, we carried out direct observation through systematic visits to the selected communities. Among the main conclusions of the research, we highlight: (1) is recurrent in the three religious cultural systems studied, a functional representation of circulation, capture and encouragement for the faithful to deliver the tithe and make offerings. Practices of donating monetary values are justified by their function of providing for the operational needs of religious communities; (2) money appears represented as a means to mediate relations between faithful and faithful and between these and the deities of each model of religiosity. Thus, money is seen as a gift to be received both by the community and by the deity(s), who reciprocate in terms of 'blessings', 'graces' achieved; (3) in the interviews we found a friction between the representations of money as being necessary for communities and not necessary for deities, which points to the euphemistic character that surrounds money and the interest it represents in religious communities, as well as in other activities, such as, for example, the production of knowledge/science and art.

Keywords: *Gift; Money; Mediation; Religion*

SUMÁRIO

Introdução	9
CAPÍTULO 1 – AS LINHAS PRINCIPAIS DO DEBATE SOBRE O PAPEL DO DINHEIRO NO CATOLICISMO, NOS TERREIROS AFRO-BRASILEIROS E NO NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL	13
1.1 O dinheiro na igreja católica.....	17
1.2 O dinheiro nos terreiros afro-brasileiros	21
1.3 O dinheiro no Neopentecostalismo	23
CAPÍTULO 2 – AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE MAUSS E SIMMEL: A ESTRUTURA DA DÁDIVA E O DINHEIRO COMO MEDIADOR DAS INTERAÇÕES SOCIAIS.....	27
2.1 A dádiva	27
2.1.1 A dádiva-sacrifício.....	30
2.1.2 A dádiva de partilha.....	31
2.1.3 A dádiva de atribuição	31
2.1.4 A dádiva de desafio	32
2.1.5 A dádiva-retorno	32
2.2 A cultura do dinheiro	32
2.2.1 O dízimo.....	40
2.2.2 A doação	41
2.2.3 As oferendas	42
2.2.4 As alianças	43
CAPÍTULO 3 – A ANÁLISE DOS DADOS	45
3.1 Descrições das comunidades pesquisadas	46
3.2 Apresentação dos perfis dos entrevistados	50
3.3 A observação direta	52
3.4 A análise das entrevistas	55
Considerações finais.....	85

Introdução

Fredric Jameson, no seu livro *A Cultura do dinheiro* (2001) aponta para a hipertrofia da cultura do dinheiro, do consumo e da comodificação em todos os campos da vida social. O campo¹ religioso não constitui uma exceção, sendo nosso interesse neste trabalho de dissertação analisar como sujeitos sociais participantes de comunidades religiosas diversas representam o papel do dinheiro como mediador de interações entre fiéis e seus líderes e desses com as divindades cultuadas.

O estudo aqui proposto envolve as representações elaboradas por líderes religiosos e fiéis a respeito de práticas envolvendo o dinheiro nas dinâmicas da vida religiosa, de modo a comparar as narratividades de sujeitos pertencentes a paróquias católicas, terreiros afro-brasileiros e comunidades neopentecostais, localizadas em Campina Grande/PB.

Toda instituição ativa economias de trocas simbólicas (BOURDIEU, 1987), seja em formas materializadas ou imaterializadas, sendo estas os objetos de discursos e *performances*, implicadas em uma dialética que coloca em relação o interesse e o *desinteresse* econômico/monetário enunciado.

A intenção no estudo sobre o tema das representações elaboradas por sujeitos participantes de comunidades religiosas sobre os papéis exercidos pelo dinheiro nas dinâmicas da vida religiosa foi despertado ao assistir a um programa televisivo, especificamente o de uma igreja neopentecostal, no qual um líder religioso falava sobre o papel do dinheiro nas relações entre os fiéis e seu deus.

Fazemos a abordagem do tema escolhido a partir da consulta a literatura especializada, como WEBER (2004), na relação sobre a existência de afinidades eletivas entre a ética calvinista e o capitalismo, SILVA (2006) em as ofertas dos frutos conquistados, a relação da dádiva e reconhecimento, BAPTISTA (2007) aborda os sentidos interessados que são dados ao dinheiro nas relações e representações da instituição religiosa, OLIVEIRA (2020) apresenta o dinheiro como o próprio mediador abstrato universal bem na modernidade do capitalismo, inclusive dentro da religião,

¹ O campo social é um espaço objetivamente estruturado de relações entre seus agentes que ocupam posições diferentes segundo a distribuição desigual de recursos simbólicos, ou seja, de capitais múltiplos, o cultural, o econômico, social e o simbólico. Portanto, os campos são o loco da atividade dos indivíduos, onde se legitimam as representações (BOURDIEU, 1988)

BOURDIEU (2008) com sua análise das estratégias de eufemização do interesse e outros, e de um trabalho de levantamento de informações e produção de dados em três sistemas culturais religiosos, os quais são constituídos de estrutura própria, e de certa maneira, são autônomos em relação aos demais, mas se diferenciam pelo tipo de capital: econômico, cultural, social, através do qual pretendemos potencializar o espectro da comparação das narratividades de fiéis deles participantes a respeito da função do dinheiro nas dinâmicas religiosas de que participam, selecionando o subcampo da igreja católica, que historicamente teve uma posição diferenciada da dos evangélicos em geral em relação à doutrina do dízimo, de modo a definir o compromisso dos fiéis em termos de uma economia das ofertas e de doações, além de outras maneiras de obter rendas, seja através quermesses, de alianças e etc; o dos terreiros afro-brasileiros, geralmente associado a uma particular economia da dádiva, traduzida em termos de obrigações estabelecidas pelos fiéis com orixás e ‘santos’; e dos neopentecostais, no qual desde sua constituição observa-se uma significativa ênfase na associação entre compromisso financeiro dos fiéis e o acesso a ‘graças’ e ‘bênçãos espirituais e materiais’.

Nesta pesquisa de dissertação analisamos as maneiras pelas quais, nesses três sistemas culturais religiosos citados, fiéis narram a função do dinheiro nas dinâmicas de religiosidade observadas nas comunidades de que fazem parte.

Através da nossa pesquisa pretendemos entender a especificidade das maneiras de narrar o *modus operandi* do dinheiro na mediação de interações sociais nas comunidades religiosas selecionadas, ao mesmo tempo em que pretendemos observar o potencial metonímico e transposicional/analítico para a compreensão do papel do dinheiro em outras esferas da vida social.

A perspectiva teórica adotada combina as contribuições de Mauss (1924) sobre a dádiva, especificamente em sua obra *O ensaio sobre a Dádiva*, no qual teoriza as interações sociais em termos das formas de trocas que envolvem não apenas as econômicas, mas também as simbólicas, as quais ocorrem através das ações de ‘dar’, ‘receber’ e ‘retribuir’; com as reflexões elaboradas por Simmel em relação à forma dinheiro, focalizando seu papel de mediação exercido nas dinâmicas da esfera da religião, a partir do seu livro *A Filosofia do Dinheiro*.

Nossa pesquisa observa, acompanha e analisa comparativamente, a partir de uma perspectiva socioantropológica, as representações discursivas e as narrativas de experiências de fiéis e líderes das comunidades da igreja católica, terreiros afro-

brasileiros e neopentecostais, relativas a função exercida pelo dinheiro nas interações religiosas estabelecidas.

Como objetivos específicos, destacamos os seguintes: (1) coletar e analisar narrativas de participantes de um terreiros afro-brasileiros, a respeito da função do dinheiro em rituais e atividades nele realizados; (2) coletar e analisar narrativas de participantes comuns sobre a função do do dinheiro em rituais e atividades de paróquias católicas; (3) coletar e analisar narrativas de participantes comuns sobre a função do dinheiro em rituais e atividades de comunidades da Igreja Verbo da Vida; e(4) comparar as narrativas coletadas nas três comunidades, observando as diferenças e semelhanças nos modos dos indivíduos representarem e narrarem suas experiências relativas à mediação do dinheiro nas atividades religiosas nos três sistemas culturais selecionados para a pesquisa.

A metodologia adotada em nossa pesquisa constituiu a frequência sistemática de atividade de membros, de paróquias Católicas, de terreiros afro-brasileiros e de comunidades neopentecostais, todas em Campina Grande, com o objetivo de observar como o elemento monetário aparecia nos rituais religiosos e na tentativa de conquistar a confiança de informantes-chaves que foram entrevistados em profundidade sobre suas visões a respeito do papel do dinheiro nas práticas religiosas das quais participam.

Realizamos observações diretas sistemáticas, frequentando as suas atividades semanalmente há mais de doze meses, realizamos entrevistas semiestruturadas com uma amostra de quatro fiéis de cada um dos segmentos religiosos. Através da participação sistemática nas atividades religiosas das comunidades selecionadas, observamos como o tema do dinheiro era focalizado nas celebrações e ocasiões formais nelas promovidas.

A amostra de informantes foi constituída por quatro membros de cada uma das comunidades que compõem o objeto empírico do nosso estudo, incluindo observações diretas em relação as representações dos líderes, de modo a possibilitar, à luz do que levantarmos na literatura especializada sobre o tema e do trabalho de campo, a comparação entre os três sistemas culturais, no que se refere ao lugar do dinheiro nas atividades e experiências dos sujeitos focalizados.

Com os indivíduos que são membros das comunidades religiosas realizamos entrevistas semiestruturadas, as quais foram transcritas e analisadas a partir dos temas-

eixos propostos, de modo comparativo², tendo como questões norteadoras gerais as seguintes; (1) Através de que operações simbólicas o dinheiro atravessa as experiências religiosas dos sujeitos sociais em cada um dos sistemas culturais focalizados? (2) Quem o pede e quem o recebe? (3) Quem o dá e como se constroem significados sobre o ato de o dar? Como é narrado por sujeitos-fiéis o papel do dinheiro nas interações religiosas? Em que medida são mobilizadas estratégias mais ou menos eufemísticas de estímulo para que os fiéis contribuam financeiramente ou de outras maneiras equivalentes com as instituições religiosas focalizadas?

O texto da dissertação está estruturado em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma revisão da literatura sobre o tema, buscando trazer as linhas gerais do debate sobre a função do dinheiro em dinâmicas e interações realizadas no âmbito de comunidades religiosas, ao mesmo tempo em que apresentamos um painel do que tem sido discutido em relação a cada um dos sistemas culturais aqui focalizados.

No segundo capítulo, focalizamos em aspectos relativos às contribuições teóricas de Mauss e de Simmel, do primeiro destacando sua teoria da dádiva e do segundo o papel de mediação exercido pelo dinheiro nas interações sociais em geral, uma reflexão que focalize mais especificamente as práticas que ocorrem em comunidades religiosas.

No terceiro capítulo, apresentamos uma análise do trabalho de campo realizado através das informações prestadas pelos informantes que fazem parte das três comunidades religiosas dos sistemas culturais selecionados para a pesquisa, tanto em termo das observações diretas realizadas quanto no que se refere às informações coletadas através das entrevistas com os informantes de cada uma das comunidades pesquisadas.

² Não se pode dizer que a ocorrência do mesmo fenômeno sempre se deve às mesmas causas, nem que ela prove que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares. Temos que exigir que as causas a partir das quais o fenômeno se desenvolveu sejam investigadas, e que as comparações se restrinjam àqueles fenômenos que se provem ser efeitos das mesmas causas. Devemos insistir para que essa investigação seja preliminar a todos os estudos comparativos mais amplos (Boas, 2004, pp.31-32).

CAPÍTULO 1 – AS LINHAS PRINCIPAIS DO DEBATE SOBRE O PAPEL DO DINHEIRO NO CATOLICISMO, NOS TERREIROS AFRO-BRASILEIROS E NO NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL

As interações sociais modernas são atravessadas, em todos os campos da vida social, não sendo o da religião uma exceção, por representações envolvendo o dinheiro, o que pode ser construído de um modo mais ou menos visível, a depender do espaço em que se estabelecem as relações dos humanos com o sagrado e o com o profano, ou com a sacralização do que em algum momento pode ter sido considerado do “mundo” ou que tenha uma possível “impureza” que poderia contaminar as interações entre os sujeitos sociais e entre esses e as divindades que cultuam.

Abordar a presença do dinheiro nas dinâmicas das comunidades religiosas pode ser visto por fiéis como algo polêmico, tendendo a provocar tensões entre o/a pesquisador/a e os sujeitos sociais focalizados. Tendo consciência do caráter de tabu que nosso tema implica, passamos a apresentar as linhas principais do debate feito por estudiosos da religião, principalmente a partir de perspectivas socioantropológicas sobre o papel do dinheiro nas representações sociais nos sistemas culturais religiosos do candomblé, da igreja católica e dos neopentecostais.

Antunes, em seu artigo *Marx e o Fetiche da Mercadoria Dinheiro* (2018), destaca que o dinheiro surge nas relações como um elemento marcado pelo seu caráter metafísico, constituindo-se em um parâmetro objetivado do valor das mercadorias, possuindo simultaneamente características abstratas e suprassensíveis.

Segundo Marx (1988), na religião cristã o mundo é metafisicamente representado como uma imagem duplicada, aparecendo, de um lado, as relações humanas, o terreno e sensível; e do outro, o mundo suprassensível onde existe um Deus. Para o autor, o dinheiro atua de modo relativamente autonomizado e independente dos homens, pairando acima de suas consciências e submetendo-os a seu próprio poder de comparação e atribuição de valor das coisas.

Na grande maioria das sociedades contemporâneas todos os espaços sociais são atravessados pela presença do dinheiro, que atua como um dos mais importantes mediadores das relações humanas, adquirindo em setores do campo religioso, um caráter sacramental, atingindo, através de dinâmicas de "lógicas simbólicas diversas, uma significação sagrada" (OLIVEIRA, 2020, p.35).

Segundo Oliveira (2020, p.35), "trata-se, sem dúvida, de um universo totalizante de sacralidade: o dom é consequência de uma experiência do sagrado e, na sua natureza material, é mediador sacramental". O autor ainda, acrescenta que (2020, p.35): "(...) o dinheiro não deixa, secularizado, de funcionar efetivamente como o próprio mediador abstrato universal bem na modernidade do capitalismo", o que pode ser focalizado em todas as esferas da vida social, incluindo a da religião.

A religião possibilita ao indivíduo desenvolver seu poder imaginativo, entrar em estados mentais de êxtase, através de rituais, de representações, da magia, de sistemas de crenças e de éticas envolvendo geralmente trocas econômicas, sejam de um modo mais visível ou menos visível durante os processos de interação social. Como em relação a outros aspectos da vida social, a exemplo das relações amorosas, de amizade, "a presença do dinheiro no campo da fé pode comprometer a pureza da religião" (BAPTISTA, 2007, p.12). Por essa razão, as maneiras pelas quais o dinheiro será incluído nas interações em comunidades religiosas podem ser de maiores ou menores níveis de eufemização, a depender das práticas discursivas desenvolvidas pelos líderes religiosos e pelos próprios fiéis.

Nas religiões, fiéis podem buscar alcançar a cura de doenças, adquirem ou compram bens fungíveis, os quais acreditam que possam mediar a realização de milagres ou a eficácia de forças sobrenaturais de matriz religiosa, como também ofertam bens materiais ou contribuem financeiramente na certeza de que futuramente irão ter a recompensa pelo o que hoje estão a ofertar, doar.

As religiões são modelos institucionais de direções comportamentais, que seja através de rituais, celebrações, representações; quando um sujeito adere a uma determinada doutrina religiosa busca se inserir nas condições que lhe são impostas a fim de se sentir integrado, pertencente aquele meio, de modo que passa a comportar-se de acordo com as direções ofertadas, através de vestimentas, de maneiras de se expressar, de agir ou não agir, do que pode oferecer seja em dinheiro ou em outras formas que estão materializadas ou imaterializadas em sentidos econômicos em formas de dádivas ou condições mediadoras das interações

Tratar sobre religião envolve sentimentos dos fiéis, questões que transcendem a compreensão científica, uma elaboração humana, em que a ciência deve se ater as tendências humanas, e não as experiências individuais subjetivas, mas tratá-las sob um viés de objetividade. A religião é uma construção cultural desenvolvida e modificada pelos indivíduos ao longo dos tempos, o que envolve as simbologias, os rituais, as

representações e as discursividades, como também a presença do elemento monetário, o dinheiro.

Nas interações no campo religioso se tem percebido que algumas igrejas, líderes religiosos e fiéis tem se adaptado à modernidade, de modo que muitos dos rituais, das representações e das discursividades são marcadas pela adesão das tecnologias, da música, de redes sociais para a promoção da figura da igreja e dos líderes religiosos, de comercialização de artigos religiosos, as mediações ocorridas através da oferta financeira entre líderes e fiéis ou sacralização do dinheiro submetido a um processo mais ou menos visível a depender do ligamento ao pragmatismo religioso.

Em momentos de celebrações religiosas os líderes solicitam aos fiéis, de um modo direto ou indireto, uma contribuição de ordem financeira, a qual marca um processo de interação entre o líder e o fiel, o qual pode compreender como um mecanismo mediador da relação de fé com o sagrado, que inclui a adoração a objetos e as relações de crença que envolve a escolha entre o sagrado e o profano ou a sacralização do que antes seria considerado profano.

A igreja católica apresentou diversas influências na história de algumas sociedades seja em assuntos do Estado ou em movimentos sociais. Sua relação com o dinheiro está atrelada ao recebimento de doações e dízimo, quando se trata da teologia da libertação, como também apresenta outras dinâmicas atuais de arrecadar dinheiro, como através das vendas de artigos religiosos, das alianças com políticos e artistas, shows realizados por padres carismáticos, quermesses e outras práticas. De acordo com Pleyers (2020), “o cristianismo da libertação” é uma cultura religiosa e política, além de um movimento social que possui uma visão do mundo e uma leitura das escrituras que busca tornar os pobres e oprimidos os atores de sua própria emancipação contra um sistema que os oprime”. Segundo Boff (2010, p. 95), “[...] foi o Concílio Vaticano II (1962-1965) quem forneceu a melhor justificativa teórica para práticas elaboradas sob o signo de uma teologia do progresso, da autêntica secularização e da promoção humana”.

Os rituais representam relações dos indivíduos com o que consideram o sagrado, são demonstrações através de gestos, de falas e de comportamentos, as representações construídas, as quais geram significados, são práticas ou tradições que podem sofrer variações ao longo do tempo, tendo em vista a possibilidade de mudanças envolvendo a significação dada pelos sujeitos envolvidos em processos ritualísticos, como também as ideias relacionadas à dádiva, a relação de dar-receber-retribuir ou outras mediações construídas pelo dinheiro, quando um indivíduo dá um presente a outro que espera que

haja uma retribuição do presente, quando um sujeito faz uma promessa espera que a divindade a cumpra, pois existe um sacrifício se o pedido for concretizado.

Ainda esses rituais compreendem os momentos de gestos carregados de simbolismo, como de chegada, a saudação, o momento das celebrações, que envolve momentos de pregações carismáticas, e o encerramento, além das orações que são espécies de rituais que os católicos praticam como *senal da cruz*, o *Pai Nosso*, *Glória ao Pai*, o *Ato de Fé*, *Ato de Esperança*, *Ato de Caridade*, *Ato de Contrição*, *Credo*, *Invocação ao Espírito Santo*. É através dessas práticas que os fiéis podem se sentir ligados a sua fé, um sentimento pessoal e carregado de simbolismo, como a adoração a imagem religiosa, a exemplo das de Jesus ou de Maria. O que envolve o momento específico para se falar sobre a importância do dinheiro para a instituição religiosa e o seu funcionamento enquanto meio de contato com o sagrado ou divino.

Na igreja católica, a vida financeira institucional é organizada através do dízimo, de quermesses, de doações e outros modos, como as alianças construídas por políticos e artistas que contribuem financeiramente, sendo o dízimo uma fonte que ao final das celebrações religiosas são feitas discursividades e representações a fim de que se possa ter a contribuição dos fiéis; ou eventos, como as quermesses, que existe a movimentação do dinheiro através da venda de comidas; e também do recebimento de doações, a contribuição para a realização de missas, de casamentos, e nas alianças com intelectuais e políticos, os quais entregam doações para as igrejas e as obras de cunho religioso. A venda de artigos religiosos, como santos e imagens, é uma fonte financeira para a igreja.

O dinheiro tem atravessado de todas as maneiras os campos religiosos, principalmente no catolicismo, que se tem uma doutrina pautada em uma valorização eufemizada no que diz respeito ao pensamento econômico. Até porque por tempos a doutrina cristã da igreja católica foi influenciada por ideias de defesa e contribuições para questões sociais, como a não exploração do pobre e o combate das desigualdades, uma atuação interventiva no sentido de ajudar.

A hipertrofia da cultura do dinheiro, que pode ser compreendida como um crescimento da valorização do mecanismo dinheiro, de modo a verificar como um meio ultranecessário para o ser humano, o que tem atravessado o campo religioso de muitos modos, inclusive, na igreja católica, sob o viés carismático dos ‘novos padres’, o pensamento econômico tem presença forte. Os rituais, as discursividades construídas, as músicas, são mecanismos para a construção da concepção de que se pode alcançar prosperidade, bênçãos, com base nas ofertas financeiras para a igreja, na compra de

artigos religiosos, imagens e outros objetos, os quais atuariam como mediadores da relação do cristão com a divindade.

1.1 O dinheiro na igreja católica

Focalizando a igreja católica, Oriolo (2021), em *Dízimo: Pastoral e Administração*, destaca que se os indivíduos viverem em função do dinheiro serão prejudicados em sua relação com a divindade, pregando o desapego dos fiéis, que devem doar à igreja, para que os sacerdotes tenham satisfeitas suas necessidades, ter os confortos modernos considerados próprios para a posição que ocupam. O autor afirma que:

A Igreja Católica Apostólica Romana necessita da assistência de seus fiéis para se manter, para manter os seus ministros e iniciativas pastorais e assistenciais [...]A comunidade cristã deve possibilitar aos sacerdotes os meios necessários a uma vida honesta e digna.

No artigo *Economia e Missão na Vida Religiosa Apostólica*, Raschiatti (2019) chama a atenção para a necessidade de desdemonizar as incursões da igreja católica enquanto uma instituição capaz de captar recursos financeiros através de atividades imobiliárias – aluguel de propriedades – e outras capazes de construir a sustentabilidade econômica institucional. O autor, um padre xaveriano³, cita que as primeiras discussões sobre as relações entre a igreja católica e a economia de mercado foram iniciadas pelos teólogos católicos franciscanos, Guilherme de Ockam, Pedro Olivi e Duns Scoto (Cf. BRUNI & SMERILLI, 2008; BAZZICHI, 2015; TODESCHINI, 2004).

Raschiatti (*idem*) chama a atenção que as formas de captação tradicional de dinheiro pela igreja católica – as ofertas da comunidade cristã – deveriam ser revistas, introduzindo-se a alternativa de obtenção de recursos com a gestão dos bens imóveis e o comércio, inclusive para que a instituição construísse uma certa autonomia em relação à injunções dos indivíduos e famílias que ofertam mais (RASCHIETTI, *idem*).

Brandão (2019), em *Terapia a serviço do dízimo: Por que sou dizimista? Por que não sou dizimista?* Argumenta que a sociedade moderna está presa ao individualismo, ao consumismo, a uma construção do efêmero, o que gera uma crise econômica na igreja, a qual a afeta em seu funcionamento institucional e nas suas obras de caridade. Tentando convencer o leitor sobre a importância de ser dizimista, recorre à terapia cognitivo-

³ Participante da ordem fundada pelo padre Francisco Xavier, a dos *franciscanos*.

comportamental, buscando substituir a visão negativa dos fiéis sobre o dízimo por uma positiva. No livro supracitado são apresentados depoimentos de pessoas que se tornaram dizimistas, relatando sobre as emoções que sentem ao entregar o dízimo para a igreja, inclusive de modo a agradecerem a Deus através do valor monetário as graças que receberam. No texto é significativa a construção do dízimo como uma contrapartida às ‘graças’ recebidas de Deus.

Embora seja visto como uma doutrina que nasce com o cristianismo, a ênfase no dízimo na igreja católica no Brasil, antes associado com o modelo de religiosidade dos crentes, emergem no último quartel do século passado, sendo objeto de vários textos sacramentais, sermões e campanhas realizadas pelas recém-criadas Pastorais do Dízimo. Trazemos a seguir um exemplo dentre muitos, para que tenhamos ideia de como se apresenta o papel do dízimo no catolicismo brasileiro:

O Dízimo é uma atividade essencial que a Igreja Católica tem de assumir com o máximo de urgência, se quiser manter a dianteira da evangelização. Portanto o Dízimo é uma prioridade por si mesma, e não uma prioridade eletiva. Antes de tudo o Dízimo é um testemunho de fé e não uma simples campanha financeira. Formalmente o Dízimo é uma doação de parte dos rendimentos de cada fiel para manter a infraestrutura da evangelização em seu caráter missionário, pastoral e litúrgico, e a infraestrutura da dimensão da Igreja como entidade jurídica e empregadora (funcionários, encargos sociais *etc.*) e a infraestrutura eclesial (manutenção dos ministros ordenados, taxas *etc.*) e a conservação da igreja-prédio e da casa paroquial, sem nunca esquecer que a prioridade absoluta é a evangelização. Então **o Dízimo só pode funcionar quando os fiéis estiverem movidos pela fé**. Logo, **o Dízimo é uma questão de fé** [...]. Para isto, a pastoral do Dízimo deve organizar reuniões para alimentar a espiritualidade do dizimista. **O entusiasmo do Dizimista reflete uma espiritualidade madura**. Considerando que a fé é o coração e o maior investimento da Igreja, a pastoral deve ser dinâmica e não simplesmente determinada pelo **dinheiro** disponível. A própria pastoral é uma realidade dinâmica e geradora de recursos. Portanto é da pastoral, quando autêntica, que nascem os recursos necessários. O Dízimo se encontra aí e é uma resposta consistente. (Padre Valeriano dos Santos Costa – Pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria – Capela da PUC/SP [negritos da autora da dissertação])

Vale destacar nesse trecho emblemático do *novo* discurso da igreja católica sobre o dízimo, a associação entre ele e a fé e com a ‘espiritualidade madura’, bem como a referência explícita ao dinheiro.

Vejamos outro exemplo de produção confessional sobre o dízimo, o que toca diretamente o tema das representações do dinheiro na igreja católica. Trazemos a seguir um trecho também emblemático:

É por isso que entendemos certas atitudes de alguns colegas/irmãos de ministério. Têm que dar o máximo de si – com algumas extravagâncias – para ver se conseguem alguns fiéis a mais. **Alguns trocados a mais**, pois aqueles outros – artistas religiosos e visionários midiáticos – levam tudo para suas campanhas de sócio contribuinte e dizem que é evangelização. Neste livro, nosso objetivo será refletir sobre o dízimo em cinco etapas, às quais chamamos de “leis”. Por detrás da expressão dízimo existe uma lei, uma força, uma energia, uma graça, uma sabedoria, uma determinação que movimenta o contribuinte no sentido de responder a um apelo. Esse ato, sumamente intenso, faz do contribuinte uma pessoa diferente das demais. Isso faz entender que **o dízimo, em si, não é uma questão de dinheiro, mas de uma força motivadora e interior**. Sem a condição de uma espiritualidade da comunhão, o dízimo não faz sentido. Certamente, esse é o desafio que devemos aprender com o tempo e com a experiência do que vamos fazendo a cada mês, a cada dia. Optar pelo dízimo é fazer uma experiência nova de comunidade; é um modo de existir eclesial que diferencia das demais experiências de pastorais. Quando propomos o dízimo, estamos dizendo interiormente que ele carrega essa força. Na maioria das vezes, as pessoas não entendem essa atração pelo dízimo. Pensam nele como mera obrigação, **uma espécie de pagamento** e nada mais. **Isso deixa uma sensação de repulsa**. Com isso, a opção pelo dízimo não gera nenhuma resposta, pois fica aquela ação sem motivação. O dízimo fica sem graça, sem gosto de comunhão. Feito por fazer. A opção pelo dízimo fica lerda e desmotivada. (GASQUES, 2017, pp. 77-8) [Negritos da autora da dissertação]

Junto com as ofertas e contribuições esporádicas, resultantes de campanhas ou da convicção da obrigatoriedade de sustentar a instituição e suas ações, vemos no trecho acima citado a associação entre o dízimo e a vida comunitária, um modo de existência eclesial.

O dinheiro é citado explicitamente e também através da expressão *trocados*, sendo associado com a ideia de *natureza*, de leis e de ‘uma motivação interior’. Interessante ressaltar também a menção à repulsa que ver a contribuição financeira do dizimista como um mero *pagamento* geraria.

Segundo Souza (2007), a teologia da prosperidade⁴, baseada na ideia de que o investimento financeiro nas atividades das instituições religiosas teria como efeito a

⁴Doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. [...] o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, segundo essa teologia, é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento. [...] Sem culpas, sem rodeios ou escamoteações, esses crentes estão legitimamente interessados em bem viver a vida. Não é à toa que os testemunhos de bênçãos dos crentes bem-sucedidos levados ao rádio e à TV, além de discorrerem sobre conversão a Jesus, renúncia às religiões idólatras, casamentos restaurados, curas milagrosas, superação da depressão, do alcoolismo, do uso de drogas e até do envolvimento em crimes, falam de empregados que se tornaram patrões, aquisição de carros e imóveis luxuosos, de lucro nos negócios, de sucesso e vitória nas mais variadas atividades. (MARIANO, 2014, pp. 44-45)

conquista de bens e sucesso materiais, historicamente uma marca do neopentecostalismo, tem sido também observada na vertente da Renovação Carismática Católica (RCC).

Vejamos o exemplo de depoimento de uma fiel da RCC citado por Lacerda e Papali (2006, p. 1868):

O capeta tem tirado a saúde dos servos do Senhor, o demônio tem prejudicado a situação financeira dos servos do Senhor, nós (aponta para o marido) não tínhamos dinheiro nem para pagar o ônibus do nosso filho. Então nós oramos e está acabando o ano e nós estamos pagando a faculdade e não passamos fome, pagamos a luz, a água. A gente tem que ser fiel nos díizimos e ofertas e tem que dizer ‘eu quero esse carro’ e confiar no Senhor. (Depoimento de Sônia Cantão Alves, no Cenáculo de Maria da RCC de São Sebastião, SP, em 09/10/2005)

No trecho do depoimento acima citado vemos uma associação entre fé, contribuição financeira e retorno que seria dado pela divindade, um dos princípios fundamentais da Teologia da Prosperidade.

É interessante observar como a igreja católica constrói a argumentação e a concepção do díizimo e do ser dizimista. Vejamos um exemplo de trecho da orientação sobre esse tema, produzido pela paróquia de Cachoeiro do Itapemirim⁵:

f. Do ponto de vista da legislação, o díizimo se caracteriza como doação. Por isso, recomenda-se:

. Registrar o valor de cada contribuição;

. Dê-se, a cada dizimista que solicitar, o recibo da contribuição;

. Respeitar o direito à privacidade referente à quantia com que cada dizimista contribui.

g. A divulgação periódica dos resultados e da sua aplicação é necessária não apenas para motivar os dizimistas à perseverança, mas principalmente para aprofundar a experiência comunitária e a corresponsabilidade missionária.

h. Cuidado com a **linguagem**: é necessário haver consciência dos significados associados às palavras utilizadas para expressar a colaboração como díizimo. **Contribuir** (é a opção mais adequada). Contribuindo com o díizimo, os fiéis dão de si mesmos e de seu trabalho, por meio de parte de seus rendimentos ou bens, postos à disposição do objetivo comum que é a evangelização. (portanto, abolir expressões como “Pagar”, “Ofertar”, “Doar”, “Devolver”, “Consagrar”, “Entregar”, “Recolher”, “Arrecadar”...). “Partilhar” é outro termo apropriado.

5 Disponível em:

<https://www.diocesecachoeiro.org.br/arquivos/pastoral/CAPACITA%C3%87%C3%83O%20PARA%20EQUIPE%20PAROQUIAL%20DA%20PASTORAL%20DO%20D%C3%8DZIMO.pdf> [Acesso em 19 de setembro de 2022].

Como vemos acima é possível depreender que a igreja católica demonstra o caráter delicado que envolve a doutrina e prática do dízimo, associando-as às concepções de fidelidade, comunidade e responsabilidade com o sustento da instituição bem como com a evangelização. Vale ressaltar a exortação referida às palavras que os participantes da Pastoral do Dízimo devem usar em quais devem evitar, sendo o segundo grupo formado por termos que indicam uma relação com a materialidade do dinheiro e com o que se faz com ele.

1.2 O dinheiro nos terreiros afro-brasileiros

É de se mencionar que as religiões afro-brasileiras carregam em si uma importância cultural no sentido das representativas para os sujeitos que são adeptos, a saber do candomblé e da umbanda, o candomblé é uma religião de origem africana, já a umbanda é originalmente brasileira, com aspectos do catolicismo, do espiritismo.

No campo das religiões afro-brasileiras também existem aspectos relacionados ao capital econômico, conforme destaca José Renato de Carvalho Baptista (2007), na sua obra *Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé*, no qual o autor aborda os sentidos interessados que são dados ao dinheiro nas relações e representações da instituição religiosa, de modo a destacar que “dinheiro é um elemento constitutivo das relações”. Porém, afirma o autor que existe “a tensão e o constrangimento decorrentes da ideia de poluição do espaço sagrado da religião pelo domínio interessado do dinheiro.”

Gonçalves e Oliveira (2022) destacam que o dinheiro no candomblé tem aspectos mercadológicos que são expressos através de serviços ofertados, como os trabalhos de “amarração de amor” e jogo de búzios. Os serviços realizados, assim compreendidos como “religioso-magísticos” (HOFFMAN, 2021). Sendo assim, ainda afirmam que ao “considerar o dinheiro uma “dádiva”/“axé” ocorre a descaracterização dele enquanto “coisa” e capital, como algo única e exclusivamente material, o terreiro se destoa das visões de “mundos hostis” como unidades domésticas de domínio exclusivo de sentimento e solidariedade no qual qualquer intrusão de cálculo econômico ameaça a intimidade.

Nas religiões afro, orixás podem trazer mensagens para quem está participando da celebração religiosa e também a aqueles são trazidas oferendas e recebem caracterizações,

das oferendas é comum cigarros, charutos e bebidas alcoólicas, como o vinho, o que não deixe de estar presente o elemento monetário, mas em formas de dádivas. Na umbanda ou no candomblé, especificamente no culto a jurema, “a Jurema é eminentemente o culto do tabaco, fumado de cachimbos, charutos e cigarros. Quando baixam, mestre e caboclos, gostam de aspergir os consulentes com fumaça.” (MOTTA, 2020, p.13), é possível essa experiência em elementos monetários em formas de objetos

Na umbanda e no candomblé, as representações sociais envolvem cultos aos objetos, como o uso de vestimentas e uso de bebidas, de cigarros, de charutos, os quais são servidos aos orixás para dar início às representações nos terreiros.

É comum que algum orixá tenha um recado ou profecia de um orixá para alguém que esteja participando das representações no terreiro, seja na condição de expectador ou de participante da gira. Também é comum que as representações tenham pedidos de prosperidade financeira e de saúde, e ao fim do ritual os pedidos de contribuições financeiras para os orixás que se apresentam naquela gira, assim como também os indivíduos que fazem parte desse segmento religioso entram em obrigações financeiras com os orixás.

Nos terreiros afro-brasileiros, a presença do dinheiro é revelada através dos objetos simbólicos para os orixás, como, os perfumes, a vestimentas, as bebidas, os cigarros e os charutos, e ao fim das giras se é perguntado se alguém deseja contribuir para determinado orixá. Dessa forma, a presença do dinheiro é velada, organizada, eufemizada.

A presença do dinheiro em atos religiosos pode ser motivo de profunda desconfiança. Há uma economia própria que caracteriza os gestos e as ações ligados às coisas sagradas, que guarda largas distinções das atitudes humanas perante as coisas mundanas. (BAPTISTA, 2007, p.28)

O dinheiro é, para algumas religiões, considerado como impuro, como profanado, como parte de coisas mundanas que pode ser causador de conflitos e de muitos dos males existentes, e quando misturado à religião pode comprometer o sagrado. Mas quando colocado sob o viés de mediador da relação entre o fiel, o líder religioso e a divindade, ocorre um processo de sacralização, e o dinheiro ganha outra forma.

Mas também é de se mencionar que sob a teologia da libertação se tem os votos realizados por fiéis para a busca por justiça social e o envolvimento em movimentos que tem pautas progressistas e assistencialistas, em todas as denominações religiões é possível

notar a adesão em alguns aspectos a essa teologia. Segundo Boff (2010, p. 14), “A Teologia da Libertação encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres”, o que também é presente não somente no catolicismo, mas nos terreiros afro-brasileiros.

A presença financeira nessa religião é marcada em boa parte pela presença de oferendas, como as doações de bens materiais, como bebidas, cigarros, objetos para a realização dos rituais, os quais carregam um significado simbólico de mediador da relação entre o fiel e o sagrado, ou seja, o orixá.

Outra maneira do dinheiro estar presente nos rituais do candomblé é através do jogo de cartas, assim “os Pais ou Mães de santo, como intermediários entre as pessoas e os orixás, descobrem informações sobre uma pessoa no jogo de búzios, com a ajuda de conchas. A maneira como as conchas caírem no jogo significa uma mensagem dos orixás que o Pai ou a Mãe de Santo depois interpreta” (JINOVA, 2020, p.34). Ou ainda por leituras ou perguntas pessoais que são monetizadas, além de aconselhamentos, seja na forma presencial ou virtual, com valores estabelecimentos, geralmente esse dinheiro é convertido em ações para o terreiro e o cumprimento de obrigações com os orixás.

Em relação à dinâmica de recebimento de dinheiro e exposição de serviços, alguns terreiros apresentam jogos de cartas com previsões sobre a vida pessoal do consulente e incluem até mesmo o recebimento através de pagamento em forma virtual, como o *pix*, como também incluem as redes sociais como meios para a veiculação dos serviços que são realizados, como tem sido comum em muitas religiões, além disso alguns objetos são ofertados também para a proteção, como colares que representam o que alguns orixás podem proteger o indivíduo em alguns campos ou dar sorte na jornada.

Nossas oferendas costumam ser, em sua maioria, flores, frutas, velas, fumo e bebidas que oferecemos aos Orixás ou aos Guias como forma de agradecimento ou homenagem, pois sabemos que a energia daquele elemento e sobretudo, a energia de amor e fé que é colocada naquela oferenda, será manipulada pelos Guias Espirituais conforme a nossa necessidade. O que há de mais sagrado em qualquer oferenda é, sem sombra de dúvidas, a intenção. Podemos oferecer um banquete de amor com uma simples rosa e uma vela, ou uma oferenda sem qualquer axé, se entregamos apenas por obrigação, ou sem entender o seu significado mais profundo. (LINARES, 2019, *s.p.*)

1.3 O dinheiro no Neopentecostalismo

O neopentecostalismo tem uma relação mais visível com o dinheiro do que outras vertentes religiosas. As igrejas neopentecostais assumem, segundo Oro (2001) o interesse pelo dinheiro.

Santos (2019), em sua obra *Templo é dinheiro: o uso do território pelas igrejas neopentecostais na cidade de Maceió-AL*, afirma que as igrejas neopentecostais criam discursos de competição, de sucesso profissional e de consumismo, além de problemas espirituais dos indivíduos, como sendo todos voltados e resolvidos através do dinheiro. E ainda nesse sentido o autor ratifica que o capital é a marca do neopentecostalismo, seja através do dinheiro em sua forma simbólica. Segundo Rubem Fonseca Flexa (2018) o neopentecostalismo apresenta uma “visão capitalista da espiritualidade”, sendo um movimento religioso advindo do evangelicalismo ou do protestantismo histórico, que traz uma nova vertente, baseada no carisma e na teologia da prosperidade, ou seja, o “dom” de profecias, o falar em línguas espirituais (glossolalia) e a relação com o espírito santo como meio de receber bênçãos, associada com a visão da entrega do dízimo e de ofertas com a finalidade de alcançar sucesso familiar, financeiro, amoroso, profissional, *etc.*

Weber (2004) identificou a existência de afinidades eletivas entre a ética calvinista e o capitalismo, na medida em que ela moldava subjetividades nas quais a acumulação de riquezas, a disciplina no trabalho, o ascetismo intramundano eram vistos como sinais da salvação, da posse do *status* de “escolhido de Deus”.

O neopentecostalismo ganhou força no Brasil a partir de meados da década de 1980, trazendo como uma marca significativa a vertente da teologia da prosperidade, envolta da busca por crescimento econômico:

A Teologia da Prosperidade parte do princípio de que todos são filhos e filhas de Deus e, portanto, recebem os benefícios dessa filiação em forma de riqueza, livramento de acidentes e catástrofes, ausência de doenças, ausência de problemas, posições de destaque etc. Essa “teologia” oferece fórmulas para fazer o dinheiro render mais, evitar acidentes, livrar-se de doenças e problemas, aumentar as propriedades, além de viver uma vida sem dificuldades. (LEMOS, 2017, p. 34)

As práticas discursivas da teologia da prosperidade se baseiam em estratégias emocionalistas, propondo uma renovação espiritual a ser ativada pelo cultivo da intimidade com o espírito santo, o que se expressa em potencial extasiático.

Os rituais são significados pelos indivíduos e tudo dependerá do estabelecimento de interação entre os envolvidos nas práticas, as quais requerem que haja encontros entre

aqueles que desejam participar dos atos ritualísticos, seja através de expressividade corporal ou linguística, o que inclui também *performances* envolvendo elementos financeiros/materiais/simbólicos, os quais expressam *status* e poder no subcampo religioso considerado.

Nas igrejas neopentecostais, a relação de fé é acompanhada de um discurso religioso efervescente, baseado na teologia da prosperidade, no qual se fazem associações entre a generosidade das ofertas, a fidelidade no dízimo e a conquista de ‘bênçãos’ e ‘prosperidade financeira’.

Para muitos fiéis neopentecostais, é importante que possam contribuir com a igreja com tempo, dedicação e financeiramente. O montante da contribuição é considerado um elemento de afirmação da identidade e do pertencimento à comunidade de fé.

Se tratar sobre dinheiro em algumas religiões pode envolver um certo grau de tabu, nas igrejas neopentecostais, o falar sobre o dinheiro é comum e não envolve um medo ou tentativa de mascarar. O tema é enfatizado, sendo em muitas situações o objeto central das pautas. Em todos cultos que frequentamos, ao final ou início dos cultos líderes e pastores insistem na importância de contribuir financeiramente para a igreja. Falar e enfatizar a importância de ofertas e do dízimo, práticas que envolvem o dinheiro nas celebrações neopentecostais é uma decorrência da difusão da teologia da prosperidade.

Em outros campos religiosos, como no segmento dos neopentecostais, através de recursos voltados à prosperidade financeira, observados é possível perceber maior grau de eufemização do apelo para que os fiéis contribuam, havendo mesmo, de alguma forma uma certa tensão ao se mencionar especificamente o nome “dinheiro”, na medida que gera um sentimento, nos líderes e nos fiéis, de impureza, de contaminação da religião, embora não se deixe de sacralizar o elemento monetário.

No neopentecostalismo, o dinheiro assume um sentido positivo, como símbolo que realiza a mediação privilegiada com o sagrado em espaços de troca ritual. Além disso, o dinheiro não é somente percebido como um símbolo em si. Trata-se de um símbolo que recebe uma graduação de acordo com uma lógica econômica. Por outras palavras, não se trata de o fiel simplesmente ofertar -dar -dinheiro para receber os benefícios esperados, mas, antes, de ofertar segundo parâmetros quantitativos nos quais prevalece a crença de que dando mais, mais chances desfrutará ele de alcançar a graça: a grandeza da graça depende, inclusive, do valor ofertado. (ORO, 2001, p. 82)

Dentro de diversas atividades religiosas realizadas em igrejas neopentecostais, especificamente nos cultos, muitos testemunhos são apresentados, principalmente

aqueles que envolvem sujeitos que tiveram, graças à generosidade e fidelidade nas ofertas, ‘mudanças de vida’, para os quais, de alguma maneira, a prosperidade financeira e em outros setores da vida chegou.

De acordo com Drance Elias da Silva (2006), a espiritualidade centrada na oferta mobiliza a ideia de que o indivíduo está lançando mão do mais importante, representando o dinheiro ofertado à igreja um parâmetro do entusiasmo, da espiritualidade do fiel, que oferece testemunho dos frutos conquistados e recebe da comunidade o reconhecimento.

Malinowski, na sua obra *Os Argonautas do Pacífico* (1978), ao observar os habitantes das Ilhas Trobriand, abordou que a questão econômica não envolvia uma relação estritamente comercial, referindo-se a necessidades emocionais. No campo religioso, o dinheiro, a oferta, o dízimo, as doações de objetos, terrenos *etc.* são elementos também ligados a necessidades emocionais do fiel.

Nas igrejas neopentecostais, quem pode contribuir muito ganha uma posição de destaque na igreja, ocupa mais espaço e valorização dentro da instituição religiosa, habilitando-se para ‘realizar profecias e receber bênçãos especiais’, sendo o montante e a regularidade com que se doa uma condição de *status* e de poder (ORO, 2001).

A circulação de dinheiro em igrejas neopentecostais e também em outros modelos de religiosidade pode ocorrer através do firmamento de alianças entre o líder religioso e políticos, através de doações; pelas vendas de produtos e objetos considerados sagrados; através da venda de discos, livros, *cds*; e pelas ofertas especiais para a realização de obras, bem como na forma de economia de recursos financeiros, através do uso de trabalho braçal realizado por fiéis, para limpar a igreja, construir, pintar e realizar outras atividades.

CAPÍTULO 2 – AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE MAUSS E SIMMEL: A ESTRUTURA DA DÁDIVA E O DINHEIRO COMO MEDIADOR DAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Neste segundo capítulo, trazemos uma abordagem acerca da dádiva, seguindo a obra de Marcel Mauss, *O Ensaio Sobre a Dádiva*, e a inspiração em Georg Simmel, no seu *A filosofia do dinheiro*, no qual o apresenta enquanto mediador das interações sociais em geral e por analogia, das religiosas. Fazemos uma abordagem de como a lógica da dádiva vem abrindo espaço para a hipertrofia da cultura do dinheiro em seu poder de atravessamento de todas as relações sociais, inclusive as estabelecidas no campo religioso.

2.1 A dádiva

A dádiva representa no campo religioso, um forte marco para a construção dos laços de solidariedade e de pertencimento a comunidades de fé, pois, a noção de que um fiel através das suas boas ações, como através da doação, enquanto cristão receberá da divindade ou das divindades graças em sua vida. A dádiva é, pois, um instrumento em nome do laço social e invocado como perspectiva positiva das relações sociais. “A dádiva é um gesto socialmente espontâneo, um movimento impossível de captar em movimento, uma obrigação que o doador dá a si mesmo, mas uma obrigação interna, imanente” (GODBOUT, 1998, p.9).

Torna-se uma condição do ser humano, traduzida como gestos de humanidade, relativamente desinteressados. A lógica da dádiva está ligada ao desinteresse, pelo menos sob o ponto de vista da objetividade, tendo como pressuposto um caráter de obrigação tanto em que doa e quem recebe a doação, na perspectiva de mediadora das interações sociais em termos de dar-receber-retribuir.

Em todas as interações sociais os indivíduos imprimem seus interesses, colocados em contato através da economia da dádiva, como proposto por Mauss (2003), a qual ativa diversas camadas da economia da troca, as quais podem estar mais ou menos evidentes, serem mais ou menos ditas. De qualquer forma, o triângulo dar-receber-retribuir atravessa o tecido geral das interações sociais, não sendo diferente no campo da religião.

Logo no início de ‘Ensaio sobre a dádiva’, Mauss chama a atenção para o fato de que muito das trocas e os contratos sociais em geral se fazem na forma de presentes voluntários, mas que implicam em certo grau de obrigatoriedade, na medida que geram

uma pressão para a retribuição. Esse autor ressalta que, sob o caráter voluntário e aparentemente livre e gratuito, ao mesmo tempo obrigatório e interessado das prestações que se apresentam sob a forma do presente, do agrado oferecido generosamente, há um potencial de formalismo, de ficção social, sob os quais se encontram subjacentes a obrigação e o interesse (MAUSS, 2003, p.188).

A dádiva, para Mauss (*idem*), implica uma dimensão simbólica, presente nos atos de dar, receber e retribuir. Mesmo nas sociedades ditas complexas, esse simbolismo vai além da dimensão exploratória do sistema gerado pelo capital. São gestos permeados de sentido, sentimentos e linguagens significantes dentro das relações sociais (JUSTAMAND; DE VARGAS, FLORES; PAIVA, 2020).

A troca envolve a satisfação de necessidades dos indivíduos, unindo-os coletivamente, mediante uma relação com o interesse, o que pode envolver as trocas de conteúdo econômico, que são eufemizadas através das definições socioculturais de ‘oferendas’, ‘dízimos’ e outras maneiras de contribuir material e economicamente com as atividades de instituições ou de líderes religiosos. Já a doação envolve a ideia do desinteresse, o que também é construído socialmente e tem poder racionalizado sobre o doar e quem recebe a doação.

Adotando-se a perspectiva de Mauss (*idem*) pretende-se destacar os pontos em que a dádiva é a mediadora das relações entre líderes religiosos e fiéis, entre fiéis e entre os fiéis e os objetos considerados sagrados nas comunidades de fé das quais participam.

A dádiva tem um aspecto de jogo desinteressado de interesses entre os indivíduos, pois se está dentro do campo subjetividade, em que o sujeito concebe as dinâmicas de dar-receber-retribuir como uma responsabilidade interna, uma condição e função humana, o que, de certo modo afasta da visão mercantilizada do pagar, o que subjetivamente apresenta uma mudança de sentidos e significados para os indivíduos.

A cultura fornece meios significativos para as interações entre os sujeitos, podendo ser compreendida como estando pronta para eles quando dos processos de socialização e também como algo que pode ser reformulado por eles, a depender dos interesses que estejam em jogo.

É nas interações sociais que os laços entre os sujeitos são construídos. Estoques de conhecimento e modelos de identidades são compartilhadas a todo instante, em processos de construção e reconstrução de sentidos ou de significações do que os indivíduos sentem, dizem e performatizam. O sujeito que interage está invariavelmente em um sistema de trocas, em cujo âmbito fornece contributos e também recebe.

Todos esses grandes sistemas de organização supraindividuais, aos quais se deve o conceito de sociedade, não passam de cristalizações – dadas em uma extensão temporal e em uma imagem imaculada – de efeitos mútuos imediatos, vividos a cada hora e por toda uma existência, de indivíduo para indivíduo [...] Mas a sociedade, cuja vida se realiza em um fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação. (SIMMEL, 2006. pp. 17-18)

As relações sociais são mutáveis, frágeis, marcadas por dinâmicas mercadológicas, em que o dinheiro tem exercido papel decisivo. No campo religioso, como já argumentado no capítulo anterior, várias operações simbólicas são mobilizadas de modo a produzir a circulação de dinheiro sob o manto do desinteresse, enfatizando-se o conceito de dádiva em cadeias simbólicas diversas.

Para Simmel, a sociedade teria como base as “sociações”, formas ou modos através dos quais os interesses ou as motivações funcionam como organizadores das relações sociais. Nessas relações de trocas há os mais variados mecanismos sociais, objetos, alimentos e até mesmo a presença do dinheiro, seja na forma física ou não, é um mecanismo social mediador das interações sociais, atravessando todos os laços estabelecidos de modo mais ou menos velado.

No campo religioso, as dádivas podem se apresentar em diversas modalidades ou também terem alguns aspectos que são comuns, aparecendo na discursividade dos líderes religiosos em termos de sacrifício, atribuição, partilha, desafio, retorno, dentre outros. (SILVA, 2006).

Essas modalidades sob as quais se enuncia o estímulo à dádiva são significadas pelos fiéis, inspirando-os a contribuir de alguma maneira. Essas maneiras de falar sobre a dádiva podem variar ou ter aspectos comuns em campos religiosos como na igreja católica, evangélica neopentecostal e candomblé.

A “dádiva sacrifício” consiste em dar o máximo que puder; a “dádiva atribuição” é a formulação de um contrato do fiel com a divindade, através do qual este, se alcançar a graça buscada, retribuirá em termos de ofertas; a “dádiva partilha” se refere a um testemunho sobre situação enfrentada e graça alcançada, a “dádiva desafio” é definida como ofertar a Deus para desafiá-lo a cumprir uma promessa que o fiel interpreta que seu

deus tenha lhe feito;a“dádiva retorno” consiste em continuar dando sem esperar o retorno (SILVA, 2006).

Esses sistemas de dádiva representam as relações simbólicas estabelecidas entre os fiéis e suas divindades nos campos religiosos, os quais são objeto de significações e de representações por parte do fiel e do líder religioso.

Os modos de representar a dádiva para o fiel envolvem um sentimento de que ela media a relação com a divindade, sendo uma condição para que “graças”, “bênçãos” sejam alcançadas.

As relações entre fiéis e divindades assim concebidas envolvem a ideia de contrato, mediado por diversas formas de doar, ofertar, dizimar, cumprir obrigações, estando sempre presente a ideia de reciprocidade, como afirma Mauss em sua obra sobre a dádiva.

Passemos a ver com mais detalhes a tipologia de dádivas acima anunciada.

2.1.1A dádiva-sacrifício

Muitos indivíduos, ao exercerem as suas religiosidades, propõem-se a realizar determinados sacrifícios que expressam sua relação com a divindade ou divindades. Todo sacrifício realizado pelo fiel se constitui em uma dádiva, sendo recorrentemente compreendido como uma ação que exige o máximo de entrega do indivíduo, seja pessoal ou através da doação de algo material ou imaterial.

A ação irradiante do sacrifício é aqui particularmente sensível, pois ele produz um duplo efeito: um sobre o objeto pelo qual é oferecido e sobre o qual se quer agir, outro sobre a pessoa moral que deseja e provoca esse efeito. Às vezes, ele só vem a ser útil sob a condição mesma de ter esse duplo resultado (HUBERT& MAUSS, 2005, pp.16-17).

A dádiva-sacrifício pode ser manifestada através de doações ou oferendas vultosas, que para cada fiel representa subjetivamente um poder, uma entrega, um dar que consistiu em uma obrigação interna.

Em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado”. O objeto que é consagrado para a divindade é o mediador entre o homem e o deus ou deuses, pois não estão em contato direto. (HUBERT; MAUSS, 2005, p. 15)

A dádiva sacrifício pode estar presente em todos os campos religiosos e representa para o fiel uma verdadeira entrega de si mesmo em seu ato religioso, apresentando sentidos e significados relativos a sua relação com o seu deus.

2.1.2 A dádiva de partilha

Constitui-se esse tipo em momentos de enunciação pública das dádivas alcançadas através de práticas religiosas exemplares, nos quais fiéis narram a outros membros de determinada comunidade de fé enredos que colocam em relação algo feito com algo alcançado, conquistado, recebido.

É comum que esse tipo de fala inclua a exposição sobre determinados sacrifícios que foram feitos, como o afastamento de coisas ‘mundanas’ ou ‘profanadas’, pois, “em todo sacrifício, há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e dá”, de modo a fortalecer as relações com o sagrado. “Se o sacrificante dá algo de si, ele não se dá: reserva-se prudentemente” (HUBERT; MAUSS, 2005, p.106).

Segundo Silva (2006), o testemunho sobre uma dádiva alcançada, especificamente na igreja evangélica neopentecostal, permite criar laços com os outros fiéis, na medida que se reforça a crença de que deus ‘honra sua palavra’.

Através da dádiva-partilha é possível que um fiel exerça influência sobre outro indivíduo que esteja começando a se integrar na comunidade religiosa, na medida em que através da experiência relatada desenvolve-se certa confiança na eficácia simbólica da dádiva relatada e uma expectativa de experiência com a divindade ou divindades.

2.1.3 A dádiva de atribuição

Esse tipo se refere à construção de um pacto com a divindade, de que se uma determinada graça for alcançada se estabelece uma obrigação de retribuição-consagração.

De acordo com Silva (*idem*), a bênção alcançada se constrói como uma dádiva, assumindo as características de contrato entre o fiel e a divindade. O fiel, sentindo-se reconhecido perante o seu deus, entende que houve fidelidade, o que se torna a base para que ele retribua em forma de doação, oferenda ou qualquer outra maneira de retribuição.

Quando o fiel, em suas preces, orações e tudo que realize ritualisticamente, constrói a relação entre o que fez e a conquista de alguma “graça”, “bênção”, ele interpreta o que recebeu como sendo uma resposta do seu deus ou deuses, o que o leva a retribuir.

2.1.4 A dádiva de desafio

Em alguns modelos de religiosidade observam-se práticas de propor ofertas que signifiquem um esforço considerado especial para o fiel cumprir, seja na forma de uma doação ou qualquer outra maneira de entrega pessoal ou de objeto. “O desafio como dádiva expressa na forma dinheiro-oferta é oferenda consagrada – despesa feita ao Deus, sem significar perda no sentido utilitário” (SILVA, 2006, p.212). Quanto mais o fiel conseguir contribuir significará que ele investe na intensificação de sua relação com a divindade.

Nessa dádiva desafio o fiel realiza uma espécie de sacrificio que expresse o máximo que ele pode realizar para seu deus, o que é definido como uma verdadeira prova de demonstração de fé e confiança no sagrado.

2.1.5 A dádiva-retorno

A dádiva-retorno inclui o interesse objetivo ou relativo a coisas materiais, mas envolve levar em consideração elementos subjetivos. Conforme Silva (2006), para o fiel, essa dádiva-retorno pode ser expressa não apenas em conquistas materiais, mas também, por exemplo, em termos do sentimento do fortalecimento da fé. Nesse caso, para o fiel “o deus a quem se sacrifica dá sem retorno” (HUBERT; MAUSS, 2005, pp. 106-107).

Quando um indivíduo realiza determinado sacrifício é com alguma espécie de interesse, seja para condições de materialmente ou de imaterialidade, como a ideia de salvação pregada por determinados campos religiosos, em que muitos fiéis aderem a determinado campo religioso com a intenção de que receberão a salvação, como também abdicam de determinados comportamentos e ações com base nesse objetivo almejado.

Toda realização seja subjetivamente ou objetivamente tem como objetivo um sentido-fim, as ações dos indivíduos estão pactuadas em algum interesse, elemento que rege todas as interações, inclusive as que ocorrem no campo religioso, sob um aspecto mais ou menos explícito.

2.2 A cultura do dinheiro

O sujeito cultiva a cultura e a cultura cultiva o sujeito, de modo a dar origem a um processo de interseção ou mistura. É uma relação da subjetividade do indivíduo com o mundo em sua objetividade, qual seja através das instituições sociais, como a religião, em que é dado a todo processo de interação social um sistema de significações, o que pode validar ou não uma determinada situação social ou um determinado objeto mediador de relações sociais, como o dinheiro.

Cultura é um aperfeiçoamento do ser humano, mas nem todo aperfeiçoamento do ser humano é cultura. [...] Pois a cultura existe apenas se o ser humano incorpora em seu desenvolvimento alguma coisa que seja externa a ele. Cultivo é certamente um estado de alma, mas que é alcançado apenas através do uso de objetos criados propositalmente para esse fim. (SIMMEL, 1971, p. 230)

A cultura é criação humana e também meio para as suas manifestações e para ressignificação dos objetos ou da sua relação com eles, uma materialização de condições subjetivas elaborados pelo indivíduo quando envolvido em interações sociais ou relacionado aos objetos materiais e imateriais, como o dinheiro.

Que o ser humano não se adapte sem problemas ao dado natural do mundo, como o animal, e sim dele se separe, com ele se defronte, exigindo, lutando, violentando e sendo violentado – com esse primeiro grande dualismo se origina o infinito processo entre o sujeito e o objeto. No interior do próprio espírito, ele encontra sua segunda instância. O espírito engendra inúmeras configurações que passam a existir em uma autonomia peculiar, independentemente da alma que as produziu, como de qualquer outra que as acolhe ou rejeita. Assim o sujeito se vê, diante da arte como do direito, da religião como da técnica, da ciência como dos costumes – não apenas ora atraído, ora repellido por seu conteúdo, ora a ele misturado como a um pedaço do eu, ora estranho e intangível diante dele; e sim na forma da solidez, da cristalização, da existência permanente, com a qual o espírito, tornado então objeto, se confronta com o fluxo da vida, com a autorresponsabilidade, com a tensão cambiante; como espírito intimamente ligado ao espírito, mas, justamente por isso, vivendo inúmeras tragédias nessa contradição profunda: entre a vida subjetiva, que é incansável mas temporalmente finita, e seus conteúdos que, uma vez criados, são imutáveis, mas intemporais. Em meio a esse dualismo vive a ideia de cultura. (SIMMEL 2014, p. 145)

A cultura é importante meio de construções de sentidos para o indivíduo, sendo através dela possível que se tenha a construção de memórias e da identidade, a qual pode passar por momentos de alterações ao decorrer de suas experiências individuais e coletivas ou dos processos de racionalização dos acontecimentos.

O que ocorre no mundo exterior é fator determinante nas maneiras de pensar, de agir e de sentir a dor ou a doçura das interações sociais, o que inclui a presença de objetos ou de divindades que são indispensáveis para os sentidos que o sujeito pode dar a sua vida, às coisas, ao mundo e ao cosmos.

Os valores culturais são transmitidos e circulados entre os sujeitos, de modo que possibilitam a construção de identidades individuais e de grupos sociais, seja na esfera da religião ou em outras vertentes de manifestações de laços de solidariedade e de pertencimento entre os indivíduos.

As categorias sociais de que cada indivíduo faz parte podem ser relacionadas à maneira e o modo como manifesta suas expressões culturais e como os integrados e não integrados do grupo elaboram condições de interpretações sobre as identidades grupais. Por exemplo, um membro de uma igreja católica ou neopentecostal pode ter uma impressão valorativa sobre um participante do candomblé, de modo a construir significados sobre o membro da religião e a relação dele com objetos ou pessoas.

Os indivíduos podem ser reconhecidos socialmente pelas categorias de que fazem parte, por exemplo, se alguém é membro de determinada religião, os outros indivíduos terão uma percepção subjetiva atrelada à instituição social da qual o sujeito faz parte, o que inclui um conjunto de impressões que podem ser diversamente valoradas.

É através das instituições sociais, dentre as quais tem destaque a religião, que os indivíduos são formados e constroem suas identidades e seus modos de pensar, de sentir, de interagir. “(...) as crenças e as práticas de sua vida religiosa, o fiel as encontrou inteiramente prontas ao nascer; se elas existiam antes dele, é que existem fora dele” (DURKHEIM, 2007, p.2). Assim, o indivíduo recebe as influências externas e as aceita e introjeta conforme o socialmente desejado.

As datas comemorativas religiosas são expressões culturais de momentos que regem a dinâmica mercadológica, e em cada campo religioso se tem uma data a ser celebrada que inclui vendas de objetos, pedidos de doações, a realização de ofertas, são modos de funcionamento da economia, em que a religião encontra-se como instituição social de crença para dar base a essa dinâmica.

As experiências religiosas atravessadas pelo dinheiro podem incluir concepções positivas ou negativas, relativas à pureza ou impureza.

Diversas são as interpretações dadas a trechos da bíblia sobre o dinheiro, mas em alguns trechos é possível notar que existe um dualismo: por um lado, o dinheiro

interpretado como sagrado; por outro, como profano. A título de exemplo, se pode destacar o seguinte trecho escrito pelo apóstolo Paulo, em Timóteo 6:7-10:

Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. (Bíblia Online, 2022, s.p.)

Nesse trecho é possível compreender o amor ao dinheiro de modo negativo, associado à cobiça, à concupiscência, à perdição e ruína. No trecho a seguir, do mesmo livro da bíblia acima citado: “digno é o trabalhador do seu salário” (Timóteo, 5:18); bem como em Malaquias, 3:10, temos: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro para que haja mantimento na minha casa e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos – se eu não vos abrir as janelas dos céus e não derramar sobre voz bênçãos sem medida até que não haja lugar para as recolherdes”, vemos referências positivas ao dinheiro, inclusive no segundo trecho citado, com uma promessa de reciprocidade por parte da divindade.,

Tudo que é socialmente palpável ou impalpável tem se transformado em um valor econômico, desde as relações sociais em situações comuns, como em amizades, namoros *etc.*, bem como nas relações do/da fiel com outros/outras fiéis, com seu/sua líder religioso/religiosa ou desses/dessas com a divindade ou divindades cultuadas/seguidas. Tem se experimentado uma colocação do sagrado no campo da concretude/objetividade, e o dinheiro/os recursos materiais ganham *status* de *divindade* moderna (SIMMEL, 2014).

Na modernidade cria-se [...] uma barreira interior entre as pessoas. As pessoas sozinhas e individualistas moldam as formas modernas de vida. Assim, se não houvesse o distanciamento psicológico, ao se viver pressionado um contra o outro, na multidão, na colorida confusão das cidades grandes, a vida seria simplesmente insuportável. A dependência do dinheiro, quer aberta como velada, coloca uma distância funcional e invisível entre as pessoas, o que serve de proteção interior e equilíbrio contra a proximidade sufocante e irritante de nosso estilo de vida cultural. (SIMMEL, 1989, pp. 664-665)

Com a hipertrofia da racionalização na modernidade, das interações com base em interesses, o dinheiro ganha crescente destaque nas relações sociais, sendo um mediador

das interações entre os sujeitos em qualquer espaço da vida social, inclusive o do campo religioso. Sob as inspirações da obra de Simmel e o seu trabalho sobre o dinheiro é que se pretende compreender como a hipertrofia da cultura do dinheiro tem atravessado o campo religioso, constituindo-se em uma forma de dádiva mediadora das relações entre líderes religiosos e fiéis, entre fiéis e entre os fiéis e os seus objetos de culto.

O espraiamento da cultura do dinheiro afeta o grau de explicitação de seu funcionamento como principal mediador das relações sociais em todas as esferas da vida social, ao mesmo tempo em que é desejável pensar que ‘falar sobre dinheiro’ pode ser considerado como um ato mais ou menos ofensivo, considerados os tipos de relações sociais por ele mediadas, bem como as doutrinas religiosas, sendo esse ponto um dos centrais a serem observado no trabalho de campo realizado em nossa pesquisa na comunidades religiosas selecionadas.

Quando o dinheiro é objeto de racionalização e posto na qualidade de dádiva e algo sagrado, ele ganha outro aspecto, aceitando-se sua ubiquidade em relações sociais nas quais a tudo é dado um preço.

A abordagem sociológica do dinheiro o enquadra sob diferentes perspectivas. Marx o compreende como uma mercadoria especial, que tem um significativo papel na construção das relações de poder, posto que as posições nos modos de produção dependem de sua acumulação na forma de capital. Para Simmel, o dinheiro é um produto cultural *sui generis*, um símbolo que rege e atravessa todas as interações sociais.

O “dinheiro é produto da sociedade” e, pois, “da cultura”, sendo um bem “simbólico” e mediador das relações sociais (SILVA, 2006). Seguimos a inspiração simmeliana em sua análise do papel mediador do dinheiro nas relações de sociação em geral (SIMMEL, 2009) e, particularmente, nas que ocorrem em comunidades religiosas diversas, pensando de que maneira ele – seus usos e significações – permite pensar, de modo exploratório, relações estabelecidas nos sistemas culturais religiosos a serem aqui comparados, as quais não estão circunscritas apenas ao universo econômico, mas podem mediar uma compreensão socioantropológica de como os indivíduos se relacionam nas comunidades religiosas, criam laços de solidariedade, de cooperação e de conflito.

Vejamos como Leal (2011, p.351) comenta a análise simmeliana sobre esse tema:

Ainda em “Dinheiro na cultura moderna” (1896), o dinheiro é o Deus da época moderna porque é onipresente, central; é elo de reconciliação de heterogeneidades e diferenças; produz conforto psicológico porque da posse dele se obtêm paz, harmonia. Como forças abstratas, Deus e o dinheiro, superam a multiplicidade de valores e objetos, são pontos de

intersecção de coisas e sentidos – por vezes antiéticas – transformadas em certezas supremas.

A presença do dinheiro, seja na modalidade material e imaterial, atravessa a vida social e todas as relações ora estabelecidas entre os indivíduos, como também pode influenciar na construção, na permanência ou não de certos laços sociais de solidariedade e pertencimento.

No campo das interações religiosas, a relação com as divindades, entre fiéis e desses com líderes religiosos não é diferente, atuando o dinheiro como um mediador das relações com o sagrado, estando presente em momentos de adoração, nas concepções operacionais da certeza de que uma vida próspera e feliz é dependente da condição desse elemento visível e invisível de caráter simbólico, que determina radicalmente as relações sociais.

É corrente entre os cientistas sociais a ideia de que o dinheiro é um instrumento de pura racionalização e instrumentalização. Nesta concepção, o dinheiro possuiria um sentido único, como meio de troca ou medida de valor, tornando impessoal e calculista qualquer situação social em que ele esteja envolvido. Há nesta perspectiva uma ideia subjacente sobre o lugar dos objetos, na qual o dinheiro associa-se ao interesse, à adequação entre meios e fins e à pura racionalidade baseada no cálculo. (BAPTISTA, 2007, p.9)

O dinheiro está presente nas religiões, se não diretamente, mas apresenta-se indiretamente, que seja através dos bens, inclusive os utilizados para a performatização dos rituais e de cerimônias religiosas, importantes para a conquista de fiéis e conseguir que haja a realização de doações, ajuda ou oferendas.

Conforme destaca Baptista (2007, p.25), referindo-se ao subcampo do candomblé, “a ideia de ajuda exprime uma participação econômica sem invocar necessariamente a presença explícita do dinheiro, embora este apareça sempre de modo subjacente”.

Apresentar o dinheiro nos rituais de um modo explícito pode se apresentar como uma profanação da religião, o que não é bom para como os indivíduos que veem o determinado campo religioso, o que pode gerar um sentimento negativo ou não, o dependerá sempre do processo da racionalização empregado para o convencimento dos sujeitos envolvidos na interação. Segundo o supracitado autor,

É preciso maximizar as oferendas para receber as graças divinas. É preciso estar ‘ajudando’ constantemente para que os deuses sejam

generosos. E não há nada melhor para provar a presença da graça dos deuses em sua vida que a abundância do sacrifício, inclusive os referidos ao dinheiro. (BAPTISTA, 2007, p.22)

O ato de ofertar bens ou dinheiro pode ser considerado para os fiéis como um meio para obtenção de graças e quanto mais puder fazer isso terá um sentimento de que está cumprindo com os seus propósitos e que logo mais a divindade ou as divindades irão conceder as graças esperadas, e o fato de não poder contribuir pode gerar um sentimento de impotência, e de que sem uma participação efetiva através de ofertas e doações não poderá provar o seu sacrifício.

O dinheiro enquanto mediador das relações no campo religioso pode ganhar uma perspectiva de dádiva, o que inclui uma ação desinteressada/interessada. Em alguns modelos de religiosidade ele tem ganhado destaque como um mediador positivo das interações no campo religioso, o que fortalece o investimento de líderes religiosos, os quais, mobilizando discursividades envolvendo a teologia da prosperidade, se utilizam de passagens bíblicas que podem ser interpretadas como promessas e esperança de mudanças na vida e realização de desejos, sendo a fidelidade na contribuição financeira à instituição o mediador das ‘bênçãos’ almejadas.

Na perspectiva da Teologia da Prosperidade, o dinheiro, enquanto mediador da consecução da conquista das bênçãos desejadas, deixa de ser construído como algo impuro ou profanado, tornando-se *puro* e *sagrado* quando toma a forma de doação, de dízimo, de oferta.

A positivação da mediação exercida pelo dinheiro nas relações entre fiéis e divindades tem como pressuposto a hipertrofia da cultura do dinheiro, observada nas sociedades envolventes.

Diversas são as modalidades pelas quais o dinheiro se apresenta no campo religioso, destacando-se as formas institucionalizadas do dízimo e das ofertas/contribuições/doações. O dízimo é um valor em percentual fixado para ser entregue periodicamente à instituição religiosa (mensalmente ou anualmente, conforme definido o período a que se refere o percentual).

O dinheiro apresenta-se no campo do profano e do sagrado, de acordo com uma visão dualista e se tem dado significados a partir de como ele é empregado, seja em espaços religiosos, no sentido de dádiva mediadora das relações de fé, ou na vida cotidiana, como ostentação.

É usual que a fé em Deus e em si-mesmo ofereçam um senso de confiança no futuro. Considere-se quantas coisas se pode fazer pelo simples motivo de que se acredita que se pode fazê-las. A fé prática é uma qualidade fundamental da alma e é sociológica na essência, isto é, se concretiza como uma relação com alguém exterior ao eu. Ela é a base da natureza humana. As diferentes formas de fé (em outra pessoa, em si-mesmo, em Deus) encontram-se tão relacionadas porque são variadas expressões (sociológicas) da mesma tensão espiritual. (SIMMEL, 1997, p.169)

É através da lógica dualista que as relações sociais e, principalmente no campo religioso são estruturadas ou desestruturadas. O dinheiro deve ser compreendido como um fato social, o qual exerce influência em todas as relações sociais, sendo externo, coercitivo e geral.

As maneiras pelas quais se solicita dinheiro nas instituições religiosas são construídas a partir de determinados processos ritualísticos e formas, a exemplo do dízimo, da doação, das oferendas, obrigações e ‘alianças’.

Cada uma dessas categorias apresenta formas ou percepções diferentes, a depender do campo religioso em que se observam. É comum do ser humano buscar nomear processos que o mesmo realiza, a fim de buscar ter um entendimento próprio, e isso ocorre através de mecanismos de racionalização que podem produzir compreensões ideais e baseadas em interesses institucionais e individuais diversos.

O dinheiro, nessas formas racionalizadas presentes em algumas religiosidades contemporâneas, é um mecanismo tacitamente entendido como necessário para a manutenção das instituições religiosas. Entretanto, é possível observar que a ultra racionalização do dinheiro como meio e fim das interações sociais tem dado ênfase ao fenômeno da hipertrofia da cultura do dinheiro, o qual enquanto incluído no sistema da dádiva, passa a ter outros aspectos e significações no campo de mediação das interações sociais em geral e especificamente nas realizadas no campo religioso.

Dízimo, doação, oferenda e aliança podem representar para os fiéis espécies de sacrifícios em forma de dádiva. Segundo Mauss (2005), todo sacrifício apresenta uma função social e se estabelece como norma e estabelece equilíbrio entre os povos. Os sacrifícios, então, podem representar para os fiéis como modos de se manter o equilíbrio das relações sociais, e no campo religioso, nas relações entre os fiéis e suas divindades.

No campo religioso em alguns outros aspectos o dinheiro em si como meio e fim tem passado por processos de ultra racionalização, e se tem da dádiva levado para uma hipertrofia da cultura do dinheiro. Os processos ultra racionalizados acerca do dinheiro,

enquanto um bem simbólico, podem apresentar-se em condições mais visíveis e menos invisíveis a depender do campo religioso em que as discursividades e representações são organizadas. O interesse mais visível e menos visível nas interações com a divindade pode ser construído ou reconstruído com base em compartilhamento de experiências entre fiéis. Conforme os movimentos e os eventos fluídos da modernidade, as interações sociais cada vez mais são reduzidas ao aspecto econômico, e o dinheiro passa a ser a preocupação central de todo indivíduo da época.

Sem dúvida, o princípio da relação entre o interesse, a crença e o simbólico deve ser buscado na relação da experiência íntima e da imagem social, circulação quase mágica de poderes no curso da qual o grupo produz e projeta o poder simbólico que será exercido sobre ele e ao fim da qual se constitui, tanto para o profeta como para os seus sectários, a experiência do poder profético responsável por toda a realidade de tal poder. (BOURDIEU, 2007, p.56)

São as representações e as discursividades apresentadas que podem produzir nos indivíduos uma construção de interesses, os quais são mais ou menos visíveis nos processos ritualísticos, os quais a depender da experiência individual e coletiva dos participantes de um determinado campo religioso serão dados significados e sentidos com base na ideia de dádiva mediadora da relação com o seu Deus.

2.2.1 O dízimo

O dízimo constitui em uma parte, a décima parte, entregue para a igreja, que pode ser considerado um ato desinteressado. Sendo um dos mandamentos estabelecidos na bíblia, existe nas igrejas católicas e evangélicas. De acordo com Silva (2006, p.103), “o dízimo não é, em si, uma emoção espiritual, mas é apresentado sempre como precondição espiritual, pois ele faz o fiel pensar sobre sua confiança na igreja e, sobretudo, em Deus, a quem a referida décima parte pertence”, representando, muitas vezes, para o fiel, uma espécie de pacto que ele/ela tem com o seu Deus.

Edir Macedo (2018), em sua obra “O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e das ofertas”, destaca que toda oferta feita pelo fiel para Deus revela tudo que está no coração e é meio para mostrar como é relação com Deus. E ainda afirma que só teve um encontro real com Jesus Cristo aquele que entende a importância da doação e da oferta. Dessa maneira, nessa obra se percebe que o autor mostra para os adeptos do campo religioso uma espécie de racionalização do dízimo e das ofertas para a religião.

Com essa perspectiva é construída para o fiel um sentido ou significado que representa uma espécie de dádiva sacrifício em nome da garantia da relação com a divindade, isso no campo religioso evangélico neopentecostal.

Na igreja católica existe uma pastoral específica para tratar sobre o dízimo recebido dos fiéis, qual seja a pastoral do dízimo, a qual apresenta uma função de conscientizar os fiéis sobre a importância de contribuir. No livro “Dízimo: pastoral e administração” de autoria de Edson Oriolo (2021) afirma que “o dízimo leva as pessoas a formarem a consciência da generosidade e da solidariedade”, o que fortaleceria os laços entre os indivíduos das comunidades de fé de que participam.

Esse autor ainda destaca que a administração do dízimo lembra um fator que é de importância e que causa muitas tristezas e alegrias para a igreja, o dinheiro. Para ele, o dinheiro está entre um dos assuntos centrais das reuniões nas paróquias, e, em tempos de crises financeiras, a falta de dinheiro para a instituição religiosa pode prejudicar a evangelização e assistências aos pobres, o que faz com que se busquem meios ousados para manter captar os recursos necessários à manutenção das estruturas.

É inquestionável que o dinheiro é importante para o funcionamento das instituições religiosas, e quem sem ele é necessário recorrer a outros meios que possam subsidiar as despesas econômicas geradas pela instituição e os trabalhos missionários a serem realizados. O dízimo no campo de racionalização do dinheiro representa uma oferta sagrada, a qual é uma relação de obrigação moral do fiel para a divindade, é uma aliança, um contrato, uma oferta para sua divindade.

2.2.2 A doação

A doação constitui um ato voluntário e espontâneo do indivíduo e pode se constituir, subjetivamente, como um ato desinteressado. O ato de doar constitui uma obrigação moral, a qual media um laço entre o indivíduo a divindade ou divindades.

A doação de dinheiro, de bens considerados valiosos e de elementos imateriais faz parte do cotidiano de todas as instituições religiosas, “(...) porquanto, na doação, o sentido que o coração humano dá às coisas é o que mais conta – ela se transforma, em elemento vital ou acompanha o fluxo da vida” (SILVA, 2006, p.75).

Na doação, existe para o fiel um sentimento de boa vontade, como se a sua ação significasse para ele uma atitude virtuosística. Assim, as doações podem ser entendidas para quem doa como um mecanismo simbólico de representar a fé, o que pode gerar um

efeito representativo que acompanha a quem percebe o ato de doar, e ao próprio sujeito que doa e ao que recebe a doação.

As doações estão intimamente relacionadas à compreensão de que os fiéis precisam financiar as atividades realizadas pelas instituições religiosas às quais se filiam, a exemplo das obras de caridade, de evangelização, de preparação de festas e rituais, dentre outras. Nos livros sagrados do cristianismo e do islamismo existem trechos que incentivam a realização de doações, sendo a experiência de doar passível de ser vivida pelos fiéis como um ato de comprometimento, de expressão da sua fé e de fidelidade à(s) divindade(s) cultuada(s).

As doações para igrejas do campo cristão brasileiro, por exemplo, são objeto de diversas construções de sentidos e significados, a exemplo da associação com concepções de caridade e de amor ao próximo:

[...] [no que concerne à] hipótese de ‘religião civil brasileira’, seu caráter de ‘religião’ estaria calcado no postulado de que ‘caridade’ e ‘doação’ funcionariam enquanto valores de fundo simbólico/ religioso reconhecidos e aceitos pela ampla maioria dos brasileiros em suas práticas. O caráter civil desta religião se daria pela não obrigatoriedade de pertença a uma confissão ou credo religioso particular para confessá-la, e pela sua capacidade de aglutinar amplas parcelas das camadas sociais do país, revestindo-se de um amplo conteúdo social. (CAMURÇA, 1997, p.52)

2.2.3 As oferendas

As oferendas podem fazer parte de rituais nos quais são oferecidas em formas de dádivas para as divindades, como é comum em religiões de matriz africana, a exemplo do candomblé, mas também estão presentes em outros sistemas culturais religiosos. “Os crentes, em suas oferendas, dão qualquer coisa; acreditam que participam com o dinheiro para uma “causa”, isto é, para a construção e manutenção do vínculo social, impedindo as tensões entre liberdade e obrigação ultrapassarem os limites da aliança” (ELIAS DA SILVA, 2006, p.173). O vínculo entre o fiel e a divindade é mantido quando o primeiro faz a oferenda para a segunda.

No candomblé, as oferendas podem variar a depender dos modos ritualísticos que são empregados nos terreiros: podem ser alimentos, preparados para serem oferecidos aos orixás; além de bebidas e outros elementos materiais definidos por mães e pais de santos como fontes de agrado das divindades (HUBERT, 2011).

As oferendas podem ser construídas pelos grupos como mecanismos de expressividades das relações com os seus deuses, cada alimento ou objeto colocado para oferecer tem um significado para o fiel e para a divindade ou divindades, podem representar dádivas sejam nas formas de sacrifícios ou em outras modalidades. No campo do candomblé as oferendas podem ser objetos materiais ou alimentos, como frutas. Essas oferendas podem apresentar significados a depender da combinação de cores dos alimentos que são ofertados para os orixás.

A comida tem um papel fundamental no universo das religiões afro-brasileiras, estando presente em praticamente todos os momentos. Todos os cultos fazem oferendas de alimentos, propiciatórias de pagamento por favores recebidos, ou como resgate de faltas em relação aos preceitos religiosos. Essas oferendas rituais, também chamadas obrigações, procedimento rotineiro por parte dos envolvidos nas práticas religiosas, são dadas aos deuses, por exigência dos mesmos a fim de propiciar auxílio em questões espirituais e materiais. São a restituição do axé, espécie de força divina, que atua como suporte das experiências humanas: vem dos deuses e deve ser a eles restituída. (HUBERT, 2011, pp. 96-97)

Essas oferendas são representativas para os fiéis e as suas relações com as divindades, pois através delas estabelecem acordos de paz, conquistam o afastamento de *maldições* e punições em geral.

2.2.4 As alianças

O ato de formar alianças pode representar para o fiel uma entrega, a confiança depositada em uma instituição religiosa. As alianças são contratos com comunidades de fé, e isso pode envolver doações em dinheiro ou outro elemento material ou imaterial considerado valioso, a exemplo de propriedades, do tempo, dos talentos.

As alianças constituem representações simbólicas que envolvem depositar confiança na instituição religiosa e receber apoio da mesma para as realizações na vida pessoal e profissional, envolvendo a concessão de benefícios para as instituições religiosas realizarem as suas atividades ou aplicarem dinheiro em projetos sociais.

É importante esclarecer que a iniciativa da aliança com as igrejas (neo)pentecostais muitas vezes partiu das candidaturas majoritárias desejosas dos votos desses contingentes da população. Desta forma, as campanhas majoritárias dos maiores partidos políticos laicos do país, para prefeitos, governadores e presidente, firmaram compromissos com

essas instituições religiosas, abrigando na sua legenda (ou em legendas aliadas) dezenas de candidatos evangélicos. (MARIANO, 2011, p.251)

No Brasil, esses processos de alianças com as comunidades religiosas são comuns, e através deles determinados políticos recebem apoio de vertentes religiosas em campanhas eleitorais.

Essas construções de alianças de políticos com determinados sistemas culturais religiosos envolvem trocas simbólicas, mediadas seja por doações materiais ou qualquer outra forma representativa de contribuição para a instituição religiosa, implicando no estabelecimento de relações de reciprocidade entre o indivíduo e a instituição, ficando seus membros ligados e comprometidos a dar apoio mútuo.

CAPÍTULO 3 – A ANÁLISE DOS DADOS

Para esta pesquisa começamos a frequentar e a construir relações com os agentes das comunidades selecionados do catolicismo tradicional e carismático, do candomblé e da umbanda e do neopentecostalismo, desde agosto de 2021, com o intuito de compreender o campo de interesse e de selecionar indivíduos para a realização de entrevistas semiestruturadas e compreensivas, de modo a informar sobre o estudo e conquistar sua confiança e adesão ao processo de levantamento de informações sobre as práticas religiosas envolvendo dinheiro dentro do campo religioso do qual participam. Não foi uma tarefa fácil. Ocorreram recusas, algumas verbalizadas e outras no formato de silêncio, umas ditas e outros não ditas.

Alguns líderes e participantes religiosos se demonstram desinteressados ou até mesmo se recusaram em contribuir com a pesquisa. Notava-se um receio, um medo de falar sobre dinheiro, como sendo um elemento impuro, profanado; como se pudesse comprometer as práticas religiosas ou despertar um olhar diferenciado da sociedade em relação à comunidade religiosa. Em contrapartida, tivemos êxito em encontrar pessoas dispostas a contar as suas experiências, inclusive com entusiasmo, sem medo, com interesse, mobilizando estratégias linguísticas de eufemização em níveis variados.

A entrada em campo de uma pesquisadora não religiosa não foi fácil, mas me entreguei a esse desafio de conhecer um pouco mais sobre as religiões e as representações dos participantes das comunidades religiosas selecionadas para a pesquisa sobre a função do dinheiro nas suas práticas e vivências nelas.

Fui observada e observei, interagi e me recolhi quando foi necessário. Um dos momentos mais marcantes no campo de pesquisa foi a primeira recusa: dirigi-me para cumprimentar um líder religioso do candomblé e ele se desviou de mim, ignorando a minha presença nos dias seguintes de visita, após eu me apresentar como pesquisadora sobre práticas envolvendo dinheiro, no primeiro dia de visita à instituição. Em contrapartida, fui bem acolhida por alguns participantes do terreiro escolhido para a pesquisa. Cheguei a insistir na construção de interação com o líder através de rede social, mas não tive êxito.

Depois de passado o período de levantamento de dados, posso então refletir sobre o processo de imersão empírica e reconhecer as falhas na aproximação, na abordagem, na anúncio prematura e direta dos meus objetivos de pesquisa.

Na pesquisa com sujeitos sociais, aceitar as recusas e continuar seguindo a rota, sem perder o ritmo é um dos maiores desafios. Tudo tem sido aprendizagem e formação da minha persona de pesquisadora. Após a recusa do líder acima citada, dirigi-me a outros terreiros, conversei com outros praticantes e consegui estabelecer interações baseadas em confiança com informantes apenas participantes, que não ocupam cargos de liderança.

Na igreja *Verbo da Vida*, alguns dos informantes me receberam bem e outros ‘desapareceram’ após a primeira abordagem. Enviava mensagens para os contatos que me foram dados, fazia ligações, mas fui muitas vezes ignorada.

Das três comunidades pesquisadas, a ligada à igreja católica foi onde tive menos problemas quanto à construção de interações com os participantes, conseguindo firmar laços com alguns sujeitos, que me acolheram e tiveram disposição para contribuir com o estudo.

3.1 Descrições das comunidades pesquisadas

As comunidades religiosas pesquisadas estão todas localizadas em Campina Grande, PB.

Nas comunidades da Igreja Católica as práticas envolvendo dinheiro se apresentam de alguns modos, como as ofertas semanais, o dízimo, as rifas. As falas sobre o elemento monetário não são apresentadas de um modo direto ou interessado, mas usando estratégias de eufemização, sob a lógica descrita por Mauss (2005) de dar-receber-retribuir.

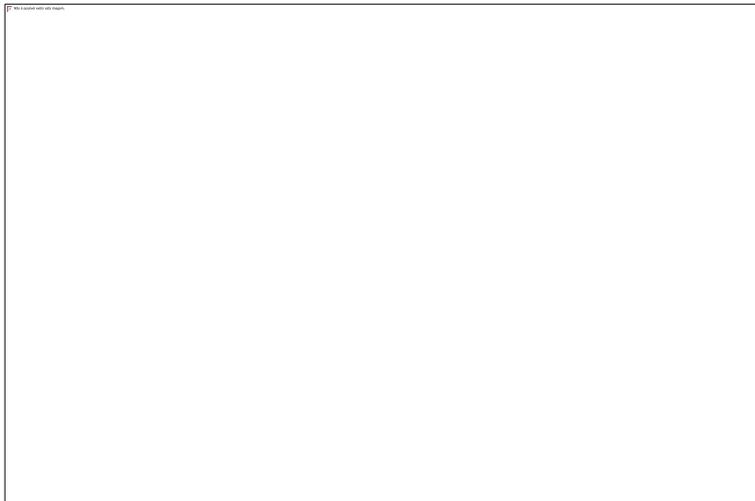
Nos terreiros afro-brasileiros o elemento monetário nas práticas é destacado como um modo dádiva, com os elementos do dar-receber-retribuir para os orixás, além de outras maneiras, como o clientelismo, os jogos de búzios, as rifas, as obrigações dos próprios participantes.

Nos terreiros afro-brasileiros visitados, no fim dos rituais há alguém que passa solicitando a contribuição para os orixás que naquele dia estiveram presentes na gira, como também há informações para transações bancárias; nas comunidades neopentecostais visitadas vi um baú específico, próximo ao local onde o pastor celebra, para que nele se depositem as ofertas, como também há informações para transações bancárias com esse fim.

Nas comunidades neopentecostais existe todo um conjunto de práticas de estimulação de contribuição dos participantes, através do dízimo, o que envolve também uma dinâmica da dádiva, dar-receber-retribuir.

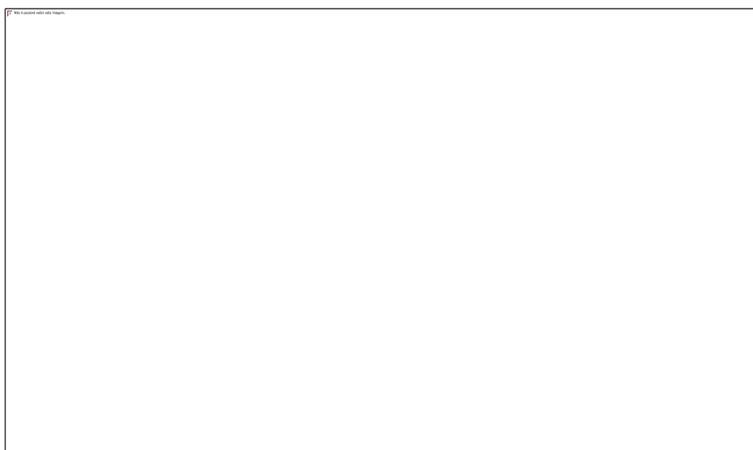
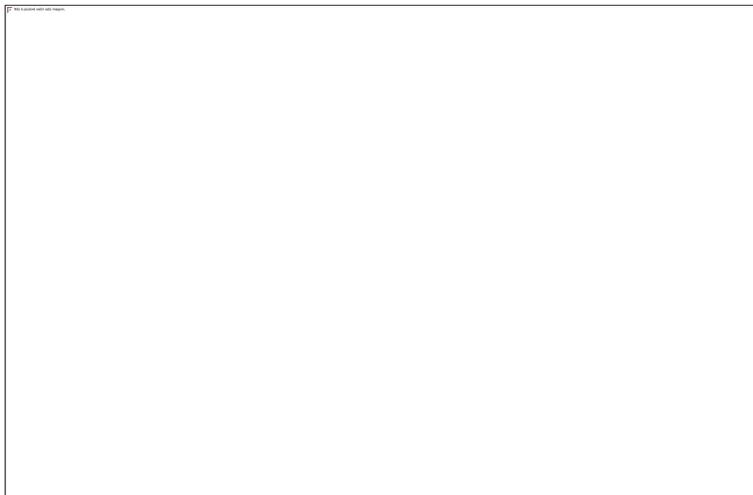
Nos locais de culto existem ambientes específicos para a entrega das ofertas: em celebrações na igreja católica, observei a construção de um ‘caminho’ até o altar para entregar a oferta.

Imagem do Terreiro de Zé Boiadeiro, que tem 59 anos de fundação, atualmente o local está sem a realização de giras. Entretanto, a líder realiza atividades, como consultas espirituais, jogo de búzios e realiza oferendas aos orixás.



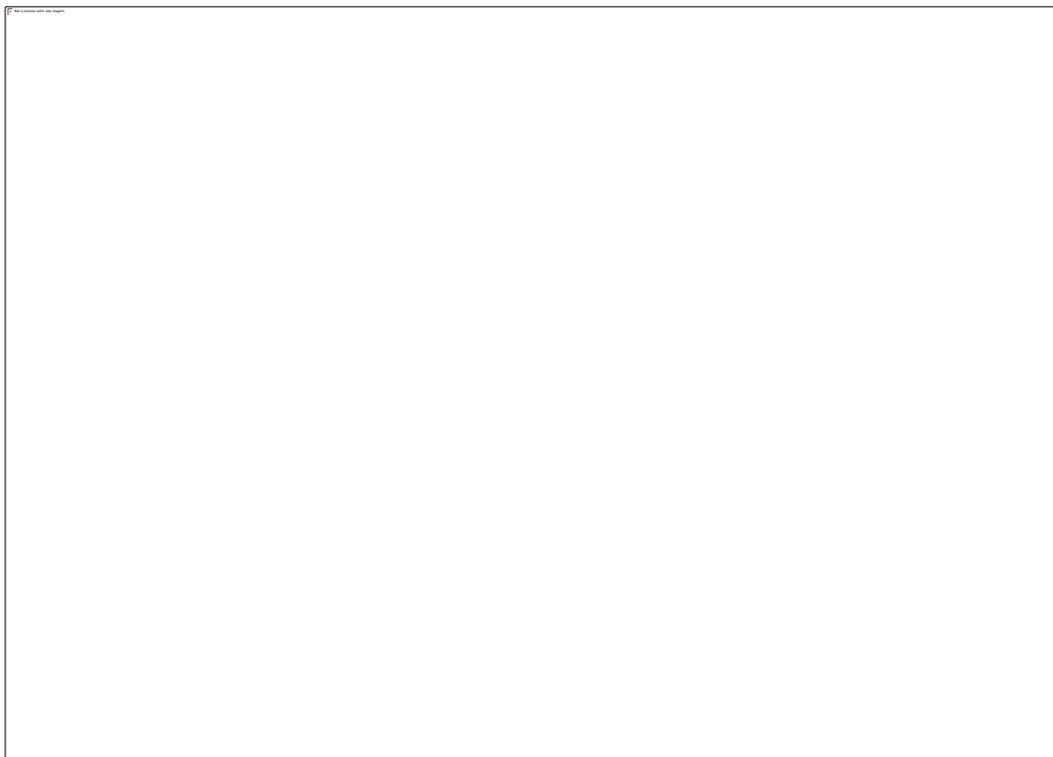
Fonte: Própria autora

Imagens da Igreja Católica Apostólica Romana, Paróquia Nossa Senhora das Graças, Campina Grande Tem cerca de seiscentos participantes, as atividades incluem missas, sendo realizadas três missas por domingos, novenas, terços. A igreja tem setenta e dois anos de fundação.



Fonte: própria autora

Igreja Verbo da Vida tem cerca de seiscentos participantes, inclui pregações, ministrações de palavras, testemunhos, louvores.



Fonte: própria autora

QUADRO DE COMUNIDADES EM QUE FORAM FEITAS OBSERVAÇÕES

Igreja Católica Apostólica Romana: Paróquia Nossa Senhora das Graças	Rua Pedro Serrão, SN, Liberdade, Campina Grande
Igreja Católica Apostólica Romana: Paróquia de São Francisco de Assis	Avenida Almirante Barroso, 1681-1729, Santa Cruz, Campina Grande
Igreja Católica Apostólica Romana: Paróquia da Santíssima Trindade	R. João Quirino, S/N - Catolé, Campina Grande – PB
Terreiro de Candomblé: Ilê Asé Oyá Gigan	Rua Acre, 218, Liberdade, Campina Grande
Terreiro de Candomblé: Ilê axé oxum maiambemim (nação ketu e angola)	Rua Canhotinho, 61, José Pinheiro, Campina Grande
Terreiro de Umbanda: Mestre Zé Boiadeiro (nação nagô)	Local está sem realização giras.

Igreja Verbo da Vida	Av. Mal. Floriano Peixoto, 2951, Dinamérica, Campina Grande
Igreja Verbo da Vida	Av. Jorn. Assis Chateaubriand, 3055 - Distrito Industrial, Campina Grande

Para a composição da amostra escolhemos ao total quinze participantes, sendo cinco de cada campo religioso selecionado para o estudo. Além disso, selecionamos três líderes de cada segmento religioso.

3.2 Apresentação dos perfis dos entrevistados

Para a escolha dos entrevistados, construímos uma rede de empatia e de confiança, de modo a tornar possível oferecer um painel o mais amplo possível, considerando variáveis como a idade, o gênero, a afiliação religiosa, o tempo como participante.

De acordo com Bourdieu (2020, p.9): “O sociólogo, como o botânico, está em busca de critérios correlacionados entre si de modo que, a partir de um número de critérios suficientes, ele busca se apropriar de todos os critérios para reproduzir o universo das diferenças constatadas”. No nosso caso alguns critérios, como as características econômicas, sociais, culturais e o gênero servem para enfatizar que no universo religioso as diferenças estão presentes, assim como as semelhanças nos modos de narrar e de sentir dos entrevistados, os quais revelam o que está socialmente construído em cada um em relação aos papéis e funções do dinheiro nas interações construídas nas comunidades religiosas e nas relações que os sujeitos estabelecem com as divindades que cultuam.

Apresentamos a seguir uma tabela com os participantes das comunidades religiosas selecionadas para este estudo. Algumas entrevistas foram realizadas presencialmente, outras pela *web*, mediante vídeo-chamadas, as quais foram gravadas e permitiram que pudéssemos ouvir e transcrever as falas dos informantes. Durante as entrevistas deixamos os informantes à vontade para falarem, seguindo a ideia de que “a entrevista compreensiva se inscreve em uma dinâmica exatamente oposta à das entrevistas estruturadas: o entrevistador está ativamente envolvido nas questões, para provocar o envolvimento do entrevistado” (KAUFMANN, 2013, p.40).

Também procurei estar o máximo atenta, de modo a ouvir atentamente o que me era dito, não de um modo ingênuo, pensando que “as declarações mais densas devem quase sempre ser lidas nas entrelinhas” (KAUFMANN, 2013, p.112).

TABELA DESCRITIVA DOS PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Nome	Idade	Gênero	Afiliação Religiosa	Tempo na instituição
Informante 1: pediu para não ser identificada – Iorã*	23	Feminino	Candomblé/Ketu	3 anos
Informante 2: Emídio Ferreira Neto	26	Masculino/Homem Cis	Catolicismo Apostólico Romano	13 anos
Informante 3: Libânia Mendes Aciole	42	Feminino	Protestante Neopentecostal (Verbo da vida)	1 ano
Informante 4: Vladimir Aciole	45	Masculino	Protestante Neopentecostal (Verbo da vida)	15 anos
Informante 5: Maria do Carmo Oliveira	74	Feminino	Católica Apostólica Romana	74 anos
Informante 6: pediu para não ter o nome divulgado – Bantuê*	36	Masculino	Candomblé	8 anos
Informante 7: Francinete de Almeida Nascimento Mota	60	Feminino	Católica Apostólica Romana	50 anos
Informante 8: Jaelson Mota	43	Masculino	Católico Apostólico Romano	35 anos
Informante 9: Vinícius Queiroz	28	Masculino	Candomblé	17 anos
Informante 10: Tiago Rodrigues Araujo (yawo Tiago de xangô)	36	Masculino	Candomblé/Ketu,angola	7 anos
Informante 11: Não quis ser identificada – Sara*	41	Feminino	Protestante Neopentecostal: Verbo da Vida	2 anos
Informante 12: Elton Cavalcanti	28	Masculino	Protestante Neopentecostal: Verbo da Vida	1 ano
Informante 13: Yalorixá Maria Piaba	87	Feminino	Umbanda/Nagô (Terreiro Mestre Zé Boiadeiro)	59 anos
Informante 14: João Bosco	44	Masculino	Católico Apostólico Romano	44 anos
Informante 15: Francisco Wanderson Araújo Silva	34	Masculino	Neopentecostal: Verbo da Vida	20 anos

*Nomes fictícios atribuídos pela pesquisadora, atendendo à demanda de não identificação feita por entrevistados

Os indivíduos estão todos em realidades compostas por várias e diversas camadas (qualquer sujeito é um indivíduo que tem um nome, uma idade, um gênero, uma profissão, um título, círculos de amigos e de atividades diferentes). Codificar um indivíduo é de alguma forma atomizá-lo, decompô-lo, analisá-lo numa série de propriedades autônomas, independentes e suscetíveis de serem traduzidas em categorias escolhidas pelo pesquisador (BOURDIEU, 2020). Acessar o campo das representações individuais sobre determinado fenômeno implica sempre em adentrar nas subjetividades particulares em suas relações com as instituições em referências às quais elas se constroem: “Questionar as pessoas uma a uma é então uma operação importante para compreender uma verdade objetiva, por exemplo, das instituições ditas representativas” (BOURDIEU, 2020, p. 48).

3.3 A observação direta

Realizamos observações diretas sobre as representações do dinheiro nas comunidades religiosas selecionadas para o estudo, indo semanalmente para os locais de culto, de modo a observar os rituais e os modos de participação dos entrevistados e de outros membros do segmento religioso, relativas às práticas envolvendo o dinheiro, os modos interessados e desinteressados das discursividades e representações construídas no ambiente, buscando “ir além daquilo que a coisa em questão entrega sobre si mesma”, (BOURDIEU, 2020, p. 40).

O autor supramencionado destaca que podemos aprender muito sobre um indivíduo ou a instituição mediante a análise das estratégias que eles e os representantes oficiais daquelas empregam para que não cheguemos ao que eles não querem dizer:

Com muita frequência só sabemos formular claramente os problemas que respondemos depois de ter encontrado a resposta: a resposta ajuda a reformular a pergunta de modo mais potente e por consequência começar a discussão. (BOURDIEU, 2020, p.7)

Foi à luz desse comentário de Bourdieu que buscamos construir modos para analisar as entrevistas concedidas pelos informantes-chaves deste estudo.

3.3.1 Estruturação básica das *giras*

No terreiro de candomblé que frequentamos, as ‘giras’ se iniciam a partir da construção de duas filas: de um lado fica a fila dos homens, dispostos do mais velho para

o mais novo; do outro lado do salão, as mulheres se dispõem, seguindo a mesma regra, da mais velha para a mais nova. Quem ‘tem jurema feita, a semente plantada’ fica na frente.

As celebrações iniciam com o toque para Exu, que é convocado para vir e limpar as energias do terreiro. Na jurema, começa-se pedindo para Exu se retirar, para poder começar a gira. Ao terminar o período em que são tocados/cantados os pontos de Exu, todos ficam de pé, virados para a porta, incluindo a assistência, e se faz um gesto com as mãos, simbolizando a saída de Exu, que ‘limpou e abriu os caminhos’.

Em seguida, volta-se à posição inicial das duas filas como acima descrito e se vai saudar a Jurema sagrada. Reza-se, pedindo proteção e ajuda de deus, para que a gira aconteça ‘da melhor maneira possível’. Inicia-se a gira com o ‘ponto de abertura’. Cada casa tem um de sua preferência. Logo em seguida, começam os pontos pra caboclos, erês, mestres e mestras. Ao fim dos rituais, se passa solicitando a quem está na gira aberta uma contribuição para os mestres e mestras que participaram da gira.

No momento na contribuição é indagado aos observadores do ritual se desejam contribuir para os orixás que estiveram presentes na gira, então, a mãe de santo passa segurando uma toalha e solicitando a contribuição financeira em qualquer valor.

3.3.2 Estrutura básica das missas

Na igreja católica, a liturgia das missas começa com ‘a acolhida’. A celebração inicia quando o padre entra, em uma procissão. Quando o padre e os que vão servir na missa chegam ao altar e se colocam em suas posições procede-se às partes do ritual: o pedido de perdão; a liturgia da palavra - a primeira leitura é do salmo; a segunda leitura é do evangelho; segue-se a homilia/reflexão, na qual o padre traz uma interpretação sobre o evangelho; a liturgia eucarística – que começa com a preparação da mesa/ofertas, o ofertório (e entrega de dízimos), fazendo-se a consagração das ofertas; em seguida acontece a comunhão, seguida da oração e da benção final. Nos dias de semana, nas missas acontece apenas uma leitura, feita por um participante da assembleia previamente escalado. Nos fins de semana acontecem as duas leituras. As reuniões carismáticas organizam-se de modo diverso: começa-se com a leitura do texto bíblico, seguindo-se o momento de reflexões sobre a leitura, os louvores, e se escutam os ‘testemunhos’ realizados pelos participantes sobre as graças que receberam. Há um novo momento de louvores e consagração de vida, encerrando-se a celebração.

No momento do ofertório o discurso é construído sobre o desprendimento a bens materiais, então o líder religioso realiza apelo para que as contribuições sejam realizadas através da lógica do desinteresse, de modo que a contribuição pode ser depositada em uma espécie de cofre, as contribuições são realizadas ao fim do discurso do padre.

3.3.3 Estrutura básica dos cultos na igreja *Verbo da Vida*

Na igreja verbo da vida (IVV) chamou nossa atenção o rigor da organização da liturgia: logo ao se adentrar no templo vê-se um telão em que é projetada a contagem regressiva para o início do culto. Este começa com os ‘louvores’ (há um investimento forte neles), seguindo-se uma oração feita pelo dirigente da celebração. E, seguida há um momento específico para a entrega de dízimos e ofertas, em que é destacado que estes determinam a relação do fiel com deus. Seguem-se mais ‘louvores’ e a ‘pregação’. Depois há um momento de apelo, no qual o pastor convida os que ‘aceitam Jesus como seu salvador” se manifestarem levantando uma das mãos ou indo para o espaço do púlpito, de onde falam os pastores e se apresentam os que dirigem os ‘louvores’. Depois é feita uma oração final e é impetrada a ‘benção final’ e a celebração é concluída.

Durante o discurso o pastor faz uma alusão para a lei da sementeira e sobre a importância de manter a casa do senhor, como sendo uma obrigação coletiva e que aquela contribuição tem influência na própria vida do fiel, através de prosperidades, são expostos em um telão dados bancários para a realização do *pix* ou de um depósito, como também há maquinas de cartão de crédito, além do próprio local para colocar o dinheiro físico.

Alguns pastores referem-se a esse momento como celebrar ao senhor com os dízimos e as ofertas, e leem trechos da bíblia e os interpretam em relação ao ato de ofertar e de entregar o dízimo, afirmando-se que esse momento de ofertório é parte do culto, e que o dar envolve também um receber, sendo uma associação com deus, uma contribuição para seu ‘reino’. Ouvi muitas vezes nos cultos da IVV a menção à lei da sementeira, e o agradecimento feito pelos pastores ‘pela generosidade do fiel para com deus’.

Na IVV pude observar a distinção entre o dízimo e as ofertas. O dízimo é narrado como uma entrega, já que ele é definido como o que é dividido pelos fiéis a deus – cada fiel teria a obrigação de entregar a décima parte do que recebeu em cada mês – e as ofertas estariam além do campo da obrigação, sendo o resultado da generosidade que brota do “coração” do fiel.

3.4 A análise das entrevistas

Realizamos entrevistas semiestruturadas com os participantes das comunidades religiosas selecionadas, buscando entender: (1) O que (o fiel) sente quando oferta? (2) Como o fiel define para quem é a oferta? (3) Quando se fala em dinheiro, o que o fiel sente/pensa? (4) Como na instituição religiosa de que se participa se fala sobre a importância do dinheiro? (5) Qual a importância de ofertar dinheiro à instituição religiosa ou aos santos ou divindades? (6) Como as ofertas/dízimos/obrigações influenciam na relação do fiel com divindade ou divindades? (7) o realizar ofertas/entregar o dízimo/fazer as obrigações se relaciona com alcançar graças/bênçãos/efeitos ou realizar algum desejo?

Observamos as falas, os silêncios, as expressões corporais, pensando, com Bourdieu (2020, p. 20), que “os entrevistados têm mil maneiras de dizer ao sociólogo o que decidem dizer ou calar”. Vamos à análise das entrevistas.

3.4.1 Fiéis do candomblé

3.4.1.1 Iorã

A primeira entrevista com participantes do terreiro de candomblé selecionado para a pesquisa aconteceu após a realização de uma gira. Participei de todo o ritual, tendo sido acolhida por uma participante, que me instruiu onde ficaria no espaço e me mostrou um movimento a ser feito com as mãos, que simboliza a saída de exu. Ela sorriu para mim quando realizei o movimento e a partir daquele momento senti-me integrada ao ambiente.

Depois de concluída a celebração, Iorã (nome da entrevistada na comunidade) respondeu às perguntas com entusiasmo, afirmando recorrentemente sua satisfação em fazer parte do candomblé/ketu. Esteve todo o tempo sorridente e respondeu com abertura às perguntas que fui fazendo. Vejamos a transcrição de trechos da entrevista de Iorã, os quais me fizeram pensar:

Sou do Candomblé, nação Ketu com águas de angola. Tô na religião há três anos. É uma família literalmente. A gente se trata bem, temos a união literalmente de uma família: somos pais, somos irmãos, somos netos *etc.* É literalmente uma ligação espiritual, a hierarquia. A **minha primeira oferta** foi o assentamento da minha pomba gira. Foi assim um momento de abertura de caminhos. Meus caminhos se abriram, eu me senti muito feliz, me senti muito amada. Veio uma estabilidade em muitas coisas na minha vida pessoal. **Penso na troca**, querendo ou não, o *aquê*, como a gente chama o dinheiro, ele é necessário. É um portador de energia. Então, quando a gente fala em dinheiro, tá falando numa troca, eu imagino isso. É justamente a questão dessa troca para você ter uma benção você tem que ofertar alguma coisa. Para você ofertar essa

coisa você tem que ter condições financeiras para comprar essa coisa a ser ofertada para o seu santo, a sua entidade. Então, é tudo uma questão de troca. **O dinheiro ele traz a energia, traz a movimentação**, né, que o orixá precisa e que aquela entidade precisa. O dinheiro não é importante para as divindades. Para elas, o dinheiro é insignificante, mas para a gente, o ser humano, a energia que o dinheiro traz é importante. Na oferta me sinto ligada, é uma conexão surreal, totalmente diferente, lógico estando no local correto que segue a doutrina do candomblé na linha. Constantemente sou abençoada por realizar ofertas, por mais que seja uma oferta pequena, *arriar um padé*, dar uma comida seca para o santo, **ele vai te retribuir** de alguma forma, seja nos teus caminhos, seja no teu sentimental. Então, eu vejo assim, se eu for ofertar uma coisa para minha pomba gira, as mudanças são constantes. É de imediato.

Nessa fala aparecem muitos elementos importantes relativos aos significados do dinheiro nas religiões afro-brasileiras em geral: **o primeiro** se refere à associação entre a oferta com rituais iniciáticos observados no candomblé e em outras religiões afro-brasileiras. Iorã, ao mencionar sua primeira oferta, não menciona dinheiro ou outras coisas materiais. Ela alude ao assentamento da pomba gira, que funciona, nesse modelo de religiosidade, como a realização de um entrega e confirmação de pertencimento. Essa oferta se refere à doação da própria vida à entidade que é lhe fora destinada. O efeito dessa oferta é descrito como a “abertura dos caminhos”. A estrutura do dar-receber-retribuir, observada por Mauss (2002) aparece nessa descrição da primeira oferta em termos do estabelecimento de relação entre a entrega (doação) da vida feita por Iorã, o recebimento da promessa de serviço e lealdade, pela pomba gira; e a retribuição em termos da ‘abertura dos caminhos’ da vida da entrevistada.

Um segundo elemento que nos chamou a atenção no trecho da entrevista acima transcrito foi a menção que Iorã faz à troca, seguida por comentários sobre as qualidades e funções do dinheiro, do *aquele: é necessário, é um portado de energia, é um mediador das trocas*. Essa forma de descrever o dinheiro nos remete a Simmel, em sua análise das funções de mediação das interações sociais – e aqui, também as que se estabelecem com a transcendência. Sobre esse ponto, a entrevistada declara: “quando a gente fala em dinheiro, tá falando numa troca, eu imagino isso. É justamente a questão dessa troca para você ter uma benção você tem que ofertar alguma coisa”. Aqui aparece mais uma vez a tríade maussiana da obrigação do dar-receber-retribuir, com a ressalva da introdução da divindade como receptora e retribuidora.

Seque-se um comentário que remete às condições objetivas dos fiéis. Iorã diz que “para você ofertar essa coisa você tem que ter condições financeiras para comprar essa coisa a ser ofertada para o seu santo, a sua entidade”.

Um terceiro elemento importante do trecho acima transcrito é a separação entre o significado do dinheiro para o fiel e para a divindade: Iorã diz sobre isso que: "O dinheiro não é importante para as divindades. Para elas, o dinheiro é insignificante, mas para a gente, o ser humano, a energia que o dinheiro traz é importante". O significado é construído em relação a duas instâncias: a dos humanos e a da divindade, apresentando nas duas diferenças.

Um quarto elemento a ser destacado do trecho acima é a alusão à obrigação de contrapartida anunciada como uma expectativa de como se comportará a divindade ao receber a oferta do fiel, Sobre isso, Iorã diz: “constantemente sou abençoada por realizar ofertas, por mais que seja uma oferta pequena, *arriar um padé*, dar uma comida seca para o santo, **ele vai te retribuir** de alguma forma, seja nos teus caminhos, seja no teu sentimental”. Mais uma vez temos a corroboração do esquema tripartite proposto por Mauss.

Iorã não considera que o critério econômico seja determinante para as divindades, o que aponta para a esfera das entidades transcendentais cultuadas como um espaço dominado pela lógica do desinteresse. Ao mesmo tempo a entrevistada alerta para a indispensabilidade de ter dinheiro para que seja realizada a oferta, independentemente do valor, como sendo fundamental para a sua ligação com os orixás e as bençãos que eles podem produzir em sua vida.

3.4.1.2 Bantuê

Deste entrevistado trazemos o seguinte trecho para a análise:

Pratico a religião há cerca de oito anos. Inicialmente, dentro da umbanda/jurema na cidade de Campina; e há cerca de três anos, no Candomblé da nação Jeje, localizado em João Pessoa. Comecei a frequentar terreiro em 2014, um terreiro místico, vou dizer assim, porque ele acaba congregando práticas diferentes. É um terreiro majoritariamente de jurema. Fiquei lá até 2019. Nesses dois terreiros que frequentei, a relação com o dinheiro físico é uma coisa muito específica. Aqui não tinha um valor fixo, de oferta que a gente fazia. **Alguns terreiros pedem aos seus ‘filhos’ que contribuam com quantias fixas, para a manutenção do local, das coisas básicas do dia a dia da casa, como água, luz, manutenção,** enfim. Lá a gente não fazia isso. A questão de dinheiro não se desenvolvia. A gente não tinha obrigações na parte ritualística, de oferendas, festas, enfim. Normalmente, **a gente oferecia, a gente dava, uma cota, um valor, e**

aí ficava que a gente ofertava o valor que achasse que fosse interessante, que pudesse. Também não era obrigatório, pois nem todo mundo tinha condição financeira naquele momento. E esse dinheiro era usado justamente para gastos, compra de produtos que iam ser utilizados, pagamento de quem fosse tocar, porque tinha essa dinâmica de pagar a quem toca. Então assim financeiramente era muito raro eu fazer uma contribuição financeira fixa. Um exemplo: vai ter festa do patrono da casa, dentro os filhos se juntavam e juntavam um dinheiro para poder pagar tudo que envolvia a festa. Então, assim, vou te ser bem sincero: **o dinheiro em si ele tem essa importância, óbvio, mas o dinheiro em si quanto material não tem tanto valor, porque você precisa comprar velas, alimentos e isso importa, e eu já nem sentia tanto isso da questão financeira porque ia ser transformando em outras coisas.** No candomblé também, mas a dinâmica é diferente, **a gente faz uma contribuição mensal, para manutenção da casa e também dependendo da festividade, do momento, para a compra de bichos, alimentos, de ações religiosas,** enfim. Esses valores são dispendiosos, só que ainda assim o dinheiro físico é muito importante, mas não tem uma centralidade, mas no que eu frequentava antes normalmente era dinheiro físico, até porque a imensa maioria das coisas eram e são compradas em meio de feira, e o meio de feira exige um dinheiro físico, então, entregávamos para a mãe de santo. Em João Pessoa a gente utiliza depósito, mas não tem uma regra, como for mais fácil. **Esse terreiro que estou, eu pago um valor fixo, de cerca de cinquenta ou sessenta reais.** (Bantuê)

O trecho da entrevista de Bantuê que selecionamos para a análise aqui aponta para um aspecto funcional do dinheiro nas religiões afro-brasileiras. A fala desse entrevistado enfatiza os aspectos de necessidade de circulação do dinheiro nas comunidades de que ele fez/faz parte, sempre destacando como ele é utilizado para bancar as despesas de manutenção das atividades dos terreiros. O entrevistado faz essa transfiguração do dinheiro em meio para a realização das atividades fins dos terreiros, destacando que **“o dinheiro em si ele tem essa importância, óbvio, mas o dinheiro em si quanto material não tem tanto valor, porque você precisa comprar velas, alimentos e isso importa, e eu já nem sentia tanto isso da questão financeira porque ia ser transformado em outras coisas”**. Esse modelo de discurso sobre o papel do dinheiro pode ser visto como o resultado dos discursos institucionais mobilizados para estimular, persuadir os fiéis para contribuírem, operando com a categoria da necessidade funcional das contribuições, o que afasta a ameaça ou a ideia de que alguém pode tirar proveito dos montantes captados.

Vale também ressaltar a comparação entre o terreiro frequentado por ele em Campina Grande, no qual o culto à Jurema era central, e o terreiro frequentado por ele em João Pessoa. No primeiro não havia a obrigatoriedade de contribuição financeira,

enquanto no segundo, de acordo com o entrevistado, os fiéis são instados a contribuir com uma quantia fixa mensal. Nessa entrevista não aparece a tríade maussiana nem a ideia simmeliana de dinheiro como mediador de interações sociais e com as divindades, observando-se uma fala atravessada pela visão funcional das contribuições financeiras que ocorrem nos terreiros frequentados pelo entrevistado.

3.4.1.3 Vinícius/Tata Uluazê

Conheci Vinícius através de um amigo que me apresentou para ele, e ele se dispôs a contribuir com a minha pesquisa, mesmo apresentando um certo desconforto por eu ter mencionado sobre as práticas envolvendo dinheiro. Segue o trecho de sua entrevista que trazemos para a análise

Meu nome é Vinícius Queiroz, minha Ndijina, nome no candomblé, é Tata Uluazê. Entrei para o candomblé nação angola de fato com 11 anos de idade. Hoje tenho 28 anos. Fui iniciado em 2017, para o inkisi Luango, por um senhor de Ossalá juntamente com a minha mãe de santo Ivonete Maianbemim, sacerdotisa do Ilé axé maianbemim, aqui em Campina Grande. Meu ambiente religioso é de paz, luz, amor e dedicação. A importância do candomblé é que além de ser uma religião de fé, amor e devoção, é rica em cultura, rica em ritualística, rica na culinária, contribui bastante para a cultura brasileira. Ofertamos à natureza. Cultuamos a natureza. **Dinheiro é preciso, mas não é tudo! Na minha casa cada um ajuda, contribui da forma que pode. Aos santos ninguém oferta dinheiro, pois eles não necessitam. As ofertas em dinheiro são para a manutenção do ambiente, mas não sendo obrigatório os adeptos oferecer uma quantia fixa. Divindade não tem ligação com ofertas, Divindade está presente no coração limpo, na dedicação, no amor. Desculpe a sinceridade, até grosseria de minha parte, mas achei sem nexos, você não visou o sagrado em si. Visou o financeiro, e tá longe de candomblé. Diversas perguntas importantes para ser feitas, e todas foram relacionadas ao financeiro.** (Vinicius/Tata Uluazê)

Esse trecho da entrevista com Tata Uluazê é bem representativo de uma tendência que merece a atenção dos pesquisadores do papel do dinheiro em instituições religiosas. Como já mencionado por Bourdieu, no seu *A Economia das trocas linguísticas* (2008), o dinheiro é comumente associado com o profano e com decadência referida à impureza. Em vários contextos da vida social a menção ao dinheiro é evitada, na medida em que ele representa uma ameaça à representação das interações sociais como desinteressadas e nesse desinteresse, como 'puras'. Isso é bem fácil de perceber, inclusive na lógica que atravessa a estrutura maussiana do dar-receber-retribuir. Segundo as abordagens socioantropológicas dos sistemas de dar/receber/retribuir presentes em várias sociedades,

a exemplo da oferecida por Appadurai (1986), no livro *The Social Life of Things*. Esse autor, além de reunir um interessante conjunto de estudos de caso ilustrativos de sutis e múltiplos manuseamentos sociais realizados sobre objetos diversos, na “Introdução” ele discute a dicotomia entre presente e mercadoria. No primeiro, o preço, a referência ao dinheiro devem ser obliterados; nas mercadorias, o preço, o valor, o dinheiro são elementos a serem claramente mencionados (APPADURAI, *idem*).

Quando Vinícius/Tata Uluazê afirma que “a divindade não tem ligação com ofertas. Divindade está presente no coração limpo, na dedicação, no amor”, ele expressa o desejo institucional de se colocar acima do interesse material, visto como ‘pequeno’, ‘desqualificador’.

A reação de reprovação das questões que lhe fiz, sobre as representações e significados da circulação do dinheiro na atividade religiosa do terreiro do qual ele faz parte também aponta para o medo muito comum entre indivíduos de categorias como as de líderes religiosos, artistas, professores, de terem sua atividade associada com o interesse material.

O informante declara a importância do dinheiro, mas atua com o objetivo de lançá-lo para o campo do indizível, do que não precisa ser mencionado. Seu modo de falar sobre o tema e até sua irritação são um sintoma do recalcado em que se coloca o dinheiro em muitas religiões ou outras atividades que se interessam em se apresentar como desinteressadas pelos elementos monetários. Assim como as divindades não têm interesse em dinheiro, a lógica sob a qual operam os líderes religiosos é construída como sendo baseada puramente em uma entrega pessoal, desinteressada.

3.4.1.4 Tiago

Conheci o informante Tiago através de rede social, o contato dele foi enviado pelo professor Lemuel, e a partir de então, comecei a interagir com ele, que me concedeu uma entrevista, da qual selecionamos o seguinte trecho para a análise:

Olha, o mundo do terreiro que eu frequento, né? que a gente chama de *ebi*, que quer dizer família, em Iorubá, né, aí *Ilé Axé Oxum*, é um dos terreiros mais antigos da Paraíba, com cerca de setenta anos. Fica localizado ali nas imediações do cemitério de Zé Pinheiro. A matriarca da casa, que já teve um patriarca, é herdeira do meu avô de santo. Falando um pouco da genealogia da nossa *ebide* que é importante, né? Somos herdeiros de dois terreiros conhecidos do Brasil, nação Ketu, que foi a primeira, a casa branca que fica localizada em Fortaleza, foi um terreiro que foi tombado pelo IPHAN, agora, que virou patrimônio

mundial dos santos, que é o tombo Jussara, que é da nação angola. Então, nós temos essas duas vertentes de família, e fora lá, o nosso avô de santo, que começou lá na casa branca. Depois a gente chama de ‘vira folha’, né? Que ele foi para outra nação, e a casa ficou Ketu/Angola, então ele foi idealizado e quem herdou foi a minha vó de santo que é a atual que tá aqui, que é Mãe Ivonete, chamada de Mãe Ivonete de Oxum. Ela é a terceira pessoa a ocupar o cargo da casa, teve meu avô de santo, a mãe dela, graça de zinguelê, e agora Mãe ivonete, que tá ocupando, atualmente o terreiro, já tem uns cinquenta anos mais ou menos a frente da casa. Olha, **a dinâmica em terreiro de nação funciona através de três coisas, né, relativo ao terreiro, tem os que são chamados clientes da casa, que são as pessoas que vão fazer limpeza, né, consultas espirituais, então, não tem um preço fixo, que é dado. É como se fosse uma oferta que você chega e dá para o orixá, se você não tiver também não deixa de ser acolhido na casa, essa é uma primeira forma. A segunda, é através dos jogos adivinhatórios, né, que é através dos jogos de búzios, jogos de cartas, é que minha mãe faz as consultas, né, para saber quais seriam os ebós, os banhos de limpeza. E a terceira é as doações nas obrigações que a gente faz, que a gente chama de obrigações de salão, que é a parte aberta para a comunidade, então, tem gente que oferta animal, tem gente que oferta dinheiro para ajudar nas obrigações de exu, de pomba gira, dos orixás, e aí essas são as três formas que movimentam o que a gente pode chamar de economia do terreiro. E fora isso, Campina tem uma rede, um extenso mercado, de, voltado para os terreiros de nação, que são coisas que vem da África, como o sabão da costa, *obí* e *orobô* da africa que são duas frutas que usamos nas obrigações. Assim, tem uma rede muito embricada de comércio, que vai parar na África, se a gente for investigar vai parar na África. Mas sempre, o intermediário disso é a feira central, tem o provérbio *urubá* que diz que tudo começa e tudo termina na feira, que é o reinado de exu, é onde exu faz, onde se faz presente, é o teu comércio, onde tem a palavra se fazendo, onde tem as negociações, então, sempre, **o candomblé tem essa ligação com os mercados**. Então, por exemplo, se você pegar Campina, você vai ver um extenso número de pessoas que são do candomblé e não são, mas que são ligadas, que vendem para duzentos terreiros animais e de outras religiões, que tem outras lógicas específicas também. (Tiago)**

Dentre os elementos importantes desta entrevista destaco a apresentação das três formas de captação de recursos financeiros para o terreiro: duas referidas ao fora da comunidade religiosa estudada e uma aos participantes do terreiro Tiago menciona: **a primeira forma**, como sendo os “clientes da casa, que são as pessoas que vão fazer limpeza, né, consultas espirituais, então, não tem um preço fixo, que é dado. É como se fosse uma oferta que você chega e dá para o orixá, se você não tiver também não deixa de ser acolhido na casa”. Aqui começam a ser apresentados ‘serviços’ oferecidos pelo terreiro, pelos quais se espera dos que os consomem uma oferta. Tiago destaca que não há uma fixação dos preços, e que a oferta é dada para o orixá. Esse trecho aponta para a

inserção do terreiro em um mercado de serviços espirituais especializados, ao mesmo tempo em que enfatiza o endereçamento das ofertas não para os líderes religiosos, mas para o orixá. Mais uma vez cabe aqui reforçar o esforço que se faz para retirar da esfera do interesse a circulação do dinheiro no terreiro.

A **segunda forma** de captação de dinheiro para o terreiro mencionada por Tiago é o oferecimento de jogos adivinhatórios (búzios e cartas), pelos quais os clientes ofertam uma contrapartida em dinheiro ou em objetos, coisas, bem como se estabelece o que os consultantes devem fazer para evitar os malefícios eventualmente vistos nas consultas (os *ebós*, os banhos de ‘limpeza’ a serem tomados).

A **terceira forma de captação de recursos** para o terreiro consiste das “doações nas obrigações que a gente faz, que a gente chama de obrigações de salão, que é a parte aberta para a comunidade, então, tem gente que oferta animal, tem gente que oferta dinheiro para ajudar nas obrigações de exu, de pomba gira, dos orixás”.

Essas três formas constituem o que Tiago menciona como a “economia do terreiro”, comentando que se constitui um mercado de produtos específicos – a exemplo de animais para sacrifício – destinadas ao consumo nos ritos e atividades ordinárias e extraordinárias de cada *casa*.

Esse mercado citado por Tiago, aponta para a diversidade de sentidos das relações de troca que envolvem o uso de dinheiro entre os adeptos do candomblé. Essas relações, que ocorrem no âmbito de uma “família de santo” com hierarquias complexas, acionam aspectos simbólicos advindos de conexões entre materialidades e o sagrado, seguindo “uma linha tênue em que uma economia do dom ou da graça se confunde constantemente com o mundo dos interesses, assim como estes últimos podem às vezes mobilizar aspectos ligados à graça divina” (BAPTISTA, 2007, p, 35)

Nas relações mediadas por dinheiro no Candomblé é possível observar não apenas os limites imprecisos entre dom e interesse, mas o vasto campo no qual se processam as trocas entre os agentes sociais em atuação no contexto interno, mas também na relação entre internalidade e externalidade dos terreiros.

3.4.1.5 Maria Rodrigues da Silva

O meu nome mesmo é Maria Rodrigues da Silva, sou conhecida como Maria Piaba. O meu terreiro é de desenvolvimento, é do Mestre Zé Boiadeiro de Capibaribe. Sou filha da Iansã; segundo, de xangô; terceiro, de Oxum; e tenho o meu mestre da minha jurema, que é feita já tem 49 anos. Eu tenho 87 anos. Tenho 68 anos de macumba, conheço todos os benefícios da Jurema, e eu desenvolvo, mas desde que meu

marido morreu, eu parei. Não toquei mais. Eu batia, tocava, aí parei de tocar, aí tô só consultando, jogando. **Falar com a pomba gira é cem reais; jogo de búzio é cem reais; falar com o mestre dono da casa é cento e cinquenta.** Tenho os meus clientes que é tudo de fora de Campina Grande. Tenho cliente que tá comigo há onze anos, há três anos, e tem um fazendeiro que tem oito anos comigo. Tem vereadora, dona de restaurante. Faço consultas. Parei com as giras. Tô só consultando, atendendo o povo, dando corte, fazendo limpeza de Exu, fazendo limpeza de Jurema, que eu trabalho na parte da Jurema, sou juremeira. Não sou feita no santo, eu sou juremeira. Tem as obrigações que são de sete em sete anos, e a jurema é de dois em dois anos. Fazemos oferenda, bode, cana, vela, charuto e galinha. O bode é pra o Mestre, um bode para Exu. Cada bode é quatro frango, que cada pé é um frango. O bicho num tem quatro pé? Um bode para exu e um outro para o mestre, são oito frango. Aí, para pegar e dar oferenda ao homi da porteira, que é o Exu da porteira, já é outro bode, já é mais quatro frango e outro bode, nesse caso são três bode, um para o exu da casa, um para o mestre e outro para seu zé. **Os participantes da casa se juntam e me ajudam nas obrigações. Tudo que a gente faz.** Isso é na minha parte. Não sei os outros fazem. Se eu vou acender uma vela, eu me pego com Deus. Agora, a gente não chama Deus. É Orixalá, a santa Bárbara é a Iansã, São Jerônimo é Xangô, e a Nossa Senhora das Dores é a Oxum, e Ogum é Ogum mesmo. Na parte do santo, aí na parte da Jurema, tem as Canidés, que é as crianças. Tem as pombas giras. Por sinal, a pomba gira que comanda meus cliente é maria mulambo, que é a pomba gira da casa, e tem a cabocla que é a menina, tenho uma cabocla menina que ela tem sete anos, o nome dela é Maria Cristina, se você chega aqui e me chama mãe ou maria e diz que quer falar com Maria Cristina ela se apresenta, doença, para agir num negócio que você tenha, você sabe que menino entra em todo buraco, e a moça é pra arrumar namoro, é pra ajeitar o marido que tá torto, você sabe o marido torto que eu quero dizer, fazer casamento e desmanchar casamento, e o mestre é pra rezar, trabalho para desempregado, preta veia para rezar pra curar é dona maria rosa que é a preta veia da casa. **É assim: quem quiser ofertar, dar vela, dar perfume, aqui e ali na pomba gira eu gasto mais perfume, assim dá o que pode.** A banha de *orí* é africana, a gente compra na feira, chega alguém com dor de cabeça aqui a gente passa. (Maria Piaba)

A fala de Maria Piaba confirma o afirmado por Tiago, sobre o mercado dos Terreiros, oferecendo um painel detalhado das atividades e obrigações com as quais cada Terreiro se compromete e aparecendo mais uma vez o termo ‘clientes’, inclusive com a descrição de serviços e preços correspondentes, o que aponta para a representação do dinheiro que entra nos terreiros através dessas atividades como sendo legítimo e funcional.

Outro elemento interessante dessa entrevista aparece na afirmação de Maria Piaba sobre o modo pelo qual a comunidade se organiza para providenciar o necessário para a realização das obrigações: “os participantes da casa se juntam e me ajudam nas obrigações. Tudo que a gente faz”. Ela completa dizendo que “é assim: quem quiser

ofertar, dar vela, dar perfume, aqui e ali na pomba gira eu gasto mais perfume, assim dá o que pode”. Esse ajuntar-se em trono da provisão das necessidades materiais dos rituais aponta para a visão simmeliana do aspecto funcional-operativo do dinheiro, usado como mediador das sociações.

Lendo as entrevistas de Tiago e de Dona Maria Piaba, é possível pensar que a estrutura dar-receber-retribuir proposta por Mauss sofre duas inflexões no que se refere às dinâmicas de atividades dos terreiros de que os entrevistados fazem parte: a primeira, o sujeito que doa, que oferta é coletivo e não individual; a segunda, referida à entrada no cenário dos Terreiros da figura do cliente, que se afasta no modelo da dádiva e se aproxima do modelo mercadológico de pagamento por serviços oferecidos e consumidos.

3.4.2 Entrevistas com fiéis católicos

3.4.2.1 Emídio

Encontrei Emídio pela primeira vez em seu ambiente de trabalho. Acertamos a entrevista para um momento de final de expediente e ele começou falando sobre a sua religiosidade, sobre suas idas constantes à igreja e principalmente sobre a realização de serviços para a comunidade religiosa de que faz parte. Durante a entrevista apresentou tranquilidade ao responder, mas não quis muito mencionar o nome dinheiro. Vejamos o trecho selecionado para a análise:

Sou homem cis, estou/sou católico apostólico romano, estou na igreja, na instituição religiosa, há pouco mais de 13 anos. Eu vejo a igreja como um lugar orante, né, uma igreja estruturada, e quando me refiro à igreja não apenas ao prédio, mas eu digo toda a sua questão dogmática, toda a sua ideia central, e mesmo filosófica, é uma igreja orante voltada a uma vida de oração, contemplação. Então, eu a vejo como e me sinto assim quando entro como participante dessa instituição, eu me sinto assim num ambiente de oração. **As ofertas são destinadas aos serviços da instituição. A, a instituição funciona tal como uma empresa, né, ela tem os gastos, ela tem contas de luz, funcionários. Então, ela tem as despesas a serem pagas.** Então, a oferta ela é designada, orientada, na verdade, o fim último desta oferta é para a manutenção do prédio e daí pagamento de funcionários, pagamento de outras contas também, aquisição de objetos, de imagens, do que for necessário para a manutenção em geral. O dinheiro volta-se muito para a questão da necessidade, né? A gente, a igreja vive de caridade, então não há de onde retirar esse fundo monetário, então, são feitas essas ofertas. Então, há muito essa ideia, que é feito, a oferta é realizada para esse desígnio, dessa manutenção, para manter o prédio em um estado confortável para as pessoas que a visitam e que ali adentram. **Não há esse discurso sobre a importância do dinheiro**, ao menos na paróquia a qual eu participo, não se fala, não se tem esse discurso da importância do dinheiro, se fala da questão do trabalho, nas reflexões que são feitas,

dependendo da liturgia, da temática do dia, se fala da importância do trabalho, de edificar-se socialmente através do trabalho, mas o discurso sobre o dinheiro de fato não. Acho que ofertar dinheiro é importante, tem a sua importância, porque colabora com a manutenção, eu enquanto participante, quanto colaborador, tem que se manter o pagamento dos funcionários que mantêm o conforto do local. **Espiritualmente se fazer a ideia de ligação a Deus através da oferta.** Há uma passagem no evangelho que fala que sobre essa questão da oferta, que a viúva oferta as duas únicas moedas que tem e que isso gera para ela uma comoção de ligação direta espiritual. **Mas trazendo para agora, o hoje, se pauta muita nessa questão da oferta e do dízimo.** Talvez eu não me sinta com essa ligação direta ao fazer essas ofertas. Não me sinto à vontade, não me sinto ligado. **Eu não tenho a prática de fazer ofertas monetárias. As ofertas que tenho realizado são em serviços, mas não em valores, de dinheiro em espécie, mas em serviço e acredito sim que tenho recebido graças através das ofertas de serviços e também proteção.** Os serviços que tenho realizado são de catequese para jovens e também serviços de limpeza e de manutenção. (Emídio, negritos da autora)

A fala de Emídio é bem representativa da tensão envolvida quando o tema a ser comentado é o dinheiro. Ele começa afirmando que “as ofertas são destinadas aos serviços da instituição. A, a instituição funciona tal como uma empresa, né, ela tem os gastos, ela tem contas de luz, funcionários”, na mesma linha interpretativa seguida por Tata Uluazê, citado acima, o de que as ofertas, enquadradas por Emídio não apenas em termos monetários, mas também em referência a serviços oferecidos pelo fiel à comunidade religiosa, teria como objetivo prover as necessidades da instituição, descrita, em termos analógicos, com o modelo ‘empresa’. Minha impressão é que esse ponto é um argumento básico usado em todas as comunidades religiosas pesquisadas por mim nos discursos de estímulo às ofertas, obrigações e dízimos. Depois de estabelecida a plausibilidade dessa ideia, ancorada nas condições objetivas representadas pelas ‘contas a pagar’ que toda instituição tem, são agregadas outras camadas de significados possíveis associados à doação de dinheiro ou bens às organizações religiosas.

No meio do trecho observamos uma frase que entra em fricção com o que foi dito sobre a necessidade do dinheiro como meio de manter os serviços e comodidades oferecidos pela instituição aos que nela participam de atividades religiosas. Emídio diz que

Não há esse discurso sobre a importância do dinheiro, ao menos na paróquia a qual eu participo, não se fala, não se tem esse discurso da importância do dinheiro. Fala-se da questão do trabalho, nas reflexões que são feitas, dependendo da liturgia, da temática do dia, se fala da importância do trabalho, de edificar-se socialmente através do trabalho,

mas o discurso sobre o dinheiro de fato não. (Emídio, negritos da autora)

Nossa interpretação desse trecho, inclusive chamando a atenção para a repetição assertiva nele contida, refere-se às estratégias de negação do interesse material, um espectro que ronda as atividades humanas em geral, inclusive as religiosas. O substrato obscuro das relações sociais aponta para a centralidade do dinheiro, do valor, nas trocas entre humanos. Na igreja católica, uma instituição caracterizada pela movimentação de significativos montantes de capital financeiro, ancorada em um semi-estado internacional com sede no Vaticano, o financiamento das atividades tem sempre sido uma caixa preta. Enquanto a mídia enfatiza o caráter empresarial das igrejas neopentecostais, ou das mega-igrejas estadunidenses, o caráter de agente econômico de proporções planetária da igreja católica é menos visibilizado. A fala de Emídio representa a produção eficiente desse recalcado nas representações que ele mobiliza em relação ao dinheiro, afastando-o do perigo de ‘profanação’ que ele pode trazer para a comunidade e atividades religiosas.

Seguindo a análise do fluxo dessa fala marcada pela aparente pacificação e organização lógica, destacamos outro ponto de fricção trazido por Emídio, quando ele diz:

Espiritualmente se faz ter a ideia de ligação a Deus através da oferta. Há uma passagem no evangelho que fala que sobre essa questão da oferta, que a viúva oferta as duas únicas moedas que tem e que isso gera para ela uma comoção de ligação direta espiritual. **Mas trazendo para agora, o hoje, se pauta muito nessa questão da oferta e do dízimo.** (Emídio, negritos da autora)

Como vemos no trecho acima, o entrevistado quebra a linha do que vinha afirmando e aponta tanto para o aspecto mediador do dinheiro na relação entre fiel e divindade, bem como afirma que, atualmente (‘trazendo para o agora), “o hoje se pauta muito nessa questão da oferta e do dízimo”. O entrevistado contradiz a primeira parte do trecho acima citado, afirmando justamente o contrário.

O final do trecho acima citado também traz um elemento que tensiona o tom adotado no início da fala de Emídio, quando ele traz o aspecto de troca estabelecido através do oferecimento de ofertas – no caso dele, de serviços à comunidade religiosa – que resulta em efeitos retributivos – alcançar graças e ter proteção. É o que observamos quando ele afirma que “as ofertas que tenho realizado são em serviços, mas não em valores, de dinheiro em espécie, mas em serviço e **acredito sim que tenho recebido graças** através das ofertas de serviços e **também proteção**”. Aqui vemos a estrutura

triádica maussiana sendo outra vez ativada, na relação entre a oferta (por parte do fiel), a recepção (pela divindade) e na retribuição (pela divindade, que oferece como contrapartida as ‘graças’, a ‘proteção’ ao fiel doador.

3.4.2.2 Carminha

Conheci Maria do Carmo durante uma confraternização realizada na comunidade religiosa de que ela faz parte. Ela se aproximou de mim e começou a comentar sobre a vida religiosa dela e o quanto se sentia feliz. Aproveitei a oportunidade e a convidei a participar da pesquisa. Carminha sorriu, depois ficou séria, mas aceitou ser entrevistada. Vamos ao trecho que selecionamos para a análise:

Sou Maria do Carmo Oliveira. O povo me chama de Carminha. Aqui eu tenho o apelido de Carminha costureira, mas eu digo ao povo: “tira o costureira, é só Carminha”. **Meu dízimo é na Igreja de São Francisco.** Nunca deixei de ir para a igreja. Eu ia para a catedral, mas lá não dava o dízimo. Meu dízimo é aqui. Na catedral eu sirvo, mas lá eu sou da acolhida, que é só no domingo, na missa das 10h. A acolhida é fazer a coleta, servir na higienização. Minha participação é assim. Aí eu não tenho farda lá, só o nome. Eu nunca assinei nada lá, mas há 40 anos eu tô lá, os bispos, todo mundo lá me conhece. Sou muito antiga lá. Aqui na Igreja de São Francisco comecei de uns 10 anos para cá. Gosto muito daqui. Temos o nosso pároco e estamos lutando para ajudar muito, porque está precisando muito, num sabe? **Tudo a gente faz: sorteio, faz isso, faz aquilo, para arrecadar dinheiro pra gente melhorar as condições da paróquia.** Tem a pastoral do dízimo, mas eu não entrei ainda. Mas ainda vou fazer isso. Vou entrar na pastoral do dízimo, na pastoral da oração, e tem tudo isso ainda para fazer, só que eu não fiz, mas eu vou fazer, se Deus quiser. Minha filha, **a minha oferta do dízimo é uma coisa consagrada, que eu sinto que ali é a primeira coisa que eu reservo. Quando recebo o meu pagamento, a primeira coisa que eu faço é reservar o meu dízimo. E o meu dízimo é certo. Quando eu separo o dinheiro do meu dízimo é que eu vou fazer o resto das minhas contas, pagar minhas contas, e tudo dá certo, graças a Deus. Eu sou tão feliz quando devolvo o dízimo! Para mim eu tô fazendo a coisa mais importante da minha vida! É muito bom!** Tem gente que diz: “ah, tu dá quanto? Não interessa quanto eu dou, mas **dou o máximo que posso devolver. Não estou dando, estou devolvendo.** Já fui muito abençoada! Muito, muito! Tudo que eu peço a Deus eu recebo em graças, em tudo! Eu só recebo coisa boa! Eu sou muito feliz e todo ano eu aumento o meu dízimo, devolvo 10%. (Carminha, negritos da autora)

O primeiro elemento que destaco a partir do trecho da entrevista de Carminha acima trazido é sua relação com o dízimo. Ela não faz menção a ofertas. Enfatiza o dízimo e em um primeiro momento é possível observar a vinculação à sua paróquia de

pertencimento principal, a de São Francisco, o que é explicitado pela afirmação repetida de que lá é que ele ‘devolve’ o seu dízimo. Na outra paróquia citada, ela serve, mas não ‘devolve’ o seu dízimo.

O segundo elemento é a ênfase no ‘devolver o dízimo’, contida em vários trechos da fala de da entrevistada, correspondendo, segundo nossa interpretação, à eficácia da catequese a que ela se submeteu, na qual é ensinada a doutrina bíblica que aponta para essas características distintivas do dízimo em relação às ofertas: o dízimo o fiel “devolve”, já pertence a Deus; a oferta o fiel doa, conforme seus parâmetros de generosidade e compromisso com determinadas motivações construídas na comunidade religiosa. Embora haja essa distinção, no final do trecho acima trazido vemos uma frase de Carminha que pode indicar a dubiedade das fronteiras entre os dois gêneros. Ela diz: “tem gente que diz: “ah, tu **dá** quanto? Não interessa quanto eu **dou**, mas **dou** o máximo que posso **devolver**. Não estou dando, estou devolvendo”. Como vemos, ela cita três vezes o verbo ‘dar’ e no final reafirma que não está **dando**, mas **devolvendo**.

O último ponto que destaco é a alusão implícita à relação entre ‘devolver’ o dízimo e o recebimento de ‘graças’, do que Carminha diz “pedir a Deus”. Mais uma vez observamos nas representações feitas pelos fiéis entrevistados de uma lógica da dádiva, do dar-receber-retribuir referidos à relação entre eles e a divindade.

3.4.2.3 Francinete

Conheci Francinete em seu ambiente de trabalho. Ela apresenta como uma das suas qualidades definidoras sua atividade assistencialista. Comentei com ela sobre o meu estudo e ela se interessou em contribuir. Segue o trecho da entrevista que fiz com ela e trago para a análise:

Faço parte do ministério da eucaristia. Esse trabalho também é abrangente com relação aos idosos. Distribuo a eucaristia aos idosos aos sábados. Àqueles que não podem mais ir à igreja, a gente faz essa visita. **Com relação ao dízimo, nós somos contribuintes e creio que tanto a oferta do dízimo quanto a oferta semanal que é feita nas missas do domingo já tem um destino: recuperar a nossa capela,** que, inclusive foi derrubada e está em fase de reconstrução. Está quase concluindo! Realmente a gente vê esse dinheiro sendo utilizado em benefício da própria comunidade de São José. Eu não vou dizer que me sinto mal, me sinto muito bem nessa comunidade que me abraçou assim com muito carinho, participei de vários trabalhos, oficinas de oração, **de vez em quando a gente faz bingos, rifas beneficentes para ajudar alguma família da comunidade que necessita. Sobre dinheiro, olha é diferente do que em muitas igrejas, porque na maioria das igrejas, fala muito em dinheiro, o nosso pároco anterior ele falava muito em**

dinheiro, porque ele dizia “vamos contribuir, minha gente! A igreja precisa ser reerguida e precisa da ajuda de vocês, que a igreja é de vocês, sem isso não é possível concluir os trabalhos!” Nosso atual pároco ele é mais discreto, ele só frisa muito assim a palavra dinheiro quando ele vê que a situação não tá caminhando como ele gostaria. **Mas com um aviso só que ele dá, assim, o pessoal já entende, e a gente faz rifa em prol dessa reconstrução da capela, faz quermesses.** Na festa do padroeiro, que é em março, sempre há uma semana de festividade para arrecadar dinheiro com a participação da comunidade. Todo mundo contribuindo com alguma coisa e aí vai juntando e vai vendendo em prol dessa capela. (Francinete, negritos da autora)

Francinete constrói uma representação do dinheiro marcada pela operacionalidade. Afirma o plural “sermos contribuintes” e agrega indicações da motivação para “tanto a oferta de dízimos quanto a oferta semanal”: o financiamento da reconstrução da capela. Sua fala aponta para uma contribuição mensal (o dízimo) e outra contribuição semanal.

Outro elemento que vale destacar é a mobilização coletiva para o levantamento de recursos. Além das ofertas individuais, esforços que envolve coletivos são feitos para captar dinheiro para a instituição – as rifas, as quermesses.

Na fala desta entrevistada não aparece nitidamente a tríade maussiana. A motivação da oferta, da dádiva é recebida pela igreja instituição, mas também por toda a comunidade nela imbricada; a retribuição é feita em mais em termos da consecução de um determinado objetivo coletivamente estabelecido – no caso, a reconstrução da capela – do que em termos de ‘graças’ ou benefícios individualmente referenciados.

Um último ponto a destacar da fala de Francinete é sua distinção entre padres que falam mais e menos sobre dinheiro, um elemento importante em um contexto/cenário no qual o interesse costuma ser objeto de eufemização. Não há uma avaliação explícita dos dois tipos citados, mas se pode depreender que o que fala menos é melhor avaliado pela entrevistada, que representa de certa forma um grupo do coletivo de fiéis.

3.4.2.4 Jaelson

Conheci o informante Jaelson através da sua esposa Francinete. Ele também se dispôs a contribuir com a pesquisa e trazemos abaixo a transcrição de um trecho da entrevista que ele nos concedeu:

O que eu tenho a dizer é que frequento a igreja desde os dezoito anos de idade. Sempre frequentei igreja católica com minha vó, minha mãe, mas eu frequentava mais com minha vó, porque minha mãe trabalhava

o dia todo. Mas eu vim frequentar mesmo muito quando casei com Francinete há uns doze anos atrás. Hoje em dia eu faço parte da acolhida. É um trabalho importante, a gente fica na entrada da igreja recebendo as pessoas, as pessoas mais velhas, dando boa noite, levando até o local de sentar, e tratando bem. Levando quando alguém precisa de água, levando quando precisa ir ao banheiro. É um trabalho bonito, trabalho humano, um povo alegre. **A gente doa dízimo.** Como faço parte da acolhida, fico com as caixinhas, para recolher lá no altar. **As pessoas realmente contribuem muito, tanto na oferta quanto no dízimo,** e esse dinheiro é repassado pra uma turma que toma conta do dinheiro. Esse dinheiro é para pagamento de energia, pagar água, ajudar alguém do bairro quando precisa, uma doença, ajudar as pessoas no remédio, flores para a igreja, produtos de limpeza, essas coisas assim, sabe? É muito bom. **E o dinheiro é usado para manutenção em tudo na igreja.** É uma igreja bonita! Deus mandou um padre e ele derrubou a antiga igreja e reconstruiu. **Fazemos parte da pastoral do dízimo.** (Jaelson, negritos da autora)

Na entrevista de Jaelson, assim como na de Francinete, aparece mais uma vez uma dubiedade em relação ao dízimo. Enquanto Carminha enfatiza o ‘entregar’ o dízimo, ele diz: “a gente doa o dízimo”.

Segundo Jaelson, “as pessoas contribuem muito, tanto no dízimo, quanto na s ofertas”. Sobre o papel do dinheiro na comunidade, esse entrevistado repete a primeira representação que aparece na entrevista de Emídio: ambos apontam para a funcionalidade do dinheiro como meio de prover a manutenção da igreja. Jaelson amplia a representação do uso do dinheiro captado através da coleta de dízimos e ofertas, estendendo-a ao provimento de despesas com a assistência social realizada pela igreja.

Ainda vale destacar que nessa entrevista aparece a menção à Pastoral do Dízimo, uma especialização organizacional da igreja que aparecem em torno da década de 1990 na igreja católica. Anteriormente a prática do dízimo era inclusive comentada com desdém e desqualificação por católicos. Atualmente, como vemos na fala deste entrevistado, a representação do dízimo como algo a ser estimulado e praticado pelos católicos passa a ser cada vez mais plausibilizada.

3.4.2.5 Bosco

Consegui a entrevista com o Padre João Bosco através de uma amiga que me passou o contato dele. Segue informações.

“Sou católico de berço, então, toda a minha família é católica, meus bisavôs, meus avós, meus pais, então, eu fui educado nesta religião. Tenho quinze anos de padre, descrever a minha experiência como

sacerdote, como religioso, é... hoje eu sou um padre feliz, realizado, era o meu sonho desde criança ser sacerdote, ser padre da igreja católica, e hoje sou muito feliz naquilo que faço, costumo sem predizer que só vale a pena a gente exercer uma função quando da parte dela há uma realização pessoal, e hoje eu sou realizado como padre. Busco viver meu ministério sacerdotal com muita dedicação, sendo fiel a missão que me confiada no batismo, confirmada na crisma, na minha ordenação, em apresentar a presença de Deus na vida dos irmãos. Então, faço isso através da doação, me doou por inteiro a esta missão, tento me dedicar a esta missão, fazê-la com precisão, isso é a causa, acredito, da alegria do meu coração. E há uma palavra do evangelho que diz que **há mais alegria no dar do que receber. É algo muito prazeroso a gente fazer o bem ao nosso irmão, ao próximo, àquele que está necessitado.** Muitas vezes não são gestos grandiosos, são gestos simples, talvez insignificantes diante do extraordinário do mundo moderno, mas que causa alegria no coração das pessoas, uma escuta, um abraço, um sorriso, um aperto de mãos, gestos de Jesus. Sobre o significado dos dízimos e das ofertas é uma prática milenar, não é uma prática da vida da igreja católica, mas uma prática religiosa desde o início da criação, sempre houve essa prática de oferecer um pouco do que se tenha, do que se tem, que acredito que conseguimos com o nosso trabalho, para manutenção da religião e suas necessidades que são tantas. Então, o dízimo bíblico pede para que ofereçamos a décima parte, a palavra já diz, a décima parte daquilo que recebemos. Mas eu costumo sempre dizer que devemos dar algo, o pouco do que nós temos, para aqueles que podem dar a décima parte, mas o verdadeiro dízimo seja aquele que aquela pobre viúva do evangelho que ofereceu uma pequena moeda, que deu tudo que tinha. Eu digo sempre que não devemos dar a Deus a décima parte. Devemos dar a Deus tudo, e esse dar tudo, como faziam os primeiros cristãos, vendiam tudo e colocavam aos pés dos seus apóstolos. Esse **dar tudo é dar tudo que nós temos, um pouco ou muito do que nós temos, com o coração cheio de amor para com o senhor.** Então acho que essa é a experiência melhor do dízimo, eu digo sempre às pessoas que não adianta dar dez por cento se você vai dar com ingratidão, porque o dízimo é uma forma de gratidão a Deus. O dízimo é importante porque nos ajuda a desprendermos das coisas do mundo, porque muitas vezes somos apegados às coisas materiais, e o dízimo nos ensina esse esvaziamento para podermos ir abraçando as coisas de Deus. Nossa vida não encontra sentido nos bens materiais, e sim em uma vida feliz. E a vida feliz consiste em experimentar ter Deus no nosso coração...Então, partilhar o dízimo é como abrir o coração para Deus, nos desprendendo do material, que muitas vezes pensamos que é o tudo em nossa vida. O dízimo tem como objetivo a manutenção da igreja espiritual e temporal, mantemos a igreja com o dízimo, a igreja como qualquer outra instituição tem despesas, temos funcionários, pagamos encargos sociais, temos que manter os nossos prédios organizados, pagarmos os nossos impostos, temos que manter todo o aparato litúrgico, velas, vasos sagrados, pagamos energia, água, funcionários que trabalham conosco, usamos os dízimos para obras de caridade, acredito que instituição no mundo não faz mais caridade que a igreja católica, mas nós não mostramos, eu não sou um pastor protestante que muitas vezes fica mostrando aí o que faz, e também acredito que isso não é muito evangélico você dar e mostrar, Jesus diz que a gente deve dar com a mão esquerda que a direita não veja, então, a igreja tem muitos trabalhos, muitas obras de caridade que são

mantidas com as ofertas, as doações, o dízimo dos fiéis, muitos trabalhos mesmo, aqui na minha paróquia, temos vários trabalhos sociais, de assistência aos mais pobres, aos mais carentes, aos mais necessitados, e isso é mantido com o dízimo...O dízimo tem algumas dimensões que são eclesial, religiosa, missionária e caritativa, e isso se encontra nos documentos oficiais da igreja. (João Bosco, padre)

O padre considera que o dízimo e as ofertas são entregadas a Deus, uma declaração de fidelidade para com Deus, uma demonstração de gratidão com o sagrado, e o desprendimento com a materialidade do mundo, de modo que não aparece nitidamente a tríade maussiana, mas aparece a ideia simmeliana de dinheiro como mediador de interações sociais e com as divindades.

3.4.3 Entrevistas com fiéis da IVV

3.4.3.1 Libânia

Libânia é uma conhecida dos meus tempos na Faculdade de Direito. No ano passado ela me falou que havia entrado na igreja verbo da vida, à qual chegou por intermédio de seu companheiro. Entrei em contato e ela prontamente aceitou ser entrevistada para a pesquisa. Marcou sua entrevista pela tranquilidade com que respondeu às questões que fui lhe fazendo, olhando-me direto nos olhos. Em alguns pontos, chegou a discordar sobre percentuais, levantou o olhar e a entonação da voz. Vamos ao trecho selecionado para a análise que fazemos aqui:

Faço parte da Igreja Verbo da Vida. O Verbo da Vida é uma igreja que tem uma estrutura muito boa, uma igreja ampla, muito confortável, então é um ambiente agradável, de estar, de conviver. **Na oferta eu sinto que cumpro um princípio, um princípio bíblico, e que esse princípio é para manter, né?, os trabalhos do reino de Deus.** Não necessariamente me direciono a homens. Direciono-me mesmo ao princípio bíblico. Não é para me engrandecer e nem enriquecer fiéis ou pessoas que trabalham lá. **O dinheiro recolhido nos ofertórios eu penso que é para eles se mobilizarem, atuarem, pegarem esse dinheiro e atuar em obras para pessoas mais necessitadas e mais carentes, e para a própria manutenção do templo, para os trabalhos, enfim.** É importante doar dinheiro. Não é importante estipular valores, estipular porcentagens. Não acho que seja interessante esse viés, mas posso até estar enganada. Faz apenas um ano que estou frequentando. Mas eu **acho que, independentemente de valores e porcentagens, você deve ofertar para o reino de Deus. Quando ofertado sinto que estou cumprindo um princípio e não estou negligenciando.** Quando a gente sente e segue a palavra de Deus, procura fazer conforme está escrito na bíblia e se na bíblia está **dessa forma me sinto confortável, porque é um princípio. Realizar ofertas acredito que é um meio para bênçãos.** Tudo que recebo no âmbito

financeiro só atribuo a Deus. Todas as bênçãos vêm dele e aqui no mundo só administramos. (Libânia, negritos da autora)

O primeiro elemento referente às representações do dinheiro trazidas pela fala de Libânia é sua associação com um certo tipo de responsabilidade ritual com a fundamentação doutrinária, bíblica, segundo a qual os dízimos e ofertas se destinam à manutenção, o provimento das atividades das instituições religiosas. Isso já apareceu nas falas acima trazidas e analisadas.

Para Libânia, o ato de ofertar tem essa referência quase de ação racional relativa a valores, segundo Weber. Isso pode ser inferido de sua declaração de que ela, ao ofertar, “se sente confortável”, por estar cumprindo um princípio em que acredita, que age de acordo com sua crença.

No final do trecho acima, a entrevista fala sobre o papel do dinheiro na relação com a divindade. Ela afirma: "realizar ofertas acredito que é um meio para bênçãos". Aparece mais uma vez essa definição da oferta como meio de conseguir bênçãos, a representação do dinheiro como mediador de relações com a divindade.

3.4.3.2 Vladimir

Vladimir, que está na igreja verbo da vida há 15 anos, o companheiro de Libânia, fez uma entrevista marcada pelo entusiasmo com que respondeu às questões, inclusive afirmando considerar importantes os estudos científicos para a sociedade. Respondeu com segurança, olhando-me sempre nos olhos e gesticulando com as mãos de modo a expressar o que sentia. Vamos ao trecho da entrevista selecionado para nossa análise:

Faz quinze anos que estou na igreja evangélica verbo da vida. A igreja é um ambiente excelente no que diz respeito a estrutura e conforto para os seus fiéis. O verbo da vida busca tanto excelência, porque aprendemos que se você dedica o seu tempo com exclusividade a Deus você tem que dar o seu melhor, inclusive, também um conforto para os fiéis e tal, passar um clima agradável, tanto para quem vem visitar quanto para os seus membros. **Quando a gente oferta, uma das palavras diz trouxe todos os dízimos a casa do senhor para que haja mantimentos, e na bíblia diz que Deus ordena as bênçãos nas nossas vidas.** Quando doamos, não doamos a homens. Temos a consciência de que estamos plantando, ofertando à igreja, mas que esse dinheiro será utilizado para obras sociais, ao conforto do templo, som, equipamentos, bem como a manutenção das pessoas que vivem em função e em prol do evangelho, abdicando de suas vidas seculares para viver da pregação do evangelho e do acompanhamento aos carentes, enfim. Como eu já tenho algum tempo na caminhada, eu **já tenho muito esclarecido no que eu tenho e para quem eu tô dando**, independentemente de A ou B se tiver comentários negativos. É a

minha consciência, **que no momento estou ofertando para Deus. Tanto faz para mim chegar lá nas ofertas e alguém tocar fogo ou rasgar**, (claro que ninguém vai fazer isso), **o que importa é saber que aquele dinheiro está sendo dado de coração**, e não quero nem saber o que eles vão fazer, tipo se vão fazer alguma coisa errada ou não. Temos a consciência de onde estamos e que estamos em um bom lugar. E que isso aí será canalizado de uma forma positiva. **Eu acho importante não só ofertar para a igreja, mas também ofertar na vida de pessoas carentes, dos mais necessitados**. Eu me sinto ligado a Deus se faço de coração, de compromisso. Se oferto no templo, espero que o dinheiro seja canalizado para algo positivo. **A ‘palavra’ diz trazei todos os dízimos para a casa do senhor, para que haja mantimentos, e fazei prova de mim onde abrirei as janelas dos céus e trarei bênçãos sem medida**. Mas não pode ser! Ah, Deus eu tô lhe dando e você vai me dar isso? Não é uma obrigação, mas de coração. Temos a certeza de que o que você planta, você colhe, se planta feijão, colhe feijão, se planta milho não vai colher jaca, vai colher milho, até nessa área do dinheiro, tem a lei da sementeira. (Vladimir, negritos da autora)

Nessa entrevista vemos mais uma vez o que chamamos o fundamento básico da argumentação que circula nas comunidades religiosas referentes às representações do ato de ofertar. Vladimir diz que:

Quando doamos, não doamos a homens. Temos a consciência de que estamos plantando, ofertando à igreja, mas que esse dinheiro será utilizado para obras sociais, ao conforto do templo, som, equipamentos, bem como a manutenção das pessoas que vivem em função e em prol do evangelho, abdicando de suas vidas seculares para viver da pregação do evangelho e do acompanhamento aos carentes.

Outro elemento mobilizado com frequência para a construção de representações do papel do dinheiro nas comunidades religiosas cristãs é o texto do livro bíblico, Malaquias, citado em seu capítulo 3, versículo 10, citado por Vladimir: “a ‘palavra’ diz trazei todos os dízimos para a casa do senhor, para que haja mantimentos, e fazei prova de mim onde abrirei as janelas dos céus e trarei bênçãos sem medida”. Os pastores e padres citam esse trecho como o estabelecimento de um mandamento com promessa. De acordo com essa passagem a condição para que as bênçãos sejam alcançadas é o cumprimento, pelos fieis, do apelo para que os dízimos sejam trazidos à ‘casa do senhor’.

O informante declara ser uma obrigação ofertar para deus, mas também como um ‘ato do coração’. Aqui vemos a mobilização da emocionalidade na representação do dinheiro nas vivências dos fiéis. O trecho com a alusão à lei da sementeira, apontando também para o caráter instrumental e mediador do ato de ofertar dinheiro nas relações com a divindade

4.4.3.3 Sara

Conheci Sara em 2014, através de rede sociais eletrônicas. A partir de então desenvolvemos uma amizade. Ela chegou a fazer parte da igreja verbo da vida por 2 anos, e se dispôs a me conceder uma entrevista. Segue trechos de sua fala:

Frequentei a igreja verbo da vida por dois anos, é... tive uma experiência muito boa, né? Nesse período eu estava, é... passando a visitar algumas igrejas para ver, saber, em qual eu me adaptaria melhor, né? Aí, assim lá me senti muito bem acolhida. Fui bem atendida, fiquei bem à vontade. No início você pode não ter religião, mas aceitam você, entendeu? Senti muito Deus naquele lugar. **Lá aceitam dízimos e ofertas, mas não fui dizimista, mas fui ofertante, e, assim, é importante, porque a igreja precisa. E eles deixam você à vontade para você ofertar, né? Eles não obrigam você a fazer isso.** Foi uma experiência muito boa. **Me sentia ligada a Deus na oferta, porque assim tudo que a gente recebe a gente sabe que é através de Deus, né?** É ele que nos dá saúde, é ele que nos ajuda a trabalhar. Então, assim, **a gente tem que ofertar, dar o dízimo daquilo que a gente recebe em memória de Deus.** Então, assim, a casa dele precisa ser mantida. Se a gente não fizer a nossa parte, como é que a igreja vai ser mantida, né? Tem muitos gastos. O pastor precisa cuidar das ovelhas, a igreja precisa tá limpa, né? A gente tem que fazer a nossa parte, porque precisam contratar pessoas para fazer esses trabalhos, o pastor precisa sustentar a família. Então é importante. (Sara, negritos da autora)

Logo no início, Sara afirma que “lá aceitam dízimos e ofertas, mas não fui dizimista, mas fui ofertante, e, assim, é importante, porque a igreja precisa. E eles deixam você à vontade para você ofertar, né?” Nesse trecho, vemos mais uma vez a ideia-fundamento central que alimenta a representação do ofertar dinheiro para instituições religiosas para prover as necessidades de seu funcionamento. Achei interessante ela afirmar que “eles deixam você à vontade para ofertar”. Uma leitura ‘opositora’ pode indicar que eles pressionam os fiéis a ofertar, embora não estabeleçam os montantes de dinheiro a ser ofertado. Na representação que Sara elabora isso seria “deixá-la à vontade”, o que pode ser entendido como o resultado de suas experiências anteriores em instituições religiosas nas quais se observa uma obrigatoriedade da oferta.

Outro aspecto digno de nota é a enunciação da representação do ato de ofertar como um modo de “se ligar a deus” e conseguir dele as “bênçãos” de saúde, de forças para trabalhar. Mais uma vez aparece a representação do dinheiro a ser ofertado como um mediador da relação com a divindade, estando subjacente ao mecanismo de troca interessada.

3.4.3.4. Elton

Conheci Elton através de um casal de amigos. Falei sobre minha pesquisa e ele concordou em participar dela. Vejamos o trecho selecionada para a análise:

Então, em relação aos dízimos e ofertas, né? Desde que eu me entendo por gente, dos tempos da igreja, digamos, desde que congrego, né? **Tendo-se como parte do corpo de Cristo a gente deve ofertar aquilo que nos é proporcionado por Deus aqui fora** (da igreja). Na minha concepção, **as ofertas são algo voluntário, né?** Algo que no momento certo, naquele momento que a gente acha que deve ser feito, a gente oferta. **O dízimo eu já acho que não é uma questão de quando deve ou quando puder, acho que o dízimo a partir do momento que você se torna corpo de Cristo, o dízimo se torna uma devolução. Costumo dizer que o dízimo você não dá, você devolve, você tá devolvendo aquilo que Deus proporcionou para você.** Então, eu sou dizimista há mais de dez anos. Eu entendo também que o dízimo não é um benefício financeiro, sabe? Eu procuro não levar o dízimo como um benefício financeiro, como uma retribuição financeira. O dízimo, na verdade, eu tô devolvendo aquilo que, bíblicamente falando, é dele e aquilo que ele me proporcionou. Então, o dízimo é muito mais. **Eu devolvo o dízimo muito mais por agradecimento do que por um retorno de algo, né?** Eu brinco que, Deus fazendo ou não fazendo, ele vai continuar sendo Deus. **Óbvio que isso traz para mim um retorno espiritual, um retorno obviamente financeiro. Graças a Deus, desde que eu tenho devolvido dízimo, desde que eu tenho sido ofertante, a minha vida financeira é estável, tenho o meu trabalho, tenho minhas coisas, tenho meus estudos, não tem me faltado nada.** Deus tem proporcionado dentro da medida do possível aquilo que é suficiente para mim no momento, e se em algum momento eu chegar a ganhar mais ou menos isso não foi porque Deus deixou de me abençoar. Isso, lógico que é obra do meu trabalho, obra do meu entendimento, do meu dia a dia. Assim, eu acho que **a essência do dízimo é você devolver aquilo que é dele, é você mostrar que através do dízimo Deus é primeiro.** O dízimo é os primeiros dez por cento de tudo que nos passa pelas mãos, ou seja, quando eu devolvo o meu dízimo, o ato de estar separando antes de comprar as minhas coisas, antes de arcar com as responsabilidades, o ato de estar separando aquilo que é sagrado, aquilo que é de Deus em primeiro lugar, faz com que Deus entenda que ele é primeiro em minha vida, é isso que eu faço. **Assim que recebo qualquer tipo de dinheiro a primeira coisa que eu faço é separar o santo, o sagrado, depois arco com minhas responsabilidades.** Isso é ser dizimista, colocar Deus em primeiro lugar, na minha opinião. **Não tem muito a ver com essa questão de, ah, eu vou dar para Deus me dar, eu vou fazer para Deus fazer.** Se fosse assim, eu conheço um monte de gente que não é dizimista, que não é da igreja, que nunca foi na igreja, e tem muito mais dinheiro que eu. Então a questão não é essa! Conheço pessoas muito melhores financeiramente, mas que têm depressão e são angustiadas, que têm vários problemas dentro de casa... então não é o dinheiro em si. Sou dizimista há mais de dez anos e a oferta é momento. Já fui em vários momentos e não oferei. **Então a oferta é no momento que deus fala com você, e você oferta na sua condição.** (Elton, negritos da autora)

A fala de Elton é muito emblemática da dubiedade que atravessa as representações do dinheiro entre os fiéis da IVV entrevistados. Em alguns momentos ele define o ato de entregar, ‘devolver’ o dízimo como um agradecimento. No esquema maussiano da dádiva, ‘devolver’ o dízimo a deus seria a retribuição pelas dádivas recebidas. Em outro momento, Elton ensaia uma relação entre o fato de ele ser dizimista e desfrutar de uma situação material confortável, o que transforma a entrega ‘devolução’ do dízimo em dádiva a ser recebida por deus e retribuída na forma de ‘graças’, ‘bênçãos”, “bem-estar material, como vemos no trecho:

Óbvio que isso traz para mim um retorno espiritual, um retorno obviamente financeiro. Graças a Deus, desde que eu tenho devolvido dízimo, desde que eu tenho sido ofertante, a minha vida financeira é estável, tenho o meu trabalho, tenho minhas coisas, tenho meus estudos, não tem me faltado nada.

Além dessa dubiedade acima mencionada, temos também, na figura do dízimo, uma ambiguidade entre o *status* de dádiva ou de ‘devolução’, o que também subverte o esquema triádico de Mauss e requer outra interpretação.

Outro elemento interessante que aparece na entrevista de Elton é uma hierarquização dos atos de dar dinheiro na forma ‘dízimo’ e na forma ‘oferta’. Fica clara a prioridade e obrigatoriedade do primeiro e a espontaneidade da segunda. É o que depreendemos, por exemplo, no seguinte trecho: “sou dizimista há mais de dez anos e a oferta é momento. Já fui em vários momentos e não ofertei. Então a oferta é no momento que deus fala com você, e você oferta na sua condição.

3.4.3.5 Wanderson

Conheci o líder religioso da igreja Verbo da Vida Francisco através de uma amiga, o mesmo se dispôs com boa vontade em contribuir com a pesquisa. Seguem as declarações prestadas.

Minha experiência como líder religiosos, eu vejo como um chamado e vocação de Deus, pois o dom e a capacitação vêm dele, como tem sido prazeroso e enriquecedor poder servir as pessoas com aquilo que Deus me confiou, poder ajudá-las me sinto realizado e feliz em poder servi-las. A bíblia diz em Gênesis, capítulo quatro a respeito de Caim e Abel, que foi a primeira oferta registrada na Bíblia, e a Bíblia diz que a cabo de dias trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Ele era

agricultor, lavrador, mas a bíblia diz que Abel trouxe das premissias e o diferencial é esse premissias, porque premissias é o melhor do nosso rendimento, o melhor da nossa colheita, o melhor que chega nas nossas mãos, e a bíblia diz que Deus aceita a oferta de Abel ao passo que não se agradou da de Caim, então Caim ficou em seu semblante irado, então Deus disse para Caim que se procedesse bem seria aceito, se procederes mal o pecado bate a sua porta. A bíblia também diz que Abrão entregou dízimos de tudo que tinha chegado as mãos dele, depois Moisés estabeleceu o dízimo na velha aliança para a tribo de Levi, porque existia doze tribos de Israel, e a única tribo que não tinha sido beneficiada com as repartições das terras tinha sido a tribo de Levi, e eles eram sarcedotes do senhor, ficaram a serviço do senhor. Então, Moisés estabeleceu que nas onze tribos eles pegassem 10% de tudo que colhessem para que fossem consagrado ao senhor, para que a tribo de Levi tivesse o seu sustento. Lá em Malaquias, 3:10 a bíblia diz trazei os dízimos a casa do senhor para que haja mantimento na minha casa e fazei prova de mim, diz o senhor dos exércitos, e então eu abrirei janelas dos céus e derramarei bençãos. Então, o dízimo não foi estabelecido por homens, mas por Deus, e ele é na verdade um ato de fé, de obediência, de gratidão e de honra, não é por obrigação nem por necessidade, mas é um relacionamento com Deus, em relação aquilo que ele faz em nossa vida, como João Batista falou o homem não recebe coisa alguma, como Davi falou quem sou e o meu povo para dar voluntariamente ao senhor, se tudo vem de ti. Então, o dízimo é uma devolução da décima parte de tudo que chega as nossas mãos, para que na verdade Deus seja exaltado, engradecido na nossa área de finanças, porque ele diz que não podemos servir a Deus e ao dinheiro ou as riquezas, então é um ato de que a gente entende que a avareza e a ganância não faz parte da nossa vida, mas a generosidade e a liberalidade. A bíblia diz que um que retém perde e o que dá liberalmente ganha mais e mais, então, na visão de Deus é repartindo que ele pode operar mais na nossa vida. **Então, o intuito da oferta e do dízimo é trazer mantimento para a casa de Deus, mas também uma forma que Deus encontra de abençoar mais na nossa vida é consagrar os 90% que fica quando a gente consagra 10% ao senhor, não de qualquer forma como Caim fez, mas entregando ao senhor nosso melhor, nossas premissias. Então, Deus abençoa os 90%.** Em toda a bíblia se fala que aquele que semeia pouco colherá pouco. E que cada um contribua segundo o coração, e não por tristeza. A bíblia fala da oferta da viúva pobre, e Jesus ficou admirado e disse para os seus discípulos que ela deu muito mais que todos os ricos, ele deu tudo o que tinha. Então, Deus não avalia o quanto fazemos, mas o como e a intenção do coração. Dízimos e ofertas são atos de fé e de adoração. **Deus não tem e nunca terá interesse no dinheiro, porque ele é o dono do ouro e da prata, mas sim no nosso coração, que não tenhamos amor ao dinheiro, porque segundo a bíblia o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males.** Honra o senhor com os seus bens e as premissias e receberás bençãos. Então, cumprindo os princípios Deus estabelece benefícios.” (Silva, Francisco)

Na entrevista o pastor respondeu com entusiasmo e sentiu-se à vontade para falar como o dízimo e as ofertas apresentam fundamento em toda a bíblia, considerando que as práticas são mandamentos bíblicos e condições de aproximação do participante com Deus, enfatizando a lei da sementeira para as ações humanas e as consequências. Aparece nitidamente a tríade maussiana e a ideia simmeliana de dinheiro como mediador de interações sociais e com a divindade.

3.4.4 Esboço de comparação entre as representações relacionadas com os papéis e a circulação do dinheiro nos três sistemas culturais religiosos considerados

Sem dúvida a complexidade dos três modelos de religiosidade aqui focalizados, no que se refere aos modos pelos quais os participantes das comunidades religiosas selecionadas constroem representações mentais e falas sobre os papéis e funções do dinheiro nas instituições de que participam e nas suas relações com as divindades que cultuam foi algo de cuja medida fui me apropriando como pesquisadora.

Antes de iniciar o trabalho de campo tudo parecia muito exequível. Quando comecei a frequentar sistematicamente as comunidades selecionadas já fui compreendendo a amplitude da tarefa. Quando comecei a tentar realizar as entrevistas aprofundou-se ainda mais minha consciência dos desafios que precisaria enfrentar e dos limites que isso me impôs. É com a consciência do tamanho da tarefa a que me propus que esboço aqui alguns pontos de assemelhação e diferenciação entre as representações construídas por participantes das comunidades religiosas aqui focalizados, no que se refere às funções e os usos do dinheiro nas dinâmicas de funcionamento das instituições religiosas a que são afiliados e em suas experiências religiosas.

O ponto central em comum nas falas dos entrevistados das comunidades neopentecostais, das afro-brasileiras e das católicas foi, como já comentado acima, a ideia de que doar dinheiro – na forma de dízimos, ofertas ou oferendas – se relaciona com um tipo de dádiva-operacional/funcional que pode ser vista como uma retribuição ao que já foi ofertado em termos de serviços básicos relativos a garantia de condições apropriadas de realização das celebrações religiosas de todos os tipos; ou como uma dádiva com a perspectiva da retribuição institucional, referida ao provimento das necessidades de funcionamento das instituições religiosas.

Entrevistados das três comunidades citadas repetiram essa ideia da doação do dinheiro às instituições religiosas – ou de coisas que o dinheiro compra, no caso das oferendas no candomblé – como uma necessidade para que a instituição funcione. Essa

visão do dinheiro como provedor de necessidades institucionais, como necessário para garantir as condições para que os fiéis possam se reunir, ter as experiências religiosas coletivas é afirmada por pastores, obreiros, professores de escolas bíblicas – no caso da IVV, do RHEMA⁶; por padres e responsáveis pela catequese em termos de doutrina, de teologia, no catolicismo e nas neopentecostais, e nas afro-brasileiras através da proposição/estabelecimento das ‘obrigações’ por mães e pais de santo.

Essa representação funcional/operacional da doação/captação do dinheiro em instituições religiosas apresenta uma ancoragem ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. Nas mensagens e homilias a que assisti na IVV e na paróquia católica, nunca fica claro o montante de capital a ser levantado para prover as necessidades institucionais da comunidade religiosa. No terreiro que frequentei também fica em aberto o ponto até o qual as oferendas ou obrigações a serem oferecidas devem ir.

Outro ponto em comum a ser considerado na comparação das representações emergidas das falas dos entrevistados das três comunidades religiosas aqui estudadas é a função-dávica no estilo maussiano: entrevistados de todas as comunidades religiosas focalizadas mencionaram o uso do dinheiro como mediação para receber ‘graças’, ‘bênçãos’, ‘alcançar objetivos’. O doar dinheiro ou comprar coisas que são oferecidas a entidades cultuadas foi narrado em termos dessa intenção da retribuição nos termos acima descritos, reforçando a tríade maussiana relativa à dádiva: dar-receber-retribuir. O fiel doa – a divindade recebe – a divindade retribui.

É interessante destacar que essa cadeia é circular: às vezes nas experiências dos fiéis, eles doam e acionam o ciclo; outras vezes, a divindade doa (graças, bênçãos, proteção, sucesso *etc.*) e ativa o ciclo, sendo o fiel o receptor e depois o que retribui. (por sua vez doando e reativando o ciclo proposto por Mauss).

O ciclo ativado pelo fiel:

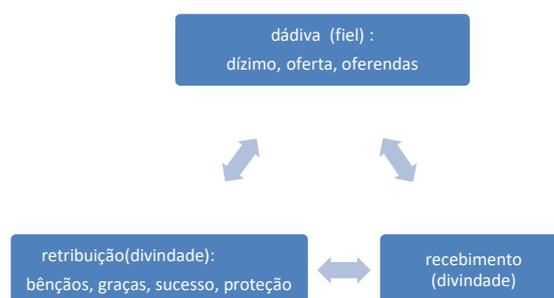


Diagrama criado pela autora da dissertação

⁶ Curso de Leitura Bíblica Sistemática oferecido regularmente aos participantes da IVV.

O ciclo ativado pela divindade:



Diagrama criado pela autora da dissertação

As representações da doação de dinheiro, na forma de dízimo e ofertas ocorrem com traços peculiares, considerando-se os entrevistados do subcampo neopentecostal e o católico. Os participantes da igreja neopentecostal aludem a ‘lei da sementeira’, afirmando a ideia de que a entrega do dinheiro para a igreja tem relação com a ‘colheita’ que se fará – obtenção de prosperidade financeira, de proteção, de bênçãos de saúde *etc.*

Vejamos trechos de entrevista feitas com fieis da IVV sobre esse ponto:

(1)

Me sentia ligada a Deus na oferta, porque assim tudo que a gente recebe a gente sabe que é através de Deus, né, é ele que nos dá saúde, é ele que nos ajuda a trabalhar. Então, assim, a gente tem que ofertar, dar o dízimo. (Sara, da IVV)

(2)

Realizar ofertas acredito que é um meio para bênçãos, tudo que recebo no âmbito financeiro só atribuo a Deus, todas as bênçãos vem dele e aqui no mundo só administramos. (Libânia, IVV)

(3)

O dízimo se torna uma devolução, eu costumo dizer que o dízimo você não dá, você devolve, você tá devolvendo aquilo que Deus proporcionou para você, então eu sou dizimista há mais de dez anos. (Elton, IVV)

(4)

A palavra diz: “trazei todos os dízimos para a casa do senhor, para que haja mantimentos, e fazei prova de mim onde abrirei as janelas dos céus e trarei bênçãos”. Mas não pode ser! Ah, Deus, eu tô lhe dando e você vai me dar isso? Não é uma obrigação, mas de coração. Temos a certeza de que o que você planta, você colhe, se planta feijão, colhe feijão, se planta milho não vai colher jaca, vai colher milho, até nessa área do dinheiro, tem a lei da sementeira. (Vladimir, IVV)

Entre entrevistados de terreiros de candomblé encontramos a peculiaridade das oferendas, compradas com dinheiro, mas diferenciadas de doar dinheiro para a instituição. Vejamos um trecho da entrevista com uma fiel de terreiro sobre esse ponto:

Constantemente sou abençoada por realizar ofertas, por mais que seja uma oferta pequena, arriar um padé, dar uma comida seca para o santo, ele vai te retribuir de alguma forma, seja nos teus caminhos, seja no teu sentimental. Então, eu vejo assim, se eu for ofertar uma coisa para minha pomba gira as mudanças são constantes, é de imediato. (Iorã),

Outro elemento comum que apareceu na nossa análise das entrevistas e na observação direta foi a representação do dinheiro como mediador de relações sociais nas instituições religiosas e com divindades, corroborando o proposto por Simmel, em *A filosofia do dinheiro*. O dinheiro, doado pelo fiel na forma de dízimo ou de oferta, ou de oferendas, media a relação entre fiéis e divindades – doar dinheiro ou coisas compradas por dinheiro no âmbito das dinâmicas das comunidades de fé é visto como elemento mobilizador de aproximação com divindades, assim como não doar é visto como elemento que afasta fiéis e divindades. De modo semelhante, doar dinheiro ou oferendas aproxima fiéis entre si, na medida em que reforçam laços de solidariedade, de pertencimento comunitário e lealdade/compromisso. Ainda a doação de dinheiro ou de oferendas (compradas com dinheiro) é representada como elemento mediador da relação entre fiéis e líderes religiosos, influenciando na imagem que estes fazem daqueles, a escuta e a atenção que lhes é oferecida.

É o que vemos ilustrado na fala do pastor Francisco Silva, da IVV: “então, o dízimo não foi estabelecido por homens, mas por Deus, e ele é na verdade um ato de fé, de obediência, de gratidão e de honra. Não é por obrigação nem por necessidade, mas é um **relacionamento com Deus**” (negrito inserido pela autora).

Na fala do padre João Bosco, aparece um elemento que qualifica e condiciona a eficácia da dádiva de dinheiro, no caso, o dízimo, o sentimento de gratidão – o que pode ser lido em termos maussianos, como o sentimento socialmente construído de obrigação da retribuição: “eu digo sempre às pessoas que não adianta dar dez por cento se não for dar com gratidão, porque o dízimo é uma forma de gratidão a Deus”.

Ainda sobre as condicionalidades e qualificações do doar dinheiro encontradas no trabalho de campo, vale aqui destacar que, segundo nossas observações diretas, na comunidade neopentecostal foi possível perceber um discurso mais explícito e direto

sobre o tema do que em igrejas católicas e terreiros. Vejamos um exemplo que ilustra esse ponto:

Uma forma que Deus encontra de abençoar mais na nossa vida é consagrar os 90% que fica quando a gente consagra 10% ao senhor. A bíblia fala da oferta da viúva pobre, e Jesus ficou admirado e disse para os seus discípulos que ela deu muito mais que todos os ricos, ele deu tudo o que tinha. Então, Deus não avalia o quanto fazemos, mas o como e a intenção do coração. (Pastor Francisco Silva)

Há uma extensão do apelo às doações de dinheiro, indo do estímulo ao dízimo (10%), aos 90%, sendo o discurso atravessado pela alusão à ‘intenção do coração’, remetendo ao campo do simbólico construído em torno da dádiva.

Na fala do padre citada a seguir, o fundamento é o mesmo: o apelo a doar tudo o que se tem; mas a linguagem usada é atravessada por um viés diferente. Vejamos:

Costumo sempre dizer que devemos dar algo, o pouco do que nós temos, para aqueles que podem dar a décima parte, mas o verdadeiro dízimo seja aquele que aquela pobre viúva do evangelho que ofereceu uma pequena moeda, que deu tudo que tinha. Eu digo sempre que não devemos dar a Deus a décima parte; devemos dar a Deus tudo. Partilhar o dízimo é como abrir o coração para Deus, **nos desprendendo do material que muitas vezes pensamos que é o tudo em nossa vida.** (Padre João Bosco. Negrito inserido pela autora)

No sistema cultural das religiões afro-brasileiras não observamos nas celebrações momentos específicos em que se fala, em que se estimula as doações. Não há ofertórios, coletas, como observado na IVV e em missas. A convocação para prover oferendas é feita nas relações pessoais entre líderes religiosos (pais e mães de santo) e fiéis. Vejamos o que disse Maria Piaba (juremeira) sobre esse ponto: “é assim: quem quiser ofertar, dá vela, dá perfume...aqui e ali na pomba gira eu gasto mais perfume. Assim cada um dá o que pode” (Maria Piaba).

Um diferencial relativo às representações dos papéis e funções do dinheiro nas comunidades religiosas encontramos no terreiro estudado, no qual aparece a figura do ‘cliente’ externo, que consome os serviços adivinhatórios, de purificação, de ‘trabalhos’ relativos à consecução de objetivos específicos, e ‘pagam’ pelo que consumiram/receberam. Nesse caso o esquema maussiano da dádiva é substituído pelo de relações mercadológicas, como vemos a seguir:

Olha, a dinâmica em terreiro de nação funciona através de três coisas, né, relativo ao terreiro, tem os que são chamados clientes da casa, que são as pessoas que vão fazer limpeza, né, consultas espirituais, então, não tem um preço fixo, que é dado, como se fosse uma oferta que você chega e dá para o orixá, se você não tiver também não deixa de ser acolhido na casa, essa é uma primeira forma. A segunda, é através dos jogos adivinhatórios, né, que é através dos jogos de búzios, jogos de cartas, é que minha mãe faz as consultas, né, para saber quais seriam os *ebós*, os banhos de limpeza. E a terceira é as doações nas obrigações que a gente faz, que a gente chama de obrigações de salão, que é a parte aberta para a comunidade, então, tem gente que oferta animal, tem gente que oferta dinheiro para ajudar nas obrigações de exu, de pomba gira, dos orixás, e aí essas são as três formas que movimentam o que a gente pode chamar de economia do terreiro.” (Tiago, candomblecista)

Mesmo aparecendo a relação entre cliente e terreiro, observamos no trecho acima a menção aos pagamentos feitos pelos que consumiram serviços religiosos como um tipo de ‘oferta’, o que pode indicar o funcionamento das estratégias de eufemização do interesse material focalizadas por Bourdieu, no seu *Economia das trocas linguísticas*.

Todos os membros da IVV mencionaram o dinheiro como um meio de acesso a bençãos e realizações na vida material, assim como também uma informante do candomblé e uma participante da igreja católica, corroborando nossa interpretação das representações construídas sobre a doação de dinheiro ou de coisas compradas com ele em termos da definição da estrutura triádica da dádiva proposta por Mauss, bem como da teoria simmeliana sobre o dinheiro enquanto mediador de interações.

A ideia mestra segundo a qual a circulação do dinheiro nas instituições religiosas analisadas corresponderia ao caráter funcional/operacional de manutenção da própria instituição aponta para o véu da eufemização do interesse material nas comunidades religiosas.

Considerações finais

Esta dissertação teve como objetivo central analisar de modo comparativo como fiéis de comunidades católicas, neopentecostais e candomblecistas constroem representações sobre os papéis e funções do dinheiro nas dinâmicas ativadas no âmbito das instituições religiosas às quais estão afiliados, bem como em suas experiências religiosas no nível individual.

Levando em consideração o debate já realizado sobre esse tema, construímos nossa problemática com referência à teoria da dádiva, de Mauss; e das reflexões sobre os papéis do dinheiro como mediador de interações sociais propostas por Simmel.

A metodologia adotada consistiu de um conjunto de observações diretas de celebrações realizadas nas comunidades religiosas selecionadas para o estudo, feitas durante cerca de 12 meses; bem como da realização de entrevistas com uma amostra não aleatória de fiéis das instituições religiosas cujas atividades frequentamos, mediante o estabelecimento de contatos pessoais e a disposição dos indivíduos em participarem da pesquisa.

As entrevistas nos colocaram diante das narratividades dos fiéis sobre o tema da pesquisa, apresentando estas ressonâncias da pedagogia da dádiva de cada uma das comunidades religiosas estudadas, bem como os traços de interpretações individuais, referidos às experiências religiosas vividas através das interações sociais horizontais (entre fiéis) e verticais (entre fiéis e líderes; entre fiéis e divindades).

Observamos que as representações dos papéis e funções do dinheiro nas comunidades religiosas, elaboradas pelos fiéis que entrevistamos são atravessadas pelas injunções da eufemização do interesse material que o manuseio do dinheiro geralmente implica nas relações sociais em geral, bem como nas interações e experiências que acontecem na esfera religiosa, implicando em sua construção dualidades tais como as presentes nas definições do sagrado e do profano, do puro e do impuro, do dizível e do indizível.

Como vimos ao longo do terceiro capítulo, as entrevistas oferecem evidências das representações dos papéis e funções do dinheiro nas instituições religiosas pesquisadas seja em termos de funcionalidade e operacionalidade – sendo ele o elemento que possibilita o funcionamento das atividades promovidas/realizadas em cada uma das comunidades religiosas, quer seja em termos de infraestrutura, quer seja para o

provimento de elementos relativos às experiências de contato mediado com divindades cultuadas.

Também a partir da observação direta realizada nas comunidades religiosas pesquisadas, bem como das entrevistas com fiéis delas participantes, encontramos a doação de dinheiro – na forma do dízimo ou de ofertas especiais; ou de oferendas através dele adquiridas – representada em termos de sua função organizadora, mediadora das interações entre fiéis, entre fiéis e lideranças e entre fiéis e divindades, no estilo da dinâmica triádica da dádiva como proposta por Mauss e por Simmel.

Além disso, pode-se destacar nos sistemas culturais religiosos, como em religiões afro-brasileiras que existem grupos de fazendeiros, vereadores, empresários, dentre outros participantes, os quais se diferenciam no aspecto dos termos de aquisição de recursos e contribuição. Ainda na igreja católica também há uma semelhança pelo público que participa e recolhe o dízimo, principalmente quando é um bairro de classe média. Já as igrejas neopentecostais tem uma “independência financeira”, que possuem até Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, como também grupos que participam que se diferenciam quanto a questão dos recursos. Assim, todos os sistemas observados seguem uma lógica financeira similar.

Um ponto a ser destacado é que quem não colabora com o dízimo presta serviços, que também é uma forma de retribuição, também atua no circuito de recebimento de “bençãos” e “graças”.

Destacou-se nas entrevistas realizadas a ideia de que doar dinheiro ou oferendas representa uma estratégia de conquistar retribuições das divindades receptoras, que seja na forma de ‘graças’, ‘bênção’ ou consecução de objetivos específicos. As falas registradas nas entrevistas, bem como nas celebrações observadas parecem ser produzidas para não ser revelado o indizível. Entretanto o jogo das contradições e dualidades a partir das quais os indivíduos constroem as representações do que vivem e experienciam revelam os desejos da troca simbólica com o sagrado mediada pelo dinheiro.

O dinheiro não é narrado apenas em seu sentido utilitário ou mercadológico, mas como um elemento de energia, de ligação, de interação entre os sujeitos e as divindades, como um elemento de facilitar ou dificultar as interações realizadas na esfera religiosa.

Assim, o dinheiro, sob as perspectivas maussiana e simmeliana é objeto dos discursos que circulam em comunidades religiosas sob formas mais ou menos veladas, sob as injunções das maneiras pelas quais ele é colocado diante da distinção entre o

profano e o sagrado, em cada um dos sistemas culturais das instituições religiosas consideradas.

A vida cotidiana e a esfera religiosa se encontram permeadas pelo dinheiro, quer na forma de capital monetário quer enquanto mediador simbólico de interações entre indivíduos em geral, instituições, nações; fiéis e lideranças religiosas; fiéis e divindades. Nesse ponto do trabalho é importante voltar à ênfase de Jameson, no seu "A Cultura do Dinheiro", de que o nosso presente histórico é caracterizado pela fusão entre cultura e economia. Em outras palavras, o capitalismo tardio depende, para seu bom funcionamento, de uma lógica cultural, de uma sociedade de imagens voltada para o consumo. Por sua vez, os produtos culturais são tanto base como superestrutura, produzindo significados e gerando lucros. Em suma, os bens simbólicos estariam a serviço do dinheiro.

Na esfera da religião, da produção da ciência, das artes, cabe continuar estudando como são construídas representações dos papéis, funções e significados do dinheiro, questionando qual parte da aparência do real precisa ser obnubilada para que os sujeitos sociais sejam efeitos dessa aparência. Que a pesquisa continue...

Referências

- ALTMANN, Walter. Censo IBGE 2010 e Religião. *In: HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 2012, pp. 1122- 1129.
- ALVES, Rubem Azevedo. **O que é Religião**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense 1984.
- ANTUNES, Jadir. Marx e o fetiche da mercadoria dinheiro. *In: Revista Dialectus*, Fortaleza, v. 5, n. 12, p. 139-162, jan./jul. 2018.
- APPADURAI, A. *Introduction: commodities and the politics of value*, em A. Appadurai (ed.), **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. Cambridge, Cambridge University Press, pp.3-63.
- ASSIS, Machado de, 1839-1908. **Contos**. – 2 ed – Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2017.
- BAPTISTA, José Renato de Carvalho. Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro as relações de troca no candomblé. *In: Mana*, v. 13, n. 1, 2007, pp. 7-40.
- BARROZO, Victor Breno Farias. Corpos, êxtase e religiões: as representações do corpo no candomblé e no neopentecostalismo na contemporaneidade. *In: Último Andar*, n. 33, p. 90-109, 2019.
- BAZZICHI, Oreste. **Dall'economia franciscana all'economia capitalistica moderna: una via al'umano e all'civilenell'economia**. Roma: Armando, 2015.
- Boas, F..**Antropologia cultural** (Org. etrad. Celso Castro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., Coleção Antropologia Social, 2004.
- Bourdieu, Pierre, 1930-2002 **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer** I Pierre Bourdieu ; prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. -São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean Claude. 2ª ed. **Ofício de Sociólogo**. Petrópolis, Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução e organização de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRANDÃO, Welington Cardoso. **Terapia a serviço do dízimo: Por que sou dizimista? Por que não sou dizimista? Em busca de uma resposta**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2019.
- BRUNI, Luigino; SMERILLI, Alessandra. **Benedetta economia: Benedetto de Norcia e Francesco d'Assis nellastoria econômica contemporânea**. Roma: Città Nuova, 2008.

BOFF, Leonardo & BOFF Clovis, **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CAMURÇA, Marcelo. Seria a caridade a ‘religião civil’ dos brasileiros? *In: Praia Vermelha: estudos de política e teoria social*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Serviço Social, v. 4, nº. 12, p. 42-60.

CARMO, João. **O que é Candomblé**. Brasiliense, 2017.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

COSTA, Valeriano dos Santos. Dizimo: força de uma Igreja que caminha. Disponível em: <https://capelapuc.org.br/wp-content/uploads/2022/01/DIZIMO-FORCA-DE-UMA-IGREJA-QUE-CAMINHA.pdf> [Acesso em setembro de 2022].

DA SILVA, Drance Elias. O dinheiro como dádiva e mediação na relação com o sagrado. *In: Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 10, 2004, pp. 211-232.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *In: CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 2, n. 14, 2019, pp. 106-118.

DE LIMA, Raymundo. O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje. *In: Revista Espaço Acadêmico*, v. 1, n. 07, 2001.

DOUGLAS, Mary. **Como as Instituições Pensam** (tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. [Traduzido por: Paulo Neves. São Paulo]. Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, É. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. [Trad: Joaquim Pereira Neto] 3º Reimpressão, São Paulo: Paulus, 2018.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**; São Paulo: Editora Nacional; 1995.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico I** Émile Durkheim ; tradução Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão. - 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FLEXA, Rubem Fonseca. O apelo ao dinheiro e a ética evangélica no neopentecostalismo. *In: TOTUM-Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória*, v. 5, n. 2, 2018.

GASQUES, Jerônimo. **AS CINCO LEIS DO DÍZIMO**: na natureza nada se perde, tudo se transforma. São Paulo: Ed. Paulus, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GODBOUT, Jacques T. Introdução à dádiva. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, p. 39-52, 1998.

GOFFMAN, Erving; GISI, Bruna; SOARES, Roberta. A ordem da interação: Discurso presidencial da American Sociological Association. *In: Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 12, n. 3, p. 571-603, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face [Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GONÇALVES, Fábio da Silva; OLIVEIRA, Daniel Coelho de. Entre o divino e o dinheiro: análise de serviços magísticos em um terreiro de Candomblé. *In: Interações (Campo Grande)*, v. 23, p. 149-164, 2022.

HOFFMANN, Carlos Alberto Kalinovski. A fé e o dinheiro: uma etnografia do batuque no capitalismo brasileiro. **Revista Contraponto**, v. 8, n. 1, 2021

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: CosacNaify, 2005.

HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. *In: Primeiros Estudos*, n. 1, p. 81-104, 2011.

JAMESON, Frederic. **A cultura do dinheiro**. [Tradução de Maria Elisa Cevasco, Marcos César de Paula Soares]. Petrópolis/RJ: Vozes. 2001.

JÍNOVÁ, Kristina. **Comparação entre cultos afro-brasileiros candomblé e umbanda**. Departamento das Línguas Românicas, Faculdade das Letras. UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI Filozofická fakulta 2020.

JUSTAMAND, Michel; DE VARGAS, Fátima M. Flores; PAIVA, Leandro. As primeiras trocas e representações coletivas como elementos de compreensão das negociações com o sagrado na contemporaneidade. *In: PARALELLUS - Revista de Estudos de Religião-UNICAP*, v. 11, n. 28, 2020, pp. 601-617.

KAUFMANN, Jean-Claude, 1948- A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo/Jean-Claude Kaufmann; Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio; revisão técnica de Bruno César Cavalcanti. – Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

LACERDA, Lucelmo; PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. E os católicos se rendem à universal do reino deus: aproximações dos carismáticos com o neopentecostalismo. *In: Anais do X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação* – Universidade do Vale do Paraíba, 2006, pp. 1866-1869.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. *In: Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez., 2015.

LAHIRE, Bernard Socialização:quadros, modalidades, tempos, efeitos. In: ROBERT, Cécile; MICHEL, H.élène. **La fabrique deseuropeens**. Strasbourg: PressesUniversitaires de Strasbourg,2010. pp. 431- 444.

LEAL, Natacha Simel. Simmel e o dinheiro: primeiros ensaios.*In: Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 1, p. 349-353, 2011.

LEMOS, Carolyne Santos. Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo.*In:Revista Eletrônica Espaço Teológico*. ISSN 2177-952x, v. 11, n. 20, p. 80-96, 2017.

LINARES, Ronaldo. Oferendas aos deuses.Disponível em:<https://santuariodeumbanda.com.br/site/2019/08/23/oferendas-aos-deuses/#:~:text=Nossas%20oferendas%20costumam%20ser%2C%20em,ser%C3%A1%20manipulada%20pelos%20Guias%20Espirituais> [Acesso em 25/09/2022].

MACEDO, Edir. **O perfeito sacrifício**: o significado espiritual do dízimo e das ofertas. Unipro, 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa.*In: Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública.*In: Civitas*, vol. 11, nº 2, 2011, pp. 238-258.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif. 2003.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Luiz Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva Social. 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

MOTTA, Roberto. Xangô, Jurema e Umbanda: anotações sobre três formas de religião popular na região do Recife.*In: Revista del CESLA*. International Latin American Studies Review, n. 26, p. 3-24, 2020.

ORIOLO, Edson. **Dízimo**: Pastoral e administração. Paulus Editora, 2021.

OLIVEIRA, Everaldo José de. **O trânsito religioso e suas implicações na ação pastoral**. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.

Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Teologia, 2020.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *In: Ilha: revista de antropologia*. Florianópolis, SC. Vol. 3, n. 1 (nov. 2001), pp. 71-85, 2001.

PESSOA, Fernando. **Livro do dessassossego** / Fernando Pessoa. – Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019.

PLEYERS, Geoffrey. A “guerra dos deuses” no Brasil: da teologia da libertação à eleição de Bolsonaro. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RASCHIETTI, Estêvão. Economia e Missão na Vida Religiosa Apostólica: opções fundamentais, sustentabilidade e gestão. *In: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Estevao3.pdf>* [Acesso em agosto de 2022].

SILVA, Drance Elias da. **A sagração do dinheiro no neopentecostalismo: religião e interesse à luz do sistema da dívida**. Tese defendida no Programa de Pós – Graduação em Sociologia da UFPE, 2006.

SILVEIRA, R. da. **Candomblé da Barroquinha**. São Paulo: Maianga, 2007.

SIMMEL, Georg. **A filosofia do dinheiro e outros ensaios**. [Tradução de Arthur Morão]. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

SIMMEL, Georg. Subjective Culture”. *In: On Individuality and Social Forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. (Trad. Antonio Carlos Santos). *In: Crítica Cultural – Critic*, v. 9, n. 1, jan.-jun. 2014.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. *In: Simmel e a modernidade*. Brasília, Brasil, Editora Universidade de Brasília, 2014.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. **Essayson Religion**. Yale: Yale University Press - Durham, 1997. 223p

SANTOS, José Leandro Fernandes dos *et al.* **Templo é dinheiro: o uso do território pelas igrejas neopentecostais na cidade de Maceió, AL (1987-2018)**, Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFAL, 2019.

SOUZA, André Ricardo de. Igreja Católica e mercados: a ambivalência entre a solidariedade e a competição. *In: Religião & Sociedade*, v. 27, p. 156-174, 2007.

TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Editora Vozes Limitada, 2014.

TODESCHINI, Giacomo. *Ricchezza franciscana: dallapovertàvolontaria ala societàdimercato*. Bologna: Il Mulino, 2004.

WEBER, Max; **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.

WEBER, Max, 1864-1920. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva[Traduçãode Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa]; Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil**-volume I: 1500-1889. São Paulo: Editora Santuário, 2021.